Editora ABRIL
edição 2809 - ano 55 - nº 39
5 de outubro de 2022

O BRASIL QUE QUEREMOS

Passadas as eleições mais polarizadas da história, será a hora de resolver as questões cujo enfrentamento é consenso entre aqueles que querem um futuro mais decente para o país. São pelo menos dez problemas cruciais — mas, até aqui, os candidatos pouco falaram deles

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Diogo Vassao Magri, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Gustavo Magalhães da Silva Junior, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Purchio Haddad, Marcela Moura Mattos, Maria Aguida Menezes Aguiar, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Ramiro Brites Pereira da Silva, Reynaldo Turollo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Diego Alejandro Meira Valencia, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Vitoria Barreto Martins **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MERCADO PUBLICITÁRIO** Jack Blanc **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 809 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 39. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

Castelo SAINT ANDREWS

REFERÊNCIA NA HOTELARIA DE ALTO PADRÃO NA AMÉRICA LATINA

A PRIMAVERA CHEGOU!

Imagine um lugar perfeito, onde design, bem-estar e gastronomia se harmonizam de maneira integrada. Assim é o Castelo Saint Andrews, um Relais & Châteaux na encantadora Gramado.

Envolto pelo clima intimista da Serra Gaúcha e o esplendor do Vale do Quilombo, jardins encantadores, restaurante Primrose com menus personalizados e premiada carta de vinhos, adega gourmet, boulangerie, cigar lounge, espaço fitness, piscina coberta e aquecida, sauna e spa.

Hospedagens: de 2 a 7 noites incluímos transfer privativo, welcome drink na chegada, massagem escalda pés, serviços de concierge e mordomo, amenities Trousseau, café da manhã menu degustação com horário livre, chá da tarde tradicional inglês*, jantar menu surprise do chef e jantar temático harmonizado, noite de pizzas gourmet*, terapia relaxante**. Visitas: Vinícola Jolimont com degustação**, Cristais de Gramado, Geo - Museu de Pedras Preciosas. Programações opcionais: Ingressos para o espetáculo Natal Luz de Gramado, passeios pelo Vale dos Vinhedos e Vinícola Seganfredo.

(* somente hospedagens de 4 e 7 noites / ** somente hospedagem com 7 noites)

Espaço Madrepérola/Restaurante Primrose

Experiências gastronômicas harmonizadas com os melhores vinhos do mundo!

Veja em nosso site a programação completa de Outubro/22 a Março/23, incluindo Natal e Réveillon com maravilhoso Show Som & Luzes. Férias de Verão 2023 - Janeiro - Mês das Hortênsias nos jardins do Castelo. Fevereiro - Vindima Experience e Carnaval Veneziano. Faça sua reserva!

Mountain House

Mountain House - Casa exclusiva com 500m² Dentro do complexo do Castelo Saint Andrews!

Com garagem privativa, hall, salas de jantar e estar, cozinha completa, suíte master com vista maravilhosa para o Vale do Quilombo e 2 suítes loft . Você conta com serviços exclusivos do hotel: Mordomos, Camareiras, Concierges e Exclusivo Chef que irá preparar refeições a seu gosto.

Reservas: (54) 3295-7700 / 99957-4220 (ou seu agente de viagens) | castelosaintandrews | saintandrews.com.br

ALEXANDRE SCHNEIDER/GETTY IMAGES

PAULO LOPES/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

LONGE DOS REAIS PROBLEMAS Lula e Bolsonaro: ausência de debate de temas relevantes para o Brasil de amanhã

A CHANCE PERDIDA

AO LONGO dos últimos dois meses, os principais candidatos à Presidência da República passaram ao largo dos temas de real importância para o Brasil. Pareciam alheios (salvo os raros instantes de lucidez que confirmam a regra) à atual situação econômica do mundo e do país, como se só lhes restasse alimentar a polarização ideológica que tanto empobrece as discussões atuais. O Brasil que espera o novo mandatário em janeiro de 2023, não importa qual seja o vencedor, enfrentará dificuldades bastante espinhosas. Além dos nossos problemas atávicos, a exemplo da pobreza alimentada pelo fosso social, podemos encarar a falta de liquidez global, causada por um mundo em recessão depois de quase três anos de pandemia, em cenário agravado pela eclosão da guerra na Ucrânia. Não será fácil.

A lista de assuntos que mereciam mais atenção, portanto, é imensa. Contudo, e sobretudo entre os candidatos que despontam à frente nas pesquisas de intenção de votos, o caminho escolhido foi outro. O ex-presidente Lula, sem nem sequer apresentar um programa econômico claro, pediu aos eleitores um cheque em branco — como se o bom desempenho no primeiro mandato, entre 2003 e 2006, autorizasse franco otimismo em condições completamente diferentes. O atual presidente, Jair Bolsonaro, comportou-se como sempre, respondendo com rispidez — e muitas vezes com misoginia — a perguntas delicadas. Foi capaz apenas de prometer a manutenção do Auxílio Brasil, sem nem mesmo defender de forma mais explícita algumas boas conquistas de seu governo, como a privatização da Eletrobras, a autonomia do Banco Central e a reforma da Previdência. Ambos, Lula e Bolsonaro, escondem o óbvio: o Brasil de 2023 estará numa situação mais desafiadora do que quando receberam a faixa presidencial. A novos percalços, o correto seria a oferta de soluções concretas e um debate profundo sobre as melhores propostas. Mas não foi o que se viu, ao menos até o momento. Caso a escolha do presidente vá para o segundo turno, haverá tempo para que eles se aprofundem sobre o que pretendem fazer no governo. Embora o mais provável seja a manutenção da guerra.

Um modo de enfrentar os obstáculos do Brasil, por óbvio, seria entendê-los, estudá-los e debatê-los. De nada adianta manter as discussões ao ritmo de mais do mesmo — como se ao país não coubesse outro destino a não ser a escolha entre opostos. A reportagem que começa na página 22 esmiúça alguns dos assuntos que precisariam ter sido levados aos debates e ao horário gratuito, mas foram “esquecidos” pelos candidatos: a redefinição do papel do Estado na economia, o reequilíbrio entre os poderes, a recuperação do déficit de ensino gerado durante a pandemia e, claro, a redução da desigualdade, além de outros nós que pedem correção de rumo. A campanha poderia ter servido a esse importante passo civilizatório — um olhar para o futuro. Lamentavelmente, nada disso aconteceu neste primeiro turno. ■

GOLF · SURF · TÊNIS · EQUESTRE · TOWN CENTER

Surfside Residences com Malibu, Laguna e Pebble Residences. As melhores ondas quebrando em frente à sua janela.

RESIDENCES de 139 a 627 m² com VISTA para a PISCINA AMERICAN WAVE MACHINES.

Além de uma completa estrutura de serviços e amenities inéditas.

• Campo de golfe de 18 buracos assinado por Rees Jones
• Club de Surf de uso reservado apenas para membros • Centro de Tênis, com 15 quadras e arena para torneios internacionais • Centro equestre e Fazendinha • Town Center com lojas e restaurantes • Kids Center
• Spa internacional • Academia • Clube esportivo • Centro Orgânico

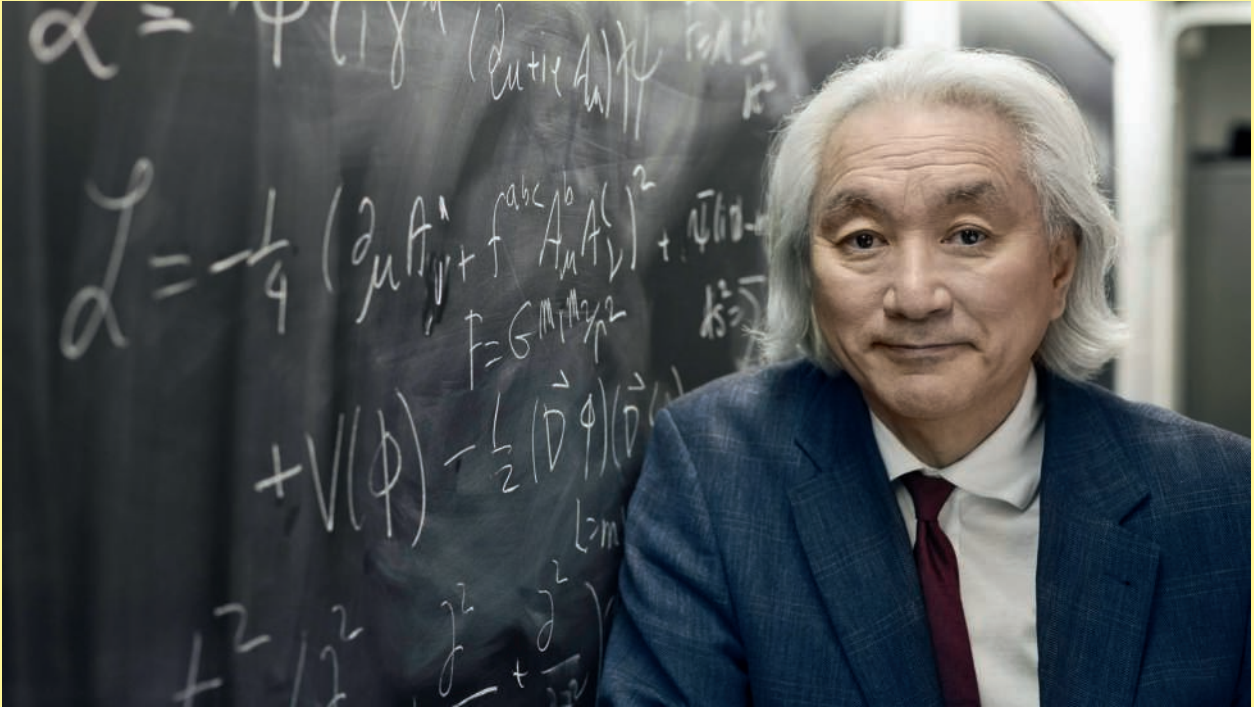
Piscina para prática de surf American Wave Machines

COM A QUALIDADE E A EXCELÊNCIA JHSF.É BOA VISTA, É IGUAL E É DIFERENTE.

CONHEÇA OS DETALHES
E AS OPÇÕES DE PLANTAS,
BAIXE O APP JHSF REAL ESTATE.

AGENDE SUA VISITA
Vendas: 11 3702.2121 • 11 97202.3702
atendimento@centraldevendasfbv.com.br

JHSF

O presente se refere às incorporações do Boa Vista Surf Lodge e Boa Vista Golf Residences registradas no RGI de Porto Feliz/SP e a futuros lançamentos da JHSF. Os projetos e memoriais de incorporação ou de loteamento dos futuros empreendimentos estão sujeitos à respectiva aprovação pela Prefeitura de Porto Feliz/SP e demais órgãos competentes e ao registro nas matrículas dos imóveis. As Amenities referentes à piscina de Surf, ao Spa, ao Equestre e aos Clubes de Tênis, Esportivo e de Golfe não integrarão os futuros lançamentos e/ou as incorporações já registradas. O uso de tais Amenities será feito de acordo com as regras previstas na Convenção de Condomínio de cada incorporação imobiliária e no Estatuto Social da Associação Boa Vista Village (em constituição). A JHSF poderá desistir do lançamento dos futuros empreendimentos. As ilustrações, fotografias, perspectivas e plantas deste material são meramente ilustrativas e poderão sofrer modificações a critério da JHSF e/ou por exigência do Poder Público. O memorial de incorporação ou do loteamento e o instrumento de compra e venda prevalecerão sobre quaisquer informações e dados constantes deste material. Intermediação comercial pela Conceito Gestão e Comercialização Imobiliária Ltda. CRECI 029841-J. Telefones (11) 3702-2121 e (11) 97202-3702.

DIVULGAÇÃO

EM BUSCA DE DEUS

O físico americano que é um dos maiores divulgadores da ciência na atualidade fala de sua procura por uma equação capaz de explicar a harmonia divina do universo

MARCELO MARTHE

O AMERICANO Michio Kaku, de 75 anos, ostenta uma dupla condição rara. No mundo do conhecimento, é respeitado como um dos maiores físicos em atividade no planeta, com contribuições ao estudo de áreas como a mecânica quântica e a Teoria das Cordas. Mas Kaku também tem o dom de ser pop: assim como fizeram no passado o americano Carl Sagan ou o inglês Stephen Hawking, ele sabe traduzir conceitos complexos para o público em programas de TV e em livros. Acaba de sair no país, pela editora Record, o mais recente deles: em *A Equação de Deus,* Kaku discorre sobre sua busca pela chamada Teoria de Tudo, fórmula capaz de unificar os campos da física. Na entrevista, ele explica por que a procura por esse graal da ciência é tão relevante e fala sobre a importância da física para o desenvolvimento humano, a chance de toparmos com alienígenas e a existência de universos paralelos.

Em *A Equação de Deus,* o senhor discorre sobre a busca de uma fórmula matemática capaz de unificar diferentes campos da física. Por que devotou sua vida a esse objetivo? Quando eu tinha 8 anos, os jornais diziam que um grande cientista acabara de morrer, e mostravam a foto de um livro inacabado sobre sua mesa. Fiquei fascinado com aquela história. Então descobri que o nome desse homem era Albert Einstein, e aquele livro que ele não conseguiu terminar seria a *Teoria de Tudo.* Essa é a equação que colocou o universo em movimento e que unificaria todas as leis da natureza em uma única teoria. Em outras palavras, Einstein queria tocar, realmente, o modo de pensar de Deus. Dali em diante, resolvi que eu precisava continuar sua busca.

Por que uma teoria seria tão importante a ponto de ser chamada de equação de Deus? Foi o próprio Einstein quem disse que sua missão era ler a mente de Deus: o universo não poderia ter sido apenas um acidente, um amontoado de equações

aleatórias que não significam nada. Não: é preciso haver um princípio unificador, um conceito que dê sentido a tudo em uma única equação. Dê uma olhada em $E=mc^2$, a famosa equação dele. Tem apenas meia polegada de comprimento e, no entanto, contém o segredo das estrelas. Ela unifica a energia com a matéria. Na trilha de Einstein, os cientistas querem dar o próximo passo: unificar a força nuclear e a força da gravidade em uma única equação.

Para as pessoas comuns, conceitos assim são impenetráveis. Por que o leigo deveria gastar seu tempo tentando compreendê-los? Quando olhamos para o céu à noite e vemos os bilhões de estrelas do universo, nós nos perguntamos o que tudo isso significa. Quero dizer, como nos encaixamos nesse esquema maior das coisas? Isso toca a todos nós — nossas religiões, nossas filosofias, nossa imaginação. Einstein nos dá uma imagem, a de que o universo é uma bolha, e ela está se expandindo — isso é chamado de Teoria do Big Bang. Mas agora percebemos que pode haver outras bolhas por aí, não apenas uma, mas muitas. A cada avanço da física, percebemos que o universo é muito mais rico do que pensávamos anteriormente.

Na vida prática, qual o peso das descobertas da física? Se você revir a história, perceberá que os saltos humanos coincidem com revoluções da física. A teoria da mecânica nos deu a Revolução Industrial. E quem definiu o ritmo dessa inovação foi Isaac Newton. O segundo grande avanço veio de James Clerk Maxwell e Michael Faraday, que nos deram a revolução da eletricidade. De repente, tínhamos dínamos, geradores, lâmpadas e eletrodomésticos. Por fim, tivemos a revolução da energia atômica, que explicou a natureza do átomo e permitiu explorar seu potencial.

“Quando olhamos para o céu à noite e vemos bilhões de estrelas, nos perguntamos o que tudo isso significa. A cada avanço da física, percebemos que o universo é muito mais rico do que pensávamos”

Einstein era considerado um rebelde fracassado quando jovem. Ser um desajustado ajudou a fazer dele um gênio? Foi crucial que Einstein se visse como um estranho. Ele matava as aulas de matemática porque sabia mais sobre ela que os professores. Quando chegou a hora de se candidatar a um emprego, teve zero proposta. O que fez? Ofereceu-se para o posto de vendedor de seguros. Tentou dar aulas particulares, mas foi demitido. Quando achou um emprego humilde de balconista, teve tempo para elaborar a Teoria da Relatividade. Sua inadequação fez bem à ciência.

Assim como Carl Sagan, o senhor é um físico pop. Por que seguiu esse caminho? Na infância, fui a uma biblioteca para buscar o que pudesse sobre quarta dimensão, antimatéria, buracos negros — e não encontrei nada. Não havia livros sobre física, apenas infantis. E eu disse a mim mesmo: quando crescer e me tornar um físico, quero escrever livros para pessoas como eu naquela etapa da vida. Eu quero ensinar aos jovens que, sim, é nisso que trabalhamos. Nós, físicos, escrevemos sobre guerras espaciais, buracos de minhoca e afins. O jovem que se interessa por isso não está sozinho.

Traduzir conceitos complexos para as pessoas comuns tem algum impacto social? Einstein uma vez conversou com crianças em idade escolar e lhes disse que, por maiores que fossem as dificuldades delas com a matemática, as dele eram piores. Ele também disse, sabiamente, que se uma teoria não pode ser explicada a uma criança, então provavelmente não tem valor. As maiores teorias são baseadas em imagens simples. E cabe a nós transmitir isso ao público, em vez de jogar equações na cara das pessoas.

Ser um físico pop é visto com bons olhos entre seus colegas na academia? Até há poucas décadas, ser um cientista pop era um problema. Carl Sagan se candidatou a membro da Academia de Ciências dos Estados Unidos, mas foi recusado. Uma injustiça: nós sabemos que ele fez grandes contribuições à astronomia e à ciência planetária. Eis então que surgiu Stephen Hawking. Ninguém contestava o fato de ele ser um grande cientista, e ele adorava conversar com pessoas comuns. Hawking promoveu uma mudança radical na maneira como outros cientistas veem os colegas que dialogam com o público.

O senhor já declarou que acredita na existência de vida extraterrestre, e que em questão de um século a humanidade terá contato com alienígenas. O que sustenta essa previsão? Há 100 bilhões de estrelas só na Via Láctea e outros 100 bilhões de galáxias. Se há tantos bilhões de mundos, como assumir que somos a única espécie inteligente? É uma presunção ridícula. Nós, cientistas, sabemos disso e estamos tentando interceptar sinais

dessas outras civilizações. Até agora não detectamos nenhuma indicação de vida inteligente no universo além do planeta Terra. Mas talvez, dentro de 100 anos, nossos telescópios e receptores de rádio sejam tão poderosos que seremos capazes de encontrar evidências de planetas com vida. Temos de nos acostumar com a ideia de que provavelmente não somos a única espécie inteligente na Via Láctea.

Devemos festejar ou temer essas formas de vida alienígena? Algumas pessoas defendem a tese de que, em vez de simplesmente tentar captar sinais do espaço, devemos enviar transmissões anunciando nossa existência aos alienígenas, dizendo: "Aqui estamos, venham nos visitar". Pessoalmente, acho que é uma má ideia. Pois não sabemos o que os alienígenas querem. É preciso mirar-se na triste história do México colonial. Montezuma, o líder dos astecas, cometeu um dos maiores erros da história ao achar que o conquistador espanhol Cortés era um deus. Cortés era um pirata em busca de ouro. Tinha armas de aço, cavalos — e levou para os astecas a varíola, destruindo o império em poucos meses. Por isso, temos de ter cuidado ao buscar contato com os aliens. Na maioria das vezes, eles serão pacíficos. Mas, caso não sejam, é melhor não saberem de nossa existência.

O novo telescópio James Webb pode desempenhar um papel importante na busca por vida em outros planetas? Sim, definitivamente. Até agora, registramos 5 000 planetas circulando em torno de outras estrelas. A maioria deles é do tamanho de Júpiter, mas alguns são muito próximos do tamanho da Terra. Agora, queremos fotografias de suas atmosferas e saber mais sobre seu clima. O telescópio Webb é poderoso o suficiente para nos dar detalhes desses planetas. Eles têm oxigênio? Água? Vida? Mal posso esperar pelas revelações que o telescópio nos trará.

Nos últimos anos, a ciência vem sofrendo ataques – a desinformação reviveu até mesmo a estapafúrdia teoria de que a Terra é plana. O conhecimento está sob ameaça? Em uma democracia, sempre podemos dar nossas opiniões. Algumas delas são ultrajantes, outras incorretas. Mas isso é liberdade de expressão. Temos de permitir que as ideias — inclusive as mentirosas e erradas — entrem em conflito umas com as outras. Se a democracia permite diferentes pontos de vista, porém, cabe aos cientistas defender o rigor do método científico, que consiste em provar que uma teoria de fato é verdadeira. As ideias corretas vêm da interação com as incorretas: é o conflito constante entre elas que expõe a verdade. É claro que nós nos contorcemos de rir quando ouvimos algumas pessoas hoje defenderem teorias bobas como o terraplanismo. Mas temos de ser incansáveis em fazer valer a luz da ciência.

"É claro que nós nos contorcemos de rir quando ouvimos pessoas defendendo teorias bobas como o terraplanismo. Mas temos de ser incansáveis em fazer valer a luz da ciência"

Uma das teorias fascinantes que o senhor estuda traz a possibilidade de um dia a humanidade acessar dimensões paralelas. Como isso seria possível? Einstein nos deu uma quarta dimensão, que é o tempo. Depois, a Teoria das Cordas chegou a onze. E o que na física chamamos de buracos de minhoca são talvez portais para outras dimensões. Essas passagens dimensionais são possíveis em teoria, mas muito difíceis de ser acessadas na prática: abrir tal portal requereria energia comparável à de um buraco negro. Não pense, portanto, que qualquer inventor vai criar uma máquina para surfar num buraco de minhoca tão cedo. Estamos falando de algo que só estará ao alcance de uma civilização muito avançada.

Na ficção, filmes como *Matrix* e as superproduções da Marvel exploram multiversos e viagens no tempo. Há algum lastro científico nessas tramas? Na ficção científica dos anos 1950 era tudo sobre foguetes, porque essa era a vanguarda da ciência então. Mas hoje foguetes entediam os jovens. Assim, os escritores têm de fazer algo novo, excitante, vindo da física, como naves capazes de viajar para outras dimensões e universos. E assim o multiverso praticamente assumiu o controle dos filmes da Marvel. Agora, há alguma verdade nisso? A resposta é: talvez sim. A mecânica quântica é a teoria mais bem-sucedida de todos os tempos, e é daí que vem a ideia do multiverso: do fato de que os elétrons podem estar em dois lugares ao mesmo tempo. Os físicos levam a ideia do multiverso muito a sério.

Aos 75, o senhor ainda sonha em descobrir a Teoria de Tudo? Bem, eu espero que alguém, talvez um jovem estudante empreendedor, consiga alcançar esse feito que eu e tantos outros cientistas sempre buscamos. Será um grande evento para o mundo. ■

A CAMINHO DA LIBERDADE

ENCAIXAR a vida inteira em um par de malas, arrastá-las por estradas, atravessar fronteiras, fugir — são cenas comuns desde que a Rússia invadiu a Ucrânia, em fevereiro, forçando mais de 7 milhões de ucranianos ao exílio. Agora, contudo, quem corre para a diáspora são os russos. Milhares de homens com idade para o Exército, maiores de 18 anos, deixaram a Rússia depois que um resoluto Vladimir Putin anunciou, na semana passada, a mobilização de 300 000 reservistas para reforçar as linhas de frente. Estima-se que cerca de 260 000 cidadãos puseram o pé na estrada. A cada dia, **10 000 atravessam a fronteira com a Geórgia.** Filas imensas de carros serpenteiam a caminho da Finlândia. Por quanto tempo Putin permitirá que as rotas de fuga permaneçam abertas, no entanto, é uma incógnita preocupante. O Kremlin despachou, na terça-feira 27, veículos blindados para as fronteiras. Enquanto isso, o autocrata procura escalar a ofensiva em outras frentes, depois de clamar vitória nos referendos em quatro regiões ucranianas ocupadas por forças russas — Donetsk, Luhansk, Kherson e Zaporizhzhia. As votações, consideradas ilegais pela comunidade internacional, indicavam suspeitíssimos índices de 95% de apoio à anexação do equivalente a 15% do território da Ucrânia. O ex-presidente Dmitri Medvedev resumiu a ideia, antes mesmo do anúncio oficial dos resultados: “Bem-vindos à Rússia”. Putin admite perder muitos homens e até alguma popularidade, mas a guerra, ao que tudo indica, ele quer continuar. Pior para o mundo. ■

Amanda Péchy

ZURAB KURTSIKIDZE/EPA/EFE

MÁRCIO FARIAS

FASES Christiana: há dias em que se sente homem e, em outros, mulher

"GÊNERO NÃO DEVE SER FIXO"

Integrante de uma das mais tradicionais famílias do Rio de Janeiro, a atriz se assume como gênero fluido e conta como foi lidar com a resistência da mãe e os preconceitos também fora de casa

Como se define do ponto de vista de gênero? Sou fluido. Trata-se de uma pessoa que não se enxerga como pertencente a um gênero só. Tem dias nos quais me sinto como um homem e, em outros, acordo com energia feminina.

Pode explicar como funciona isso? Gênero não deve ser fixo. As fronteiras entre o feminino e o masculino praticamente não existem. Antes de tudo, somos indivíduos e únicos. Não preciso me rotular como isso ou aquilo. E a questão não tem necessariamente a ver com a orientação sexual. As pessoas tendem a achar que gênero fluido é ser bissexual. Mas não é sobre isso. Mesmo que tenha umas fases masculinas ou femininas, elas não influem na minha sexualidade. Sou lésbica.

Sente vontade de modificar seu corpo? De jeito nenhum. Sou muito feliz com ele. O julgamento vem das outras pessoas, mas não estou nem aí.

Você vem de uma família tradicional do Rio de Janeiro. Como foi a reação deles ao saber que se identificava como gênero fluido? Quando descobri, nem existia essa palavra. Ou você era gay ou não. Como lésbica, sofri com algumas atitudes, em especial da minha mãe, Germana. Ela não concebia a ideia de ter uma filha "sapatão". Ficava apavorada com a ideia. Com o tempo, aceitou. Hoje tenho uma boa relação com toda a família. Na sociedade, desconfiavam da minha sexualidade, mas não me assumia por medo de ser julgada e até de perder meu emprego de atriz. Meu agente, inclusive, me pedia que eu fosse discreta.

Por que resolveu só agora, aos 57 anos, falar abertamente sobre a questão? Descobri quem eu sou. Não quero ter de viver com medo de me expor. Estou preparada para o que vier pela frente, seja uma coisa muito boa ou não. Também foi um jeito de dizer ao mundo que é hora de acabar com preconceitos. Sei que essa exposição vai gerar julgamentos. Mas não vou mais me esconder.

Teme críticas ou mesmo ser alvo de violência? Sei que alguns me aceitarão e outros jogarão pedras. Quero só ver, agora, quem é que vai me dar papéis em novelas ou no cinema. Nós somos minoria. Em pleno século XXI, e por treze anos, o Brasil continua sendo o país que mais mata travestis no mundo. Quando foi que nos tornamos tão moralistas? Precisamos lutar e falar mais sobre esses temas para que as pessoas não sofram perseguições. ■

Simone Blanes

SILVER SCREEN COLLECTION/GETTY IMAGES

QUE MEDO... Louise Fletcher em *Um Estranho no Ninho:* par assustador com Jack Nicholson

UMA VILÃ INESQUECÍVEL

Em 1976, *Um Estranho no Ninho,* filme de Milos Forman, quebrou a banca na cerimônia de entrega do Oscar. Levou as estatuetas de melhor filme, melhor diretor, melhor roteiro adaptado, melhor ator (Jack Nicholson) e melhor atriz **(Louise Fletcher).** O personagem de Nicholson, o prisioneiro que se faz de louco a ponto de ser transferido para um hospício, foi desde então celebrado como uma das grandes figuras da história do cinema — talvez um tanto sem sutileza, atrelado ao olhar permanentemente assustador do intérprete. A enfermeira Ratched, levada à tela por Fletcher, contudo, é delicadamente tenebrosa — impõe a tirania com alguma doçura, entre o desconforto e a atração. O Instituto Americano de Cinema nomeou Ratched como a quinta vilã mais destacada de todos os tempos, atrás de personagens como a Bruxa Má do Oeste de *O Mágico de Oz.*

Para reforçar a aura em torno de sua poderosa interpretação, ao subir no palco para receber a máxima premiação, Fletcher agradeceu em língua de sinais, aprendida com seus pais, surdos-mudos. "Eles me ensinaram a alimentar um sonho, que se fez realidade", disse ela. A atriz morreu em 23 de setembro, aos 88 anos, em Montdurausse, na França, de causas não reveladas pela família.

O INVENTOR DO EROTISMO SUAVE

Foi um escândalo na época — embora aos olhos de hoje pudesse soar como conto de fadas. Em 1974, o filme *Emmanuelle* produziu imenso barulho ao ser censurado na França. Depois de liberado, transformou-se em um blockbuster, a ponto de ter ficado treze anos em cartaz em um cinema de Paris. O longa conta a história de uma jovem recém-casada e suas aventuras eróticas na Ásia. A atriz holandesa Sylvia Kristel, a protagonista, viraria estrela internacional. Ao diretor **Just Jaeckin,** que tinha pouco mais de 30 anos, restou um rótulo: criador de obras com muito sexo e pouca imaginação. Depois de *Emmanuelle,* ele dirigiria outros dois clássicos da pornografia sutil, *A História de O* e *O Amante de Lady Chatterley.* Jaeckin morreu em 6 de setembro, aos 82 anos, em Saint-Malo, na França, de câncer — mas a informação só veio a público semanas depois.

PATRICE PICOT/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

ESCÂNDALO NOS ANOS 70
Just Jaeckin: o criador da Emmanuelle de Sylvia Kristel no cinema

AO INFINITO E ALÉM

O astrônomo americano **Maarten Schmidt** identificou e descreveu, em 1963, o primeiro quasar de que se tem notícia — um objeto pequeno e intensamente brilhante a vários bilhões de ano-luz de distância da Terra. A revista *Time,* em reportagem de capa, chegou a compará-lo a Galileu Galilei. A estrondosa revelação, envolta em enigma — de onde viemos —, inaugurou uma nova era de estudos sobre o universo e a nossa galáxia. Schmidt morreu em 17 de setembro, aos 92 anos, em Fresno, na Califórnia, de causas não reveladas. ■

KEN HIVELY/LOS ANGELES TIMES/GETTY IMAGES

COSMO O astrônomo Maarten Schmidt: o descobridor do quasar

FERNANDO SCHÜLER

A LIÇÃO DO MINISTRO

EM MEIO ao barulho eleitoral, uma decisão do ministro André Mendonça passou algo despercebida neste país desatento. Mas não deveria. Trata-se da matéria do UOL sobre as supostas "compras em espécie" de imóveis por parte dos Bolsonaro, censurada por um desembargador do Distrito Federal. Os argumentos do desembargador diziam que a matéria fazia "ilações", que não era possível concluir sobre a compra dos imóveis aquilo que a matéria concluía, que ela usava dados de uma investigação anulada e que, portanto, o portal havia "excedido o direito de livre informar". Se ficasse por isso mesmo, seria mais do mesmo. Cansei de escrever sobre o inquérito das *fake news* e sobre magistrados mandando censurar ou mesmo prender em nome da "verdade" e da "democracia". Dessa vez a coisa foi diferente. Uma matéria claramente de "oposição" foi garantida por nosso ministro dito como o "mais bolsonarista" de todos, como li em um jornal. Se isso não chama a atenção de ninguém país afora, digo que deveria.

A decisão do ministro Mendonça traz uma boa e uma má notícia. Ele fundamenta sua resolução na icônica ação que, nos idos de 2009, acabou com a "lei de imprensa" no Brasil. Para quem não se lembra, a lei de imprensa era um resquício do regime militar, e foi devidamente extinta pelo STF sob a ideia de que nossa Constituição consagra "a plena liberdade de imprensa, proibitiva de qualquer tipo de censura prévia". Palavras que hoje parecem ter se perdido na poeira da guerra política. No Brasil atual, a censura prévia corre solta e boa parte da sociedade dá de ombros. Luciano Hang, o empresário dono da Havan, está banido das redes sociais. Alguém faz ideia do porquê? Ele está "previamente" banido de seu direito à expressão. As coisas não funcionam mais como à época da ditadura, em que Chico Buarque deveria enviar previamente uma letra para aprovação do censor. Nos tornamos mais eficientes: proíbe-se que o cidadão se expresse antes da análise de qualquer coisa. É a censura prévia *fast track,* mais direta e eficiente.

ISTOCK/GETTY IMAGES

É LEI Liberdade de expressão: a censura não tem respaldo na Constituição

Na parte final de sua decisão, André Mendonça dá o recado mais importante. Ele diz que, em um "estado democrático de direito", a liberdade de expressão é devida "aos brasileiros de todos os espectros político-ideológicos". Diz que a censura não tem respaldo na Constituição, "por melhores que sejam as intenções", e que tudo é ainda mais grave se as restrições vierem do Poder Judiciário, que deveria zelar pelas garantias fundamentais, e não o contrário. São três ideias simples, que não deveriam causar surpresa nenhuma. Ocorre que, do jeito que andamos, elas têm um sabor amargo. Revelam que há uma divergência profunda sobre a liberdade de expressão em nosso mais alto tribunal, sendo provável que a visão do ministro Mendonça seja minoritária. É possível que os demais ministros tomassem a mesma decisão que tomou André Mendonça, mas por razões inteiramente distintas. Poderiam levantar a censura sobre essa matéria, mas não aceitar a tese apresentada por Mendonça: de que não cabe censura, nem tutela do Estado sobre a "verdade", e que a liberdade de expressão é devida aos brasileiros, sejam eles "conservadores" ou "progressistas", adeptos dessa ou daquela visão de mundo.

No Brasil recente, permitimos que a nossa democracia escorregasse exatamente na direção oposta dessa visão. Aceitamos que liberdades individuais muito elementares fossem danificadas a pretexto da "defesa da democracia" e do "combate às *fake news*". Assistimos passivamente ao surgimento, no coração da República, do embrião de um Estado policial inteiramente estranho a nossa jovem tradição democrática. E o pior: com o respaldo de boa parte dos próprios meios de imprensa, inebriados pela

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

polarização política. Em um país, como bem disse o mestre Sérgio Buarque, avesso às "abstrações do liberalismo" e onde a democracia "sempre foi um lamentável mal-entendido".

Vai aí o lado obscuro de toda essa história. Ele diz respeito a como a decisão do ministro foi tratada na sociedade. Há coisa de dois meses, em uma outra decisão, dessa vez tomada pelo ministro Alexandre de Moraes, foram censurados materiais mencionando a delação premiada de Marcos Valério, com referências a uma suposta relação entre o PT e o PCC. À época, observei que aquela resolução estabelecia uma premissa: colocando-se como "juiz da verdade, nesse caso, o Estado se põe, por efeito lógico, como juiz da verdade em qualquer caso". Foi exatamente isso que o desembargador de Brasília fez: ele julgou a "veracidade" da matéria. Exerceu seu poder de tutela, sugerindo que o portal não poderia ter feito a "ilação" que fez. No fundo, está aí o dilema brasileiro. Desejamos ou não o Estado de tutela? Ou somos apenas malandros, achando ótimo que esse poder seja exercido só contra os indesejáveis, os errados, os do "outro lado"?

Talvez seja o caso. Nesse episódio triste, grupos de imprensa e opinião que passaram os últimos anos salivando de alegria com toda sorte de censura contra os "alvos corretos", repetindo catatonicamente que "liberdade de expressão não é um direito absoluto", subitamente acordaram. Num passe de mágica, lembraram que a "liberdade de expressão é um dos pilares centrais da democracia". Tudo que haviam solenemente esquecido, quando o "patrimônio imaterial representado pela liberdade de pensamento" dos outros, casualmente seus inimigos, estava escorrendo pelo ralo.

Tempos atrás li um texto provocativo de Anne Applebaum falando da guerra e das ameaças às democracias liberais mundo afora e perguntando se não relaxamos. Se não nos convencemos cedo demais de que as democracias liberais estavam consolidadas e de que não havia mais perigo relevante no horizonte. Ela conclui dizendo não haver nada "natural" em uma ordem liberal. E que teremos de "lutar ferozmente pelos valores e pelas esperanças do liberalismo se quisermos que nossas sociedades abertas continuem existindo". O texto resume à perfeição o nosso problema: enquanto não entendermos que o mundo dos direitos não admite seletividade, não pode ser pautado pela preferência por este ou aquele lado da briga política, que não cabe ao Estado tutelar a verdade, não teremos uma República digna desse nome. Daí o aprendizado que podemos ter da decisão do ministro André Mendonça.

> **"Os direitos não podem ser pautados pelas preferências políticas"**

Por esta semana, uma matéria no *The New York Times* se perguntava se, a pretexto da "defesa da democracia", não terminamos atravessando o samba no Brasil e corroendo as bases de nosso estado de direito. A matéria é gentil. Faz tempo que estamos cruzando uma linha que jamais deveríamos ter cruzado. Dando de ombros a valores que não foram dados pela natureza, que desafiam nossa passionalidade, nossa propensão ao tribalismo e à "vontade de domínio", na expressão daquele filósofo alemão que não tinha lá grande apreço pela democracia. Valores pelos quais muita gente lutou, no passado recente, e que mesmo por isso deveríamos tratar com um pouco mais de cuidado. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

CDB
O produto vem ganhando espaço no mercado. De acordo com uma pesquisa do C6 Bank e Ipec, 22% dos entrevistados das classes A e B disseram possuir recursos nesse tipo de investimento.

BUSER
A empresa dona do "Uber dos ônibus" vai dar desconto de 30% aos passageiros que viajarem no próximo fim de semana (de sexta, 30, a domingo, 2) para votar.

CORINTHIANS
A equipe feminina do clube confirmou sua hegemonia no Brasileirão conquistando o tetra ao vencer o Internacional.

DESCE

MARK ZUCKERBERG
O dono da Meta, a empresa de aplicativos como Facebook e Instagram, perdeu mais da metade de sua fortuna e deixou a lista dos dez homens mais ricos dos Estados Unidos, segundo a revista *Forbes.*

SHAKIRA
A cantora será julgada por sonegação fiscal de 14,3 milhões de dólares na Espanha e poderá pegar até oito anos de prisão.

CHEQUES
Com a evolução dos meios digitais, o volume de folhas compensadas caiu 13,8% no primeiro semestre, acumulando queda de 93,4% em relação a 1995.

MANDEL NGAN/AFP

“Eu nem estava vendo televisão.”

DONALD TRUMP, negando qualquer apoio à invasão do Capitólio por seus apoiadores, em 6 de janeiro de 2021. As investigações em andamento dizem o contrário — com sobeja participação do ex-presidente

“Não cutuque a onça com sua vara curta.”

SORAYA THRONICKE, candidata do União Brasil à Presidência, a Jair Bolsonaro, no debate promovido por VEJA em um pool com SBT, CNN Brasil, Terra, NovaBrasil FM e *Estadão*/Eldorado

“O brasileiro está sem esperança. O eleitor vai votar sem expectativa, e isso é muito triste.”

SIMONE TEBET, candidata do MDB

“Eu faria exatamente o oposto.”

ERIC CANTONA, ex-jogador de futebol francês, ao criticar o inglês David Beckham por ter aceitado um contrato de mais de 11 milhões de euros para ser o “embaixador” do Catar durante a Copa do Mundo. Cantona critica as condições precárias impostas aos trabalhadores que construíram os estádios

“Se a Rússia cruzar essa linha *(o uso de armas nucleares)* haverá consequências catastróficas para eles. Os Estados Unidos responderão decisivamente.”

JAKE SULLIVAN, conselheiro de Segurança Nacional do governo de Joe Biden

“Ela queria ser rejeitada porque estava obcecada com essa narrativa desde o primeiro dia.”

UM EX-ASSESSOR de Meghan Markle, mulher do príncipe Harry, revelando uma postura premeditada de confronto com a realeza britânica

"Tanto como personagem de um trauma familiar como na qualidade de psicóloga e professora que, durante mais de cinquenta anos, viu e ajudou outras pessoas com angústias similares e humilhações, não vejo outra maneira de honrar a meus mortos que não seja apoiando leis que outorguem aos cidadãos o que meu irmão não pôde receber."

CAROLINA DE LA TORRE, psicóloga cubana, ao defender a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, finalmente acatada em Cuba, após um referendo. Seu irmão, homossexual, cometeu suicídio nos anos 1970, depois de ser internado em um centro de "reabilitação"

"Desliguem o computador quando não o estiverem usando, apaguem as luzes ou tomem banho juntos."

SIMONETTA SOMMARUGA, ministra do Ambiente da Suíça, dando dicas para a economia de energia durante o inverno, com a esperada falta de gás da Rússia

"Londres, eu sei como você se sente. Eu também perdi a minha rainha."

KANYE WEST, cantor, ao comparar a separação de sua ex-mulher Kim Kardashian com a morte de Elizabeth II

INSTAGRAM @ALESSANDRANEGRINI

"Depois dos 30, você é sexualmente mais feliz."

ALESSANDRA NEGRINI, atriz de 52 anos

NELSON JUNIOR/FELLIPE SAMPAIO/STF

NO FRONT STF: em ato inédito, todos os ministros irão ao TSE no dia da eleição

Time da democracia

Acompanhando as narrativas golpistas que ganham corpo nas redes, o STF planeja um ato inédito para o próximo domingo de eleição. Todos os **ministros do Supremo** irão ao TSE acompanhar a apuração do pleito. O objetivo, segundo um interlocutor da Corte, é demonstrar apoio à Justiça Eleitoral.

Purgatório lotado

O STF abriga silenciosamente um rosário de inquéritos e investigações contra parlamentares do Congresso. A diferença, nestes tempos bicudos, é que nada é divulgado pelos ministros sobre o Legislativo.

Tique-taque

Com a campanha no fim, aliás, mais uma narrativa de Jair Bolsonaro caiu por terra: a de que o STF usaria processos que tem contra ele e seus filhos para prejudicá-lo na corrida eleitoral. Por mais graves que sejam os fatos investigados, nada foi misturado à eleição.

Sem surpresas

Questionado se havia risco de algum ato bombástico da Justiça impactar a eleição no domingo, Alexandre de Moraes foi direto: "Se Deus quiser, não".

Tudo normal

O duelo entre Lula e Bolsonaro não mexeu com a Justiça. O TSE recebeu, nesta eleição, 247 ações dos partidos (direitos de resposta e denúncias). Em 2018, foram 243 casos.

União de forças

O STF firmou parceria com trinta entidades do direito, associações de policiais e universidades para "combater a desinformação" contra o tribunal.

Risco de golpe

A eleição de domingo vai, de certa forma, decidir o futuro de Valdemar Costa Neto e seu PL. Se Bolsonaro fizer a maioria dos deputados na bancada, há possibilidade real de golpe contra o cacique.

Apronte as malas

Na ala de Valdemar no PL, a previsão é outra: vencendo Lula, Bolsonaro será convidado a se desfiliar. Seja quem for o presidente, o PL será governista.

Procura-se emprego

Na frente do chefe, os bolsonaristas são todos convictos da vitória. Longe do capitão, no entanto, já se conformam. "Se perder, não será o juízo final", diz um auxiliar do presidente.

Um pé em cada canoa

Depois do sucesso de Lula no encontro do grupo Esfera, empresários ligaram a ministros de Bolsonaro para malhar o petista e afirmar voto no presidente.

Vou copiar

Lula reuniu recentemente, em SP, um grupo de advogados influentes. Na conversa, admitiu que seguirá os passos de Bolsonaro na PGR. Se for eleito, vai ignorar a lista tríplice do MPF.

Presunção de inocência

Na conversa, Lula elogiou Augusto Aras na PGR e revelou que vai escolher ministros do STF garantistas: "Quero respeito ao direito de defesa".

A razão venceu

Contra todos os temores da campanha petista, a segurança de Lula não registrou ameaças graves ao candidato durante a corrida eleitoral. Tudo correu dentro da normalidade. Boa notícia.

Um lugar na Esplanada

Um dos cabeças da campanha de Lula, **Aloizio Mercadante** não ficará na chuva se o petista vencer. Pelo plano atual, Mercadante será chanceler.

Com reportagem de Gustavo Maia, Lucas Vettorazzo e Ramiro Brites

Vergonha internacional

No encontro que teve com Bolsonaro no Planalto, na segunda, Ruben Lezcano, chefe da Missão Eleitoral da OEA, ouviu um gracejo. "Veio só observar mesmo, né? A sala é secreta", brincou um bolsonarista. Que vergonha.

Bye, bye

Depois de votar, Michel Temer viajará para Londres. Vai palestrar a investidores no dia seguinte sobre o futuro do Brasil após o resultado das urnas.

A luta continua

Se não estiver no segundo turno, Simone Tebet já sabe o que fará depois de domingo. Com a certeza de que sua candidatura serviu para reposicionar o centro democrático no Brasil, ela quer continuar percorrendo o país.

Vai sair maior

Marqueteiro de Simone, Felipe Soutello avalia que a campanha da candidata do MDB conseguiu cumprir seu principal propósito: "Simone sairá das urnas muito maior do que entrou. Surge uma nova liderança nacional".

RICARDO STUCKERT

VOLTEI Mercadante: se Lula ganhar, ele terá uma cadeira no ministério

Esquenta eleitoral

No sábado, o ministro Dias Toffoli fará na casa dele, em Brasília, um "churrasco brasileiro" para amigos e "observadores" das eleições.

"Eu ignoro o senhor"

Indicado dos EUA para chefiar o BID, Maurício Carone, demitido na segunda, tinha poucos amigos no Brasil. "Você não gosta de mim", disse a Paulo Guedes, certa vez. "Não é que não gosto, eu ignoro o senhor", respondeu Guedes.

Um dia a conta chega

No BID, Carone fez uma gestão sem executivos brasileiros, mostrando desprezo ao país, na visão do governo. Na véspera da queda, tentou pedir socorro ao Planalto — e foi lembrado disso.

Fila do INSS

O Senado tem, atualmente, oitenta indicações de autoridades paradas na pauta da Casa. Os senadores terão trabalho.

Assado, vinho, pasta...

Depois de uns dias em Buenos Aires, o chefe do FNDE, Marcelo Ponte, passará dez dias em Roma.

Não dá nem para brincar

Em 2017, a Matrix Editora lançou o livro *13 Razões para Votar no PT*. Com todas as páginas em branco, a "obra" era uma piada e fez sucesso na eleição. Neste ano, ela lançaria *Tudo o que Bolsonaro Fez de Bom para o Brasil*. Desistiu por temer ameaças bolsonaristas.

Melhor não arriscar

A venda de blindados brasileiros à Argentina subiu no telhado. Israel, que viabilizaria o financiamento, caiu fora.

INSTAGRAM @GESSICAKAYANE

APOSTA Gkay: ela quer faturar alto com nova marca de produtos de beleza

Briga no paraíso

O MPSP abriu guerra na Justiça com moradores do Canto do Moreira, condomínio de mansões em Maresias, no litoral paulista. Pede demolição e multa milionária por danos ambientais.

Faturando alto

Depois da passar pela Dança dos Famosos, a influenciadora **Gessica Kayane,** a Gkay, pretende lançar uma nova marca de produtos de beleza no mercado: It's Gkay. A moça tem 20 milhões de seguidores só no Instagram. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

O BRASIL DEPOIS DAS ELEIÇÕES

Passada a campanha mais polarizada da história, será a hora de olhar as questões cujo enfrentamento é consenso entre aqueles que querem um futuro mais decente para o país

LAÍSA DALL'AGNOL, SÉRGIO QUINTELLA, REYNALDO TUROLLO JR. E **VICTORIA BECHARA**

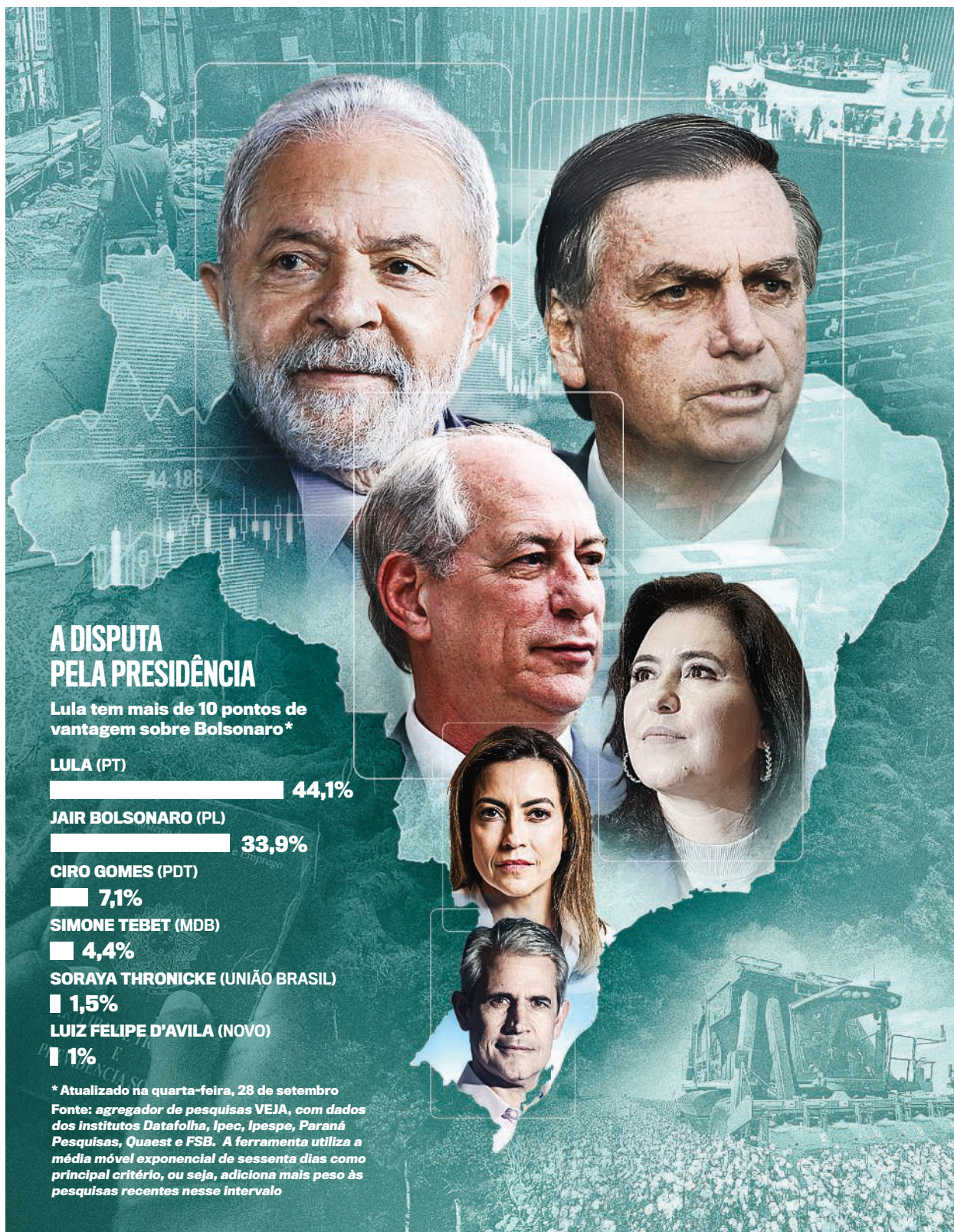
A disputa ao Palácio do Planalto mais longa e polarizada da história chega finalmente à reta final. Às vésperas do primeiro turno, no domingo 2, o favoritismo está com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O petista investiu pesado em uma campanha de voto útil com o objetivo de antecipar a vitória e, ao longo da semana decisiva, aproximou-se da meta de alcançar mais de 50% dos votos válidos, embora dentro da margem de erro dos institutos, o que deve deixar em suspense até quase o último minuto a definição. Seu principal rival, o presidente Jair Bolsonaro, reagiu aumentando a dose de caneladas no adversário, com menções explícitas à enorme lista de casos de corrupção dos governos petistas. Lula revidou os ataques mirando um dos pontos mais suspeitos da multiplicação do patrimônio da família presidencial, realizada em boa parte à base da compra de imóveis com dinheiro vivo.

Apesar da escalada na troca de acusações, as pesquisas mostram que, embora a corrupção seja um tema importante na decisão de voto, os eleitores estão muito mais preocupados com questões urgentes do dia a dia, como o desemprego e a inflação. Numa campanha presidencial que bateu recordes de superficialidade nos debates, os candidatos não se aprofundaram em propostas para a área. Ficaram também praticamente fora dos debates outros problemas graves, como as dificuldades do SUS e o enorme déficit educacional deixado pela pandemia. Baixada a poeira da disputa, o vencedor terá de deparar com essas e outras questões num cenário bastante adverso. "Será preciso pacificar o país e criar condições para a retomada do crescimento econômico", afirma o cientista político Bolívar Lamounier. A seguir, confira quais são os dez desafios mais urgentes do país para os próximos anos.

RETOMAR O CRESCIMENTO

Líder nas pesquisas, Lula passou a campanha toda se esquivando de detalhar o que pretende fazer para colocar o Brasil nos trilhos do crescimento. Nos palanques, repetiu a promessa de trazer de volta a prosperidade dos tempos de seu governo, há quase vinte anos, quando as condições internas e mundiais eram outras. O ministro da Economia, Paulo Guedes, fazendo às vezes de garoto-propaganda de Bolsonaro, caprichou também num discurso vago, falando apenas em mais liberalismo e menos impostos. Perfeito, mas em que frentes? A superficialidade do debate preocupa no Brasil que, segundo as projeções do mercado financeiro, corre o risco de só recuperar o nível de crescimento pré-crises (recessão 2015-2016 e pandemia) em 2024. Um dos problemas urgentes a ser enfrentados é o da inflação. Ela segue muito elevada — e deve continuar acima de 5% em 2023 —, corroendo o poder de compra e a capacidade de o PIB evoluir com um forte impulso do consumo interno. Além de políticas que promovam ganhos de produtividade, é preciso restabelecer a austeridade e a responsabilidade fiscal. Nesse aspecto, a desmoralização do teto de gastos públicos feita no governo Bolsonaro é outro dilema a ser enfrentado. Se depender de Lula, corre-se o risco de o problema nunca ser resolvido, caso ele leve adiante o que vem prometendo na campanha. "Acabou o teto de gastos quando eu for presidente", afirmou ele na quadra da Portela, do Rio. A campanha petista vem tentando minimizar esse tipo de gesto, dizendo que certamente será criado um novo regime fiscal, mas sem entrar em detalhes do que exatamente está em estudo. Segundo o ex-ministro Maílson da Nóbrega, o próximo presidente precisará reequilibrar as contas públicas, o que envolve cortar gastos

CAPA: FOTO DE SHUTTERSTOCK

FOTOS RICARDO STUCKERT; KAIO LAKAIO; EVARISTO SA/AFP; SERGIO LIMA/AFP; EGBERTO NOGUEIRA/IMÃFOTOGALERIA; ANTONIO MILENA

RETA FINAL Corrida ao Planalto: a campanha foi marcada pelo debate superficial dos principais problemas da população

FABIANO ROCHA/AG. O GLOBO

NADA MUDA Fila do Auxílio Brasil: ajuda para 21 milhões de famílias em 2023

em pessoal, Previdência, saúde, educação e programas sociais. "Eu não vejo em nenhum dos candidatos essa disposição", afirma. "E não resolver esses problemas condenará o Brasil a seguir medíocre no crescimento econômico e ter a pior crise fiscal dos últimos anos", completa.

REDUZIR A DESIGUALDADE

Uma das cenas marcantes da campanha foram as imagens produzidas em diferentes cidades do país de pessoas fazendo fila para pegar ossos em açougues. São retratos de um drama nacional que se agravou nos últimos anos e ilustrados por dois números vexatórios: 10 milhões de desempregados e mais de 30 milhões de pessoas assoladas pela fome. Pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mapeou o que os eleitores acreditam ser as medidas mais urgentes na área econômica. Geração de empregos liderou a sondagem, citada por 44% dos entrevistados. Na sequência, aparecem redução da desigualdade social e da pobreza (26%), redução de impostos (26%) e combate à inflação (24%). As preocupações parecem ilustrar assertivamente um cenário de vulnerabilidade social e de deterioração de renda, em que milhões ainda dependem de programas sociais do governo. Em setembro, os beneficiários do Auxílio Brasil chegaram a 20,65 milhões de brasileiros. O adicional de 200 reais — que fez com que o benefício atingisse o valor mensal de 600 reais — terá vigência até dezembro e acabou criando uma demanda cujo suprimento será uma incógnita a partir do ano que vem. "As demandas vão continuar, o que traz desafios fiscais para o governo", alerta Joelson Sampaio, economista e professor da Escola de Economia da Fundação Getulio Vargas de São Paulo. Os principais candidatos prometem manter o programa de renda básica, mas, até o momento, nenhum deles explicou em detalhes como fará para acomodar essa conta no Orçamento.

RAFAEL MARTINS/AFP

PODER DE COMPRA Consumidor faz as contas: inflação elevada está no topo das preocupações da população

RAIMUNDO PACCO/AFP

HUMILHAÇÃO Pessoas buscam comida em Belém: mais de 30 milhões de brasileiros assolados pela fome

REALIZAR AS REFORMAS

A discussão sobre o papel do Estado na economia também é uma das questões que o próximo governante terá de enfrentar. Se, por um lado, o governo Bolsonaro entregou reformas importantes, como a da Previdência, por outro, mudanças consideradas igualmente necessárias ficaram pelo caminho, como as reformas administrativa e tributária. Ambas são fundamentais para determinar quanto vai custar e quem vai pagar o estado que emergirá no novo governo. No caso da tributária, Geraldo Alckmin (PSB), o vice de Lula, já prometeu capitaneá-la nos seis primeiros meses de um eventual governo. A mesma sinalização foi dada por Henrique Meirelles, ex-presidente do Banco Central na gestão de Lula, que declarou apoio ao petista. Ele já deixou claro que a reformulação do sistema de impostos do país é vital para a retomada do crescimento. Outra questão central são as privatizações. O ministro da Economia, Paulo Guedes, prometeu acelerar as desestatizações em um eventual segundo mandato de Bolsonaro, enquanto Lula vai no sentido oposto, já tendo declarado ser contra a privatização da Petrobras e dos bancos oficiais. É verdade que o presidente conseguiu vitórias nesse campo, como a venda da Eletrobras, mas o programa caminha muito aquém da velocidade necessária.

TIRAR O SUS DA UTI

Criado pela Constituição de 1988, o SUS enfrentou a prova mais dura de sua história nos últimos dois anos, durante a pandemia. Saiu-se muito bem ao longo do duríssimo teste, feito admirável para uma engrenagem que já vinha combalida há décadas. Um dos principais problemas e que está levando o SUS à UTI financeira é a desatualização da tabela sobre a qual o governo federal faz o ressarcimento à rede conveniada por serviços médico-hospitalares prestados. Em alguns casos, a defasagem chega a 90%. “O financiamento da saúde é um dos principais temas que o próximo presidente precisará resolver”, afirma o infectologista e pesquisador da Fiocruz Julio Croda. Outro desafio inevitável para os próximos anos é reconstruir o próprio Ministério da Saúde, cujas políticas públicas foram afetadas após a entrada e saída de quatro ministros em quase quatro anos, incluindo o programa nacional de imunização. Discursos negacionistas detonados em meio ao com-

JONNE RORIZ

DOIS MUNDOS Aula em colégio de SP: a pandemia ampliou o déficit de aprendizado para quem não podia estar conectado

bate à pandemia (com a ilustre participação do presidente) não impediram a aceitação em massa pela população dos imunizantes, mas afetaram indiretamente outras campanhas. Com isso, há a possibilidade de reaparecimento de doenças, como a varíola, que estavam erradicadas havia décadas.

REDUZIR O DÉFICIT EDUCACIONAL

Na turma do fundão da sala de aula dos rankings internacionais de educação, o Brasil viu a sua situação se agravar com a pandemia. Um estudo realizado pelo IMD World Competitiveness Center mostrou que o país ocupa a 64ª e última posição de um ranking que compara a competitividade das nações. Um dos primeiros a fechar suas escolas e um dos últimos a reabri-las, o país convive com um cenário agravado pela evasão e pelo déficit de aprendizado. O resultado são dois Brasis, o de alunos conectados e com aulas remotas, e o outro, a maioria, de crianças e jovens atrasados e vivendo ainda na era da lousa e do giz. "O próximo presidente não vai conseguir resolver os principais problemas se não investir em gente. No Brasil, 80% das crianças estão sendo preparadas para a vida dentro de uma escola pública, mas só 33% dos alunos do segundo ano sabem ler", afirma Camila Pereira, diretora da Fundação Lemann. Com cinco ministros durante a gestão de Bolsonaro, incluindo o breve Carlos Alberto Decotelli da Silva, que durou cinco dias no cargo devido a incongruências em seu currículo, o MEC ainda foi alvo de denúncias de corrupção que derrubaram e levaram à prisão o seu mais longevo comandante, o pastor Milton Ribeiro.

REEQUILIBRAR OS PODERES DA REPÚBLICA

O governo atual foi marcado por dois movimentos que geraram desgaste institucional: o enfrentamento de Bolsonaro com o Judiciário e a capitulação política do governo ante o Congresso, que ganhou superpoderes. No primeiro caso, o estado de crise permanente tem a ver com o estilo de Bolsonaro. "Temos um presidente que não se conforma com as regras constitucionais", diz Oscar Vilhena, professor de direito da FGV. Outro problema é o fato de o STF ter acumulado competências demais ao longo dos últimos anos, o que acirrou a disputa política por espaço na Suprema Corte, como fez Bolsonaro ao escolher André Mendonça pelo fato de ele ser "terrivelmente evangélico". Em 2023, o presidente indicará dois ministros para os lugares de Rosa Weber e Ricardo Lewandowski, que se aposentam, o que deve manter o STF no foco.

Com relação ao Congresso, a maior dificuldade do novo governo será construir uma maioria sem entrar em choque com os parlamentares acostumados a controlar a distribuição de 16 bilhões de reais em emendas só neste ano. "Se o Centrão continuar majoritário, o governo terá de pensar em formas alternativas de lidar com as emendas de relator. O ideal seria extingui-las", diz Joyce Luz, pesquisadora do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).

ATACAR OS GARGALOS DE INFRAESTRUTURA

O governo Bolsonaro conquistou algumas vitórias importantes na área, como a aprovação do Marco Legal do Saneamento. Também entram na cota de sucesso as privatizações de aeroportos em todos os estados, com destaque para o de Congonhas, em São Paulo,

ANDRÉ COELHO/EFE

VITÓRIA Vacinação no Rio: imunizantes contra a Covid-19 foram aceitos pela população apesar de pregação negacionista

negociado em agosto, juntamente com outros dez terminais, por 2,4 bilhões de reais. Apesar dessas conquistas, o país precisa avançar muito mais no setor de infraestrutura. O Brasil investe 1,57% do PIB na área, um número quase irrisório diante das necessidades. O porcentual, o menor em onze anos de série histórica, é muito aquém dos 5% do PIB que já foram investidos no passado. A média mundial é superior a 4% e a China investe mais de 8 pontos porcentuais de seu PIB em infraestrutura. "Se o Brasil quiser crescer e melhorar, terá de investir em infraestrutura, não há outro jeito, pois isso tem impacto direto sobre a competitividade da economia e das exportações", alerta Gesner Oliveira, coordenador do Centro de Estudos de Infraestrutura e Soluções Ambientais da FGV.

CONCILIAR AGRONEGÓCIO COM RESPONSABILIDADE AMBIENTAL

Segundo pesquisa do PoderData encomendada pelo iCS (Instituto Clima e Sociedade), oito em cada dez eleitores acreditam que a Amazônia deve estar entre as prioridades dos presidenciáveis — e mais de sete em cada dez acreditam que o desenvolvimento econômico está atrelado à preservação do bioma. O tema, no entanto, tem sido pouco abordado na campanha. Nas últimas semanas, Lula atraiu para sua rede de apoios a ex-ministra do Meio Ambiente Marina Silva, com quem estava rompido, como forma de reforçar uma imagem de preocupação com essa área. Outros candidatos falam genericamente na necessidade de preservação da floresta e de incentivo ao agronegócio responsável, mas sem entrar em detalhes. Seria fundamental debater mais propostas sobre como manter aquecido o setor que hoje representa 27% do PIB nacional — mas de forma que atue em conformidade com a preservação ambiental. "O Brasil está com uma imagem muito ruim lá fora com relação ao controle do desmatamento", diz Leandro Gilio, pesquisador sênior e professor do Insper Agro Global. "As grandes empresas do agro têm essa visão de que o problema precisa ser resolvido para que os produtos atinjam outros mercados. Grandes exportado-

JOAO LAET/AFP

DESTRUIÇÃO Gado em área de Tailândia (PA): o país precisa conciliar melhor agronegócio e meio ambiente

res de carne, por exemplo, têm trabalhado em ações de rastreio para que não adentrem zonas de desmatamento", completa o especialista.

COMBATER O CRIME ORGANIZADO

Na área de segurança, o país vivenciou nos últimos anos o crescimento exponencial de armas nas mãos da população (prioridade do governo) e a expansão do crime organizado, sobretudo nas fronteiras. Na Amazônia, os assassinatos do indigenista Bruno Araújo Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips, em junho passado, jogaram luz em ações de grupos ilegais que transitam em vários tipos de ilícitos, do pescado clandestino ao desmatamento predatório das florestas. As facções criminosas passaram cada vez mais a ter caráter nacional, em alguns casos atuando em "consórcio" com gangues regionais. "Na região amazônica, a sobreposição de ilícitos é algo desafiador e relativamente novo. O garimpo e os madeireiros, que não são do PCC, começam a atuar em conjunto, pois as rotas são praticamente as mesmas, assim como o destino", afirma Samira Bueno, diretora-executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Um dos resultados preocupantes dos tentáculos do crime organizado são as conexões com outros segmentos, como o político. A população carcerária precisa também entrar no rol de preocupações do próximo presidente. A despeito da transferência de líderes de facções para presídios federais, instituída pelo ex-ministro da Justiça Sergio Moro, o país possui mais de 919 000 detentos, acondicionados em 1 500 unidades prisionais. "São setenta facções criminosas de origem prisional país afora, que usam a mão de obra local e formam verdadeiros home offices do crime, com comando total do tráfico, de assassinatos e todo tipo de violência", diz Raul Jungmann, ex-ministro extraordinário da Segurança Pública na gestão de Michel Temer (MDB).

NORBERTO MARQUES/SCHUTTERSTOCK

ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

TENSÃO Rosa Weber assume o STF: crise quase permanente com Bolsonaro

AVANÇO Porto de Santos: o maior terminal de cargas do país deve ir para a iniciativa privada ainda em 2022

HECTOR RETAMAL/AFP

NOVA ORDEM Cerimônia em Xangai: relação com a China é vital para o Brasil

POLÍTICA EXTERNA ALINHADA COM O NOVO CENÁRIO INTERNACIONAL

O Brasil sempre teve uma posição relevante no cenário internacional e uma relação de harmonia com outras nações. No entanto, a imagem do país foi gravemente distorcida durante o governo Bolsonaro. Ao longo de sua gestão, o presidente imprimiu uma baliza ideológica para a política externa, o que o levou a subir o tom com países governados por líderes de esquerda, como os vizinhos da América do Sul, ou a provocar gratuitamente a China, nosso maior parceiro comercial. Também trocou caneladas por causa da política ambiental com países importantes da Europa, como França, Alemanha e Noruega, e se absteve ou adotou posições minoritárias em discussões importantes na ONU. O clima com os Estados Unidos também piorou após a derrota de Donald Trump, com quem Bolsonaro mantinha alinhamento. Independentemente de quem for eleito, o próximo a ocupar o Planalto terá a missão de recalibrar a relação do Brasil com o mundo e recuperar o status do país no exterior. "Relações estremecidas com aliados e organizações internacionais vão demandar uma retórica diferente e ações concretas no campo do meio ambiente, da integração regional, dos direitos humanos e do respeito ao estado democrático de direito", diz Felipe Loureiro, professor do Instituto de Relações Internacionais da USP. A armadilha, da qual Bolsonaro não escapou e com a qual Lula ameaça flertar, é deixar que a cegueira ideológica impeça o país de se colocar na nova ordem mundial que vem se desenhando, com uma guerra que emparede a Rússia, a possibilidade de recessão na Europa e a crescente influência política global da China. ■

RICARDO STUCKERT

IMPULSO, AINDA QUE TARDIO Lula com Kalil, em Minas: quando apareceu, o ex-presidente ajudou a trazer votos

O XADREZ DAS INFLUÊNCIAS

Lula tem sabidamente boa capacidade para transferir votos a aliados, mas, centrado em sua própria agenda, deixou vários deles à espera de sua presença **MAIÁ MENEZES** E **RICARDO FERRAZ**

COM LARGA estrada na política, Luiz Inácio Lula da Silva já teve várias vezes testada sua capacidade de influenciar o eleitorado a ungir nas urnas seus aliados. As eleições de 2022 favoreceriam, ao menos teoricamente, ainda mais o seu potencial de apadrinhar candidatos, dado que Lula já foi presidente duas vezes, é vastamente conhecido, e afiou sua habilidade para tecer as costuras necessárias. Seu feito mais notório nesse campo foi emplacar no Planalto, em 2010, a ministra Dilma Rousseff, então desconhecida. Agora, com o cacife em alta, era de esperar que ele emprestasse sua popularidade aos postulantes que apoia em todo o país, como figura estratégica nos palcos estaduais. Mas não é o que se tem visto. Em nenhuma unidade da federação um aspirante a governador da coligação petista ombreia com Lula nos levantamentos. Em dez estados em que o ex-presidente lidera nas intenções de voto para o Planalto, em alguns casos com folga, quem está na disputa em sua chapa pena para conquistar a preferência. Há um Lula grande na disputa com Bolsonaro e outro, menor, nas vitrines regionais.

GABRIEL DE PAIVA/AG. O GLOBO

PRÊMIO DE CONSOLAÇÃO Freixo: ele queria um comício, mas teve de se contentar com um evento a portas fechadas

Uma parte da explicação se deve às nuances locais — há tantas particularidades em cada estado que atribuir a Lula os obstáculos enfrentados seria simplificação. Deve-se levar em conta um outro aspecto: há um limite para a transferência de votos. Um mergulho na história recente mostra que a onda bolsonarista que marcou 2018 foi forte o suficiente para alçar ao poder sete candidatos ao governo que corriam junto com Jair Bolsonaro, porém não impediu que figuras mais à esquerda se fixassem no Nordeste nem que tradicionais partidos não alinhados com o atual presidente saíssem vitoriosos em oito estados.

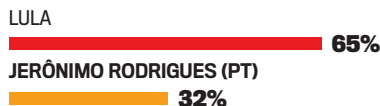
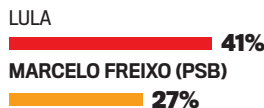
Chama atenção, porém, um componente político, agora, que ajuda a explicar a discrepância entre os números de Lula e os de seus aliados *(veja o quadro na pág. 32)*. Ele precisa diversificar o leque de apoios como nunca, uma vez que tem do outro lado do ringue um candidato forte — Bolsonaro —, e ainda briga contra um sentimento anti-PT incrustado em uma parcela da população. E, para completar, tenta fechar a eleição no primeiro turno. Ou seja: negociar parcerias amplas é muito mais importante que entrar em pendengas locais. "Lula necessita de mais apoio do que já precisou no passado e tem evitado se indispor nos planos estaduais", afirma a cientista política Nara Pavão.

Segundo maior colégio eleitoral do Brasil, Minas Gerais é um bom laboratório para entender o xadrez das influências do ex-presidente. Lá, ele lidera a disputa com 46 pontos porcentuais, 17 a mais que seu aliado, o prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil (PSD), que trabalha para ascender ao Palácio Tiradentes. Ao longo de praticamente toda a campanha, Lula fez vista grossa ao "Lulema", voto que une a opção por ele no âmbito nacional com a escolha pelo governador Romeu Zema (Novo). Puxado pela avalanche bolsonarista em 2018,

Zema, embora tente se descolar da desgastada imagem de Bolsonaro, segue no páreo com seu endosso.

O fato é que Kalil patinava nas pesquisas até que, bem na reta final, Lula intensificou a presença no estado-chave e resolveu surgir a seu lado em dois comícios, em Montes Claros e Ipatinga. A aparição se revelou decisiva, demonstrando a força da presença de Lula. “Kalil é desconhecido no interior, e Lula levou seu nome para esses rincões”, diz o cientista político Pedro Henrique Marques, integrante do Centro de Estudos do Comportamento Político da UFMG.

A teia da política, no entanto, muitas vezes não permite que o ex-presidente anime o palanque de seus aliados. Um desses espinhosos casos é o Rio de Janeiro, onde, a poucos dias do pleito, Marcelo Freixo (PSB) viu a distância entre ele, em segundo lugar nas pesquisas, e o governador Cláudio Castro (PL), na ponta, se aprofundar. Mesmo assim, Lula não entrou em campo. Em sua busca frenética para expandir o arco de alianças, esteve em solo carioca — só que deu preferência ao prefeito Eduardo Paes (PSD), com quem foi à quadra da escola de samba Portela, abandonando ali o vermelho para abraçar, nas roupas e no palanque, o sugestivo azul da agremiação. Firmou-se então um relevante apoio, festa da qual Freixo, que cultivava esperanças de um comício com o ex-presidente, não participou. Ele saiu da lista de convidados por um conselho de Paes à presidente do PT, Gleisi Hoffmann: “Não adianta pregar para convertido. Para ganhar no primeiro turno, precisa construir uma frente ampla”, disse. A Freixo, sobrou uma reunião a portas fechadas com Lula e uma turma de influenciadores.

Centrar esforços na Região Sudeste, onde reside a maior fatia do eleitorado e a polarização com Bolsonaro é mais aguda, acabou deixando em segundo plano estados que contavam

com o ex-presidente para alavancar candidaturas, muitas no Nordeste. Em Pernambuco, onde o PSB pôs à mesa o nome de Danilo Cabral ao governo como condição para lançar Geraldo Alckmin a vice na chapa presidencial, Lula fez um único comício — em julho, antes de a campanha dar a largada. À deriva, Cabral passou todo o tempo sob o risco de nem mesmo chegar ao segundo turno, enquanto Marília Arraes (Solidariedade) encabeçava as aferições, grudando por conta própria sua imagem à de Lula. Figurões do PSB imploraram por um novo ato com ele, mas o máximo que conseguiram foi um encontro em São Paulo, onde

FACEBOOK @DANILOCABRALPE

FOI E NÃO VOLTOU Danilo Cabral nas ruas do Recife: Lula apareceu uma única vez, antes do início da campanha

gravaram mensagens de apoio em série para serem veiculadas no horário eleitoral. Também no Rio Grande do Sul o candidato petista, Edegar Pretto, estacionou na rabeira, sempre num patamar de 10%, atrás de Onyx Lorenzoni (PL) e Eduardo Leite (PSDB). "Desde sempre sabíamos que a prioridade do partido era a eleição presidencial, é a vida", conforma-se Mari Perusso, coordenadora da campanha de Pretto.

É inquestionável, contudo, a força de Lula, mesmo distante. Com seu ótimo desempenho nas pesquisas às vésperas do primeiro turno, alguns candidatos, mesmo sem tê-lo a tiracolo, se beneficiaram. Na Bahia, o petista Jerônimo Rodrigues avançou 17 pontos em um mês e, de repente, deixou a anêmica terceira posição que o perseguia. É bom lembrar que ainda pesa a seu favor o fato de ACM Neto (União Brasil), o líder nas pesquisas, ter arranjado um problemão ao declarar-se pardo para a Justiça Eleitoral e se enrolar nas explicações. "Lula faz diferença mesmo sem estar presente", afirma o petista Rui Costa, atual governador do estado. Outra virada transcorre no Ceará: no reduto do presidenciável Ciro Gomes, o candidato lançado por ele foi ultrapassado recentemente pelo petista Elmano de Freitas, subitamente embolado na linha de frente com o bolsonarista Capitão Wagner (União Brasil). No cenário em que a eleição presidencial se encerra no primeiro turno, como sonha o PT, a expectativa geral é que o ex-presidente se torne o cabo eleitoral que os candidatos tanto almejam. Por enquanto, Lula vem deixando um gostinho de quero mais. ■

INSTAGRAM @JERONIMORODRIGUESBA

GÁS NO FINAL Jerônimo Rodrigues, da Bahia: ele se beneficiou dos bons números de Lula, mesmo a distância

EXÉRCITO EM PRONTIDÃO

Lula tenta convencer representantes do agronegócio de que o PT no governo pode ser um aliado, mas o MST deixa claro que não será bem assim **HUGO MARQUES**

LÍDER nas pesquisas de intenção de voto, Lula intensificou a ofensiva para conquistar o apoio de representantes do agronegócio, setor que responde por 27% do produto interno bruto (PIB) do país, tem boa relação com o governo de Jair Bolsonaro e fez as doações mais generosas à campanha à reeleição do presidente. Em linha com o perfil conciliador que encena em sua campanha, o petista tenta convencer os grandes produtores rurais de que, se eleito, trabalhará tanto por eles como pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que é um aliado histórico do PT. Sua gestão se equilibraria entre os interesses dos dois grupos, reduzindo atritos e se esforçando para torná-los forças econômicas complementares. O discurso é bonito. O desafio, como de costume, é torná-lo realidade, já que imperam as desconfianças devido à atuação do MST. Nas últimas décadas, o movimento invadiu propriedades produtivas, destruiu áreas destinadas à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico e agiu como braço político do PT, como na invasão à fazenda do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Além desse histórico, números oficiais ajudam a entender as dificuldades de Lula para ganhar terreno entre setores do agronegócio. Em seus dois governos, o MST invadiu 1 968 fazendas. Na gestão de Dilma Rousseff, foram 969 propriedades. Já nos três primeiros anos de mandato de Bolsonaro, registraram-se apenas 24 invasões. Os assassinatos no campo também caíram de 38 por ano, durante o governo Lula, para 29 na administração atual. Para boa parte dos ruralistas, o PT é sinônimo de confusão no campo, enquanto Bolsonaro é garantia de segurança. A missão de Lula é tentar desfazer essa impressão. Apresentando-se na campanha como pacificador do país, o ex-presidente — que antes costumava usar o "exército vermelho" do MST para intimidar adversários — diz que o movimento amadureceu e quer menos conflito e mais produção. "O MST é o maior produtor de arroz orgânico do Brasil", disse Lula. "Você vai ver que aquele MST de trinta anos atrás não existe mais", acrescentou.

Um dos líderes nacionais do MST, João Pedro Stedile declarou em entrevista divulgada no site do movimento que, em caso de vitória de Lula, serão reativadas as grandes mobilizações de massa. Entre elas, destacou, as invasões de propriedade privada. "Acho que a vitória do Lula, como se avizinha, vai ter como uma consequência natural um reânimo para nós retomarmos as grandes mobilizações de massa", afirmou Stedile. Um dos coordenadores da campanha presidencial de Lula, outro líder do MST, João Paulo Rodrigues, reforçou o coro em outra entrevista. "A militância nossa tem noção

RENATA CARVALHO/AG. A TARDE

ALERTA MST: anúncio de retorno das grandes mobilizações, incluindo ocupação de terras no campo

de que estamos há quatro anos sem ter conquistas. Tem uma vontade coletiva de nós ocuparmos prédio do Incra, de fazer ocupação, mas todo mundo sabe que nós não precisamos chamar a repressão pra cima de nós agora", declarou Rodrigues.

Durante seus dois mandatos, Lula tentou acalmar os ânimos do MST liberando recursos para cooperativas ligadas ao movimento, o que ajudou a conter o ímpeto de invasões. Na época, o petista também fortaleceu a política de créditos oficiais a grandes produtores, numa estratégia destinada a colher o apoio desses dois grupos a sua administração. Como em 2022 quem está mais desgarrado são os representantes do agronegócio, Lula tem acenado mais a eles. Depois de derrapar do ponto de vista eleitoral, ao chamar uma fatia do agro de fascista, por devastar o meio ambiente, o ex-presidente tentou se explicar e

SILVIO AVILA

DISTÂNCIA Produtores: chamados de fascistas, eles são refratários ao petista

fez uma declaração inédita pensada para agradar à audiência. De forma surpreendente, ele até defendeu a ideia de que os fazendeiros possuam armas para proteger suas propriedades, repetindo um mantra caro a Bolsonaro. “Ninguém vai proibir que o dono de fazenda tenha uma ou duas armas”, prometeu o ex-presidente.

No Brasil idealizado por Lula, o agronegócio se dedicaria às exportações — e a agricultura familiar, a abastecer o mercado interno. A retórica do MST dificulta a crença num ambiente de harmonia para essa produção. “O discurso de Lula é contraditório. O MST não é uma organização de produtores. Eles são agitadores que querem prejudicar a política fundiária do país”, diz Alysson Paulinelli, ex-ministro da Agricultura. Para superar a desconfiança, Lula escalou o seu vice, o ex-governador Geraldo Alckmin, para conversar com líderes do agronegócio, principalmente das regiões Sudeste e Centro-Oeste. O ex-presidente também conta com a ajuda do produtor Carlos Augustin, irmão de Arno Augustin, secretário do Tesouro nos governos petistas. “O Lula pegou o Alckmin, e não o Stedile, de vice. Se o Lula quisesse botar fogo no parquinho, ele pegava o Stedile de vice”, disse a VEJA Augustin, resumindo o espírito da argumentação usada nas conversas. Pelo menos no campo financeiro, essa retórica não tem surtido efeito. Segundo registros do Tribunal Superior Eleitoral, Lula não recebeu um centavo em doação vinda do agronegócio. O campo quer paz. ■

KAIO LAKAIO

VOLTA POR BAIXO Santana: o marqueteiro levou 10 milhões de reais, mas não fez seu presidenciável subir nas pesquisas

O FIM DO ENCANTO

Estrategista de vitórias do PT, João Santana, principal astro da velha guarda do marketing político, não conseguiu brilhar na campanha de Ciro **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS** E **DIOGO MAGRI**

O PUBLICITÁRIO João Santana fez fama em um passado não muito distante como uma espécie de midas das campanhas políticas. Um dos responsáveis pela popularização do termo "marqueteiro", o baiano fazia jus à fama. Assumiu o desafio de cuidar da imagem de Luiz Inácio Lula da Silva em meio ao escândalo do mensalão e levou o petista à reeleição em 2006. Depois, fez Dilma Rousseff chegar ao Palácio do Planalto em sua estreia eleitoral. Em 2014, reconduziu ao cargo a petista, já sob o intenso desgaste que a levaria ao impeachment. Em 2012, não só colocou outro estreante, Fernando Haddad, na maior prefeitura do país, São Paulo, como emplacou três presidentes pelo mundo: Hugo Chávez (Venezuela), Danilo Medina (República Dominicana) e José Eduardo dos Santos (Angola).

Depois de amargar um tempo na prisão ao ser alvejado em cheio pelas denúncias da Lava-Jato, o bruxo das campanhas voltou ao cenário ao lado de Ciro Gomes, mas sua magia parece ter chegado ao fim. O pedetista chegou às vésperas da eleição com marcas decepcionantes para o investimento feito em Santana. A sua contratação foi anunciada como um trunfo decisivo para o presidenciável em abril de 2021. Àquela altura, segundo o Ipespe, Ciro tinha 9% das intenções de voto. Um ano e meio depois, sendo que Santana embolsou mais de 10 milhões de reais no período, entre os 250 000 reais mensais do PDT e 8,3 milhões de reais da campanha, o candidato cravou 6% na pesquisa Ipec da segunda-feira 26. O resultado das urnas no domingo 2 pode mudar alguma coisa, mas o pedetista caminha de forma célere para amargar seu pior desempenho na quarta tentativa de disputa ao Planalto.

Enquanto nas campanhas do PT Santana era visto como "gênio", com notórias habilidades para comunicar feitos do governo e "desconstruir" adversários, como fez com Marina Silva em 2014, as suas estratégias não são agora uma unanimidade no PDT. O fato de Ciro não ter decolado é só uma das muitas reclamações. O marqueteiro apostou em uma embalagem mais jovial e simpática do mercurial Ciro, cuja presença nas redes teve como car-

BRUNO ROCHA/AGENCIA ENQUADRAR/AG. O GLOBO

PELA CULATRA Ciro: a tentativa era recalibrar a imagem, mas ele termina a campanha atirando contra os dois favoritos

ro-chefe as *lives* Ciro Games, onde recebia convidados ao lado da mulher, Giselle Bezerra. Entre as peças que Santana produziu estão tentativas de apelar ao eleitor religioso (com Ciro segurando uma *Bíblia* em uma mão e a Constituição em outra) e de colar no presidente Jair Bolsonaro (PL) a imagem de traidor. Em busca de um lugar no segundo turno e diante de um quadro de polarização, Ciro adotou a tática de atacar tanto Lula quanto Bolsonaro, movimento que desagradou a pedetistas simpáticos ao ex-presidente, que não gostaram de ver Lula sendo chamado de "corrupto" e "ladrão". As estocadas no petista acabaram por gerar uma identificação entre Ciro e o bolsonarismo, que reproduz declarações suas nas redes para atacar Lula.

Políticos próximos a Ciro reclamam da influência de João Santana junto ao candidato e enxergam na dupla a "união da fome com a vontade de comer" em relação às mágoas que cada um tem do PT. Ciro se sente traído por não ter tido apoio do partido em 2018, enquanto o marqueteiro foi sócio da derrocada da sigla promovida pela Lava-Jato. Preso em 2016, ele e sua mulher, Mônica Moura, admitiram, em acordo de delação, que receberam milhões de reais da Odebrecht em caixa dois nas campanhas de Lula e Dilma. As acusações sepultaram de vez a relação com a agremiação que lhe destinou muito dinheiro — em 2014, ele embolsou de Dilma 70 milhões de reais só no "caixa um".

A derrocada de Santana também se dá em outros tempos para o marketing eleitoral, no qual a TV divide o protagonismo com as redes sociais. Fora, é claro, o fato de a polarização ter reduzido o espaço da "terceira via" e de ser cada vez menor a influência dos supermarqueteiros. Chegou-se ao fim da era das figuras caricatas de gênios que podem ganhar a eleição com uma sacada. "Isso não existe mais porque a comunicação de massa, o eleitor e o contexto político mudaram", avalia Gabriel Rossi, sociólogo e professor de marketing da ESPM.

Em outubro de 2013, um ano antes da reeleição de Dilma, o então guru dizia que a petista iria ser reeleita no primeiro turno porque ocorreria "uma antropofagia de anões" na disputa eleitoral de 2014. "Eles vão se comer, lá embaixo, e ela, sobranceira, vai planar no Olimpo", disse. Apesar da vitória no final, a caminhada esteve longe de ser tranquila. Aquela foi a disputa em que o PT esteve mais próximo de perder para o PSDB. Por ironia, desta vez é o seu candidato quem faz o papel de anão, disputando a posição de melhor entre os piores com Simone Tebet (MDB). Nos últimos dias, o seu papel se resume a lutar para evitar que a pregação de Lula pelo voto útil desidrate o capital político que restou. Santana não é o único e, muito provavelmente, nem o maior culpado. Mas é certo que decepcionou quem apostou tudo nele esperando a repetição da velha mágica eleitoral. ■

ANTONIO AUGUSTO/SECOM/TSE

EM ASCENSÃO Gonçalves: indicado por Lula para o STJ em 2008, ele agora já é cogitado para uma vaga no STF em 2023

LINHA-DURA ELEITORAL

Corregedor do TSE, Benedito Gonçalves proíbe uso de imagens na campanha do presidente e vira novo alvo dos bolsonaristas **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS** E **VICTORIA BECHARA**

QUANDO Alexandre de Moraes assumiu a presidência do Tribunal Superior Eleitoral, em agosto deste ano, e virou o principal juiz das eleições gerais no país, esperava-se uma inevitável colisão frontal entre ele e o presidente Jair Bolsonaro (PL), que há muito elegeu o magistrado como um de seus principais desafetos. A combustão tenderia a aumentar porque o chefe da República deixou claro que não arredaria pé da retórica contra a urna eletrônica. O discurso do ministro ao tomar posse foi duro, com recados diretos ao bolsonarismo. Entre exageros e acertos, Moraes segue colecionando trombadas com o presidente, como na recente decisão de quebrar o sigilo do tenente-coronel Mauro Cesar Barbosa Cid, ajudante de ordens da Presidência da República, para apurar movimentações financeiras da família presidencial. Mas quem esperava um confronto direto entre Bolsonaro e Moraes na arena eleitoral tem visto outra figura tornar-se foco de dor de cabeça para o presidente: o corregedor-geral do TSE, Benedito Gonçalves, o juiz que, de decisão em decisão, proibiu Bolsonaro até de fazer *lives* em sua casa, o Palácio da Alvorada.

O impacto foi direto na campanha do presidente. O magistrado vetou o uso eleitoral dos desfiles de 7 de setembro, da visita a Londres para o funeral da rainha Elizabeth II e do discurso na Assembleia Geral da ONU, em Nova York. No despacho mais recente, proibiu o capitão de realizar *lives* nos palácios da Alvorada e do Planalto (sede do governo). Todas as decisões partiram do princípio de que não se pode usar a estrutura da Presidência e a posição de chefe de Estado para fins eleitorais. Protocoladas por candidaturas de oposição, as ações foram destinadas a Gonçalves devido à previsão legal de que devem ir para o corregedor as chamadas ações de investigação judicial eleitoral (Aijes), que apuram uso indevido, desvio ou abuso de poder econômico,

YOUTUBE @JBOLSONARO

IMPROVISAÇÃO *Live:* após veto ao Alvorada, gravação feita em local ignorado

ALAN SANTOS/PR

CENSURADO Discurso na embaixada inglesa: comício no funeral de Elizabeth II

abuso de autoridade ou utilização indevida dos meios de comunicação.

O uso da estrutura pública quando um governante tenta a reeleição não é incomum e ocorre em qualquer esfera de poder. O que tem havido agora é a confluência de um ministro linha-dura com a afronta explícita praticada por Bolsonaro, que tem agido com menos pudor que seus antecessores. "Nunca vi tanto desrespeito à legislação eleitoral", avalia o advogado Arthur Rollo, especializado em direito eleitoral. O corregedor também encontrou respaldo entre seus colegas de plenário — três decisões foram referendadas com votação unânime no tribunal. Ex-ministros do TSE ouvidos reservadamente por VEJA também aprovam a atuação do juiz. "Se há indícios de irregularidade, a função da Justiça Eleitoral é suspender", resume um ex-integrante da Corte.

Mas nem todo mundo concorda. O presidente, claro, reclamou muito. "Hoje vai ter *live,* o.k.? É uma decisão estapafúrdia. Enquanto eu for presidente, ali *(Alvorada)* é minha casa", disse no domingo, um dia após o veto. Mais tarde, fez uma transmissão de um local não identificado. "Será que o TSE sabe onde estou fazendo essa *live?* 'Ah, escondido. Será que está no Alvorada?'", ironizou. O presidente não está sozinho na crítica. O ex-ministro Marco Aurélio Mello, que presidiu três vezes o TSE, contesta as decisões de Gonçalves. "A partir do momento em que não há desincompatibilização, não cabe dissociar as figuras do ocupante do cargo do candidato. Logo, os atos devem ser compreendidos nesse contexto, sem exigir perfil de vestal", afirma Mello, que declarou voto em Bolsonaro contra Lula.

Nas redes, o bolsonarismo passou a atacar o ministro "indicado por Lula" — que, por outro lado, barrou na última quarta conteúdos da campanha do petista a pedido de Bolsonaro. Ex-desembargador do TRF2, o carioca Benedito Gonçalves de fato chegou ao STJ em 2008 indicado pelo petista. Foi o primeiro negro nomeado à Corte e já esteve cogitado para ir ao STF, nas vagas de Ayres Britto, em 2012, e Joaquim Barbosa, em 2014. Lula e uma ala do PT o apoiavam, mas ele foi preterido por Dilma Rousseff, que preferiu Luís Roberto Barroso e Edson Fachin. No entorno de Lula, Gonçalves voltou a ser cotado para o STF — duas vagas serão abertas em 2023 com a aposentadoria de Ricardo Lewandowski e de Rosa Weber.

Como revelou VEJA em 2015, Gonçalves e Lula tinham um amigo em comum: Léo Pinheiro, da OAS, alvo da Lava-Jato, com quem o ministro trocava mensagens. "Meu amigo, parabéns, o ano 2015 começou ontem. Agora preciso da sua ajuda valiosa para meu projeto", escreveu ele ao empreiteiro logo após a reeleição de Dilma — o projeto seria a sua ida para o STF. Gonçalves deixou bolsonaristas de orelha em pé também graças a um vídeo em que é cumprimentado, com tapinhas no rosto, por Lula na posse de Moraes. Nas últimas semanas, ele foi alvo de uma tosca montagem em que aparece vestindo uma camisa com o rosto de Lula. Gonçalves está longe de ocupar o posto de Moraes, mas a surpreendente performance na reta final da campanha já o colocou na lista de desafetos do bolsonarismo. ■

UM JUIZ NA MIRA

O prefeito Eduardo Paes entra com uma ação pelo afastamento de Bretas, o ex-todo-poderoso da Lava-Jato fluminense. VEJA teve acesso exclusivo ao documento **RICARDO FERRAZ**

BONS COMPANHEIROS Marcelo Bretas e Witzel, em 2018: a delação contra Paes ocorreu a dias da eleição

CORRUPTO confesso, Alexandre Pinto, ex-secretário municipal de Obras do Rio de Janeiro, foi condenado pelos crimes de lavagem de dinheiro, evasão de divisas, corrupção passiva e associação criminosa. Entre 2011 e 2014, na primeira gestão de Eduardo Paes (PSD) à frente da prefeitura, ele geriu grandiosos contratos relacionados à infraestrutura da Olimpíada de 2016 e, como mais tarde viria à tona, lançou mão do manjado expediente de cobrar propina das empreiteiras, na forma de um porcentual do valor total dos investimentos. Pelos delitos, colecionou quatro condenações que, juntas, somam 76 anos de prisão. Todas foram proferidas pelo juiz Marcelo Bretas, da 7ª Vara Criminal da Justiça Federal, responsável pelo braço fluminense da Operação Lava-Jato.

Em maio deste ano, Pinto foi posto em liberdade pelo magistrado graças a um acordo de delação premiada, da qual alguns trechos vazaram, apesar do sigilo, e envolvem, sem provas, o prefeito Eduardo Paes, que prontamente reagiu, acionando o Conselho Nacional de Justiça (CNJ). O objetivo é afastar Bretas, a quem Paes acusa de agir há tempos de forma parcial contra ele nesse mesmo caso, prejudicando, inclusive, sua trajetória política. Em seu depoimento, homologado pelo Superior Tribunal de Justiça, Pinto diz que o ex-chefe teria pedido 8 milhões de reais em propina na celebração de contratos relativos à construção de escolas e ao serviço de dragagem do Rio Acari. Baseados apenas no relato do outrora secretário, 68 procedimentos foram abertos, já encaminhados para investigação, a maioria deles pela Polícia Federal.

A defesa de Paes solicitou acesso ao material, mas Bretas negou, alegando o sigilo do caso. Foi justamente tal queda de braço que levou o prefeito a ingressar com uma ação no CNJ pedindo a instauração de um processo disciplinar contra o juiz, seguido de seu afastamento. Ele deveria deixar o posto, segundo enfatizam os advogados do alcaide no documento ao qual VEJA teve acesso, "por conduta incompatível com a imparcialidade que precisa nortear a atuação dos magistrados".

A defesa de Paes se debruçou sobre as audiências do julgamento de Pinto lá atrás, em 2018, quando acusado e juiz estiveram frente a frente. No processo movido agora contra Bretas, trechos desses diálogos foram pinçados para reforçar o argumento de que o ex-secretário teria sido induzido a enredar Paes, como na parte em que ele se refere ao esquema de superfaturamento das obras na construção do ramal oeste do BRT, o serviço de ônibus expresso do Rio, que integrava o plano olímpico. Pinto afirmou, na ocasião, que o acerto de pagamento de 1,75% do contrato teria sido selado no gabinete do próprio prefeito, direto com Leandro Azevedo, o então executivo da Odebrecht responsável pelo empreendimento. O ponto em que a defesa de Paes se concentra também intrigou a procuradoria, que arguiu Pinto na audiência: afinal, o secretário testemunhou tal acordo espúrio? "Não, eu não estava presente", respondeu Pinto. "Foi então um relato que o senhor Leandro Azevedo fez ao senhor?", indagou o procurador. "Perfeito", encerrou o ex-secretário. Ou seja: uma acusação feita na base do "ouviu dizer", contrariando depoimentos anteriores em que o nome de Paes não era citado.

Para piorar, a audiência se desenrolou em 4 de outubro de 2018, exatos três dias antes do primeiro turno das últimas eleições para o governo do Rio, páreo que Paes liderava até aquele momento. A peça apresentada ao CNJ afirma que Bretas agiu para favorecer Wilson Witzel — à época o ex-juiz federal era um ilustre desconhecido e acabou com a cadeira maior no Palácio Guanabara. Bretas e Witzel são amigos e não escondem o laço que os une. Finalizada a contagem dos votos, juiz e governador postaram em suas redes sociais uma mesma foto em

INSTAGRAM @MCBRETAS

que aparecem de mãos dadas, a bordo de um jatinho em que viajaram para acompanhar a posse de Jair Bolsonaro, em Brasília. O resto é história. Witzel, como se sabe, sofreu impeachment, acusado de capitanear um esquema que dragou vultosos recursos públicos dos cofres da saúde, e Bretas seguiu trajando a toga.

O movimento de Paes não é o primeiro que lança uma interrogação sobre a idoneidade de Bretas na Justiça. Conforme revelado por VEJA, Nythalmar Dias Ferreira, um advogado que representava diversos réus da Lava-Jato, contou em delação que o juiz negociava penas, orientava advogados e combinava o jogo com o Ministério Público. Ele chegou a gravar conversas com o magistrado, cujo conteúdo veio à luz em junho de 2021. Esse relato desencadeou pelo menos quinze solicitações de suspeição por parte de réus da Lava-Jato contra Bretas, o que levou a seu afastamento de todos os casos em que Nythalmar atuou. Se a denúncia de Paes for acatada pelo CNJ, este o próximo passo, o órgão dirá se o juiz poderá seguir batendo o martelo. Como o processo corre em sigilo, a defesa do prefeito preferiu não se pronunciar. Procurado pela reportagem, Bretas também manteve o silêncio. ■

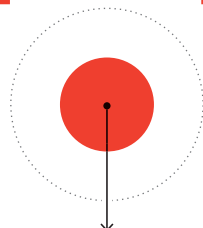
NA BRIGA
Paes se diz prejudicado pelo juiz: ele “não tem parcialidade para arbitrar”

LEO MARTINS/AG. O GLOBO

URNAS DOMINADAS

Com o crime espraiado em vastos territórios fluminenses, candidatos relatam a dureza de fazer campanha — quando conseguem **MAIÁ MENEZES, SOFIA CERQUEIRA** E **GUSTAVO SILVA**

"VOCÊ não é bem-vindo aqui." Ao ouvir a frase, disparada em tom de ameaça por sujeitos postados na entrada da favela de Rio das Pedras, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, o deputado estadual Renan Ferreirinha (PSD), que tenta uma vaga na Câmara Federal, não pensou duas vezes: reuniu seus cabos eleitorais, deu meia-volta e riscou o local da agenda de campanha. Nos bolsões de pobreza do Rio, o terceiro maior colégio eleitoral do país, fazer comício e distribuir santinhos depende da autorização das milícias e do tráfico de drogas. A situação não é nova, mas neste ano se expandiu como nunca, junto com a proliferação desse abominável poder paralelo.

Pesquisa do Instituto Fogo Cruzado, em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), mostra que o domínio territorial das organizações criminosas no estado avançou 5,5% entre 2018 e 2022 e abrange hoje 20% da região metropolitana da capital. Em uma área que compreende 97 zonas eleitorais, 77 — com 4,6 milhões de eleitores — estão nas mãos de grupos armados que barram candidatos que não sejam os seus e ganham dinheiro com a ingerência na campanha.

20% DA ÁREA METROPOLITANA DO RIO É DOMINADA POR MILÍCIAS E TRAFICANTES, **5%** MAIS DO QUE NA ELEIÇÃO DE 2018

77 DAS **97** ZONAS ELEITORAIS DA REGIÃO ESTÃO NAS MÃOS DO CRIME ORGANIZADO

A situação no Rio complicou-se a ponto de o prefeito Eduardo Paes ir ao ministro Alexandre de Moraes, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), para denunciar as intimidações e pedir ajuda. Criou-se então um gabinete extraordinário, dotado de um serviço de Inteligência que reúne a Justiça Eleitoral, a Polícia Federal e o Comando Militar do Leste, entre outros, para tentar coibir a prática. "Chegamos a um ponto inadmissível", alerta o presidente do Tribunal Regional Eleitoral (TRE), Elton Leme. Para aferir o nível de interferência do poder paralelo, VEJA ouviu quarenta candidatos ao Senado, Câmara e Assembleia Legislativa e os quatro mais bem colocados na disputa pelo governo estadual. Deles, 75% confirmaram já ter enfrentado restrições e ameaças ou, por precaução, tirado as áreas de risco da campanha. "Para fazer política no Rio não tem de ter só preparo, é preciso coragem", diz Rodrigo Neves, candidato ao governo pelo PDT.

Neves anda de carro blindado e segurança armada e contratou uma equipe para avaliar riscos. Mesmo com todo esse cuidado, foi impedido pelo tráfico de fazer uma carreata em São Gonçalo e, pela milícia, de promover uma reunião na Zona Oeste. Nas duas vezes, seus assessores receberam recados ameaçadores. Canteiro de milicianos, essa região do Rio é uma das mais sujeitas à cultura do medo disseminada pelos criminosos.

SOFIA CERQUEIRA

MARCELO PAULO/FUTURA PRESS

TRIAGEM Rio das Pedras: no bolsão de pobreza situado na Zona Oeste *(ao lado),* só quem passa pelo crivo dos bandidos pode agitar bandeiras

Levantamento feito pelo Disque Denúncia, a pedido de VEJA, mostra que nos últimos seis meses o serviço recebeu 3 022 ligações sobre milícias, sendo 2 019 referentes à capital e, destas, 66% mencionando bairros e comunidades na Zona Oeste.

A Baixada Fluminense, onde o tráfico predomina, é outro ponto crítico. Aureo Lídio (Solidariedade), candidato à reeleição na Câmara, viveu uma situação de pânico há duas semanas, quando ele e apoiadores foram “convidados” por um homem ar-

REBECCA MARIA/AG. O GLOBO

NÃO SABE, NÃO VIU Castro: denúncias serão "investigadas e combatidas"

mado a deixar um bairro de Duque de Caxias dominado pelo tráfico. A intimidação, porém, acontece em toda parte. Gabrielly Damasceno, candidata a deputada federal pelo PSC, relata que, ao tentar fazer corpo a corpo em alguns pontos de Bangu, onde mora, recebeu mensagens assustadoras no seu Instagram, como "Cuidado por onde anda, Gabizinha. (...) Já, já vai tomar na cabeça". Em grupos de WhatsApp de moradores surgem avisos de que só os escolhidos da quadrilha podem fazer campanha. "Se peitar, vai sofrer as consequências", diz um recado do tráfico que circula no bairro Parada 40, em São Gonçalo.

Vários candidatos ouvidos pela reportagem também confirmam a existência de um pedágio para entrar em determinados locais onde a lei da exclusividade é mais flexível. Neles, a tabela do tráfico vai de 300 000 a 500 000 reais e a da milícia pode chegar a 1 milhão de reais. Ganha desconto e até passe livre quem tem ligação com os criminosos ou quem acena com potencial para influir e indicar cargos no governo e na Alerj. "Nos últimos anos as milícias passaram a agir de forma diferente. Em vez de lançar candidatos da organização, estão investindo em nomes com ficha limpa", observa o promotor Bruno Gangoni, coordenador do Grupo de Atuação Especial no Combate ao Crime Organizado (Gaeco). Não totalmente: o Ministério Público do Rio identificou oito candidatos que são alvo de inquérito por ligações com o crime organizado.

Em Rio das Pedras, a reportagem de VEJA até viu material de campanha de alguns candidatos, mas cabos eleitorais com bandeiras, só mesmo os de Chiquinho Brazão, que busca a reeleição como deputado federal, e de Manoel Inácio Brazão, postulante à Alerj, ambos do União Brasil. "Temos visitado os 92 municípios do estado, bairros e regiões da cidade sem nenhuma dificuldade. Sempre trabalhei em prol do social", argumenta Chiquinho, que é irmão de Domingos Brazão, conselheiro afastado do Tribunal de Contas do Estado (TCE), investigado por supostos laços com milicianos.

Candidato ao governo do Rio, Marcelo Freixo (PSB), que comandou a CPI das Milícias em 2008, obviamente não chega perto dos enclaves dominados. "As campanhas ficaram limitadas territorialmente nas últimas eleições, mas neste ano piorou muito", avalia ele, que anda de colete à prova de bala. Como Freixo, o deputado estadual Luiz Paulo Corrêa da Rocha (PSD), candidato ao sexto mandato na Alerj, restringe sua agenda ao asfalto. "Eu me recuso a pedir autorização a bandidos para me locomover", afirma. Já o governador Cláudio Castro (PL), que tenta se reeleger, diz que desconhece a intimidação. "A mim não chegou nenhum caso, mas qualquer denúncia será absolutamen-

FACEBOOK @RENANFERREIRINHA

LIMITAÇÃO Ferreirinha, do PSD: campanha barrada, prática recorrente denunciada ao TSE

te investigada e combatida", promete. Os próprios moradores da Zona Oeste não só confirmam as barreiras como dizem que a coação se estende a eles no dia da votação: os bandidos fazem sua boca de urna particular e pressionam com ameaças pelo voto nos seus apadrinhados. Nas áreas dominadas pelo crime no Rio, eleição é jogo de cartas marcadas. ■

PRAGMATISMO EM TEMPOS DE CRISE

A democracia continuará indo em frente, aos trancos e barrancos

ESCREVO minha coluna antes do resultado do primeiro turno das eleições presidenciais, em um cenário muito confuso. Desde a redemocratização do Brasil, nenhuma eleição presidencial teve suas tendências tão nubladas por desconfianças tão generalizadas e pesquisas tão questionadas. Sem saber quem ganhará, uma visão prospectiva deve se limitar aos temas que podem ser observados a partir de algumas indagações fundamentais. E, também, pelo fato de o mundo estar vivendo tempos de grande incerteza causada pelas sequelas da pandemia de Covid-19 e pela invasão russa na Ucrânia. A primeira indagação relaciona-se à democracia no Brasil. A segunda indagação é sobre a governabilidade da futura administração. Por último, se o Brasil tem condições de superar a polarização raivosa que está prevalecendo.

Independentemente de quem ganhar o pleito presidencial, a imperfeita democracia brasileira não corre o risco de acabar por causa de ruptura institucional. Nossa democracia continuará existindo, patinando e avançando, ainda que aos soluços. Vítima de vários "ismos" — corporativismo, clientelismo, fisiologismo, patrimonialismo, esquerdismo, autoritarismo, racismo, entre outros —, o país continuará a demorar a realizar seu potencial. Teremos avanços circunstancias e, dependendo das abordagens acerca do funcionamento da economia, poderemos avançar mais ou menos.

A questão da governabilidade deve preocupar por estarmos vivendo, de fato, uma transição de regime. Tínhamos, até 2015, um presidencialismo hegemônico que controlava os principais vetores do poder. Já não é assim. Judiciário e Legislativo assumiram protagonismo que reduziu a liberdade de ação do Executivo. E não apenas pela questão orçamentária. As políticas monetária e cambial já são comandadas por um Banco Central autônomo. A construção das maiorias no Congresso depende mais do presidente de cada Casa do que do presidente da República. Enfim, navegar nos mares institucionais demandará inteligência e habilidade. E, sobretudo, capacidade de construir consensos.

> "Judiciário e Legislativo assumiram protagonismo que reduziu a ação do Executivo"

A terceira indagação refere-se à polarização raivosa que prevalece nos dias de hoje. As eleições podem acabar com ela? Não creio. Quem for derrotado tentará manter a polarização, visando a assegurar um lugar na disputa presidencial de 2026. Assim, a polarização prosseguirá em alta, caso o novo presidente não tenha elevada popularidade nem uma boa estratégia de comunicação.

A democracia, por conta de nossas contradições e incertezas, continuará indo em frente, aos trancos e barrancos. Sempre em um ambiente de disputa entre as instituições. A polarização raivosa prosseguirá. Quem for derrotado em 2022 manterá a polêmica na agenda como forma de enfraquecer o adversário.

Considerando o quadro, o país sairá rachado e prosseguirá assim até que, eventualmente, a percepção de sucesso do governo de plantão seja amplamente majoritária. O que tenderia a minimizar os potenciais efeitos negativos será uma gestão pragmática e não dogmática de nossa realidade. Em especial, pelo fato de existirem questões internacionais graves rondando a conjuntura. A capacidade de sermos pragmáticos será testada por força dos desafios internos e pelas circunstâncias internacionais. ■

RECESSÃO ATÍPICA

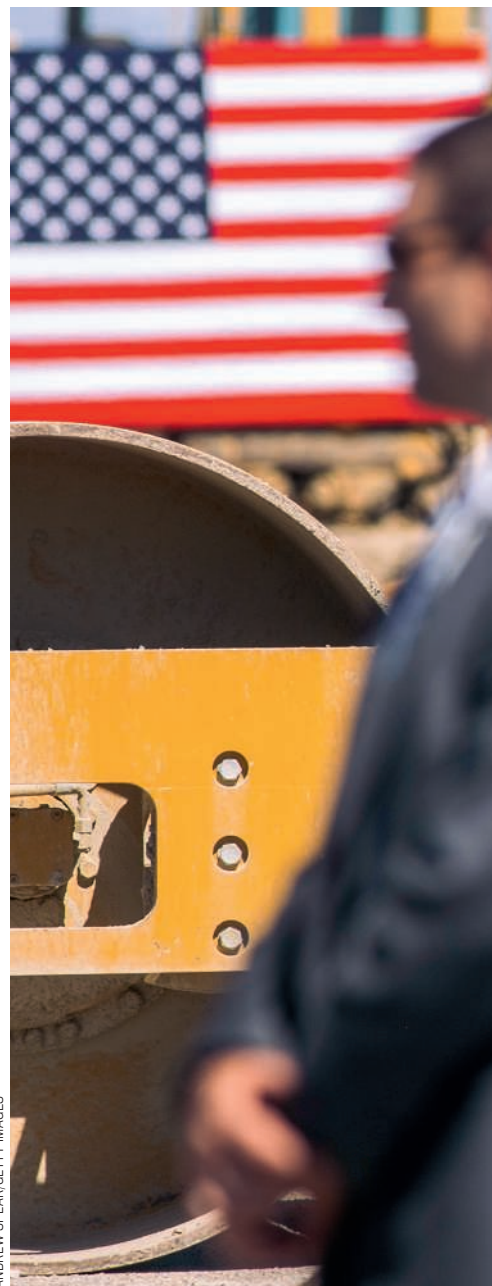
Os Estados Unidos navegam em meio a uma cacofonia de indicadores contraditórios, em que pleno emprego e consumo em alta se misturam à ameaça de uma grave crise no horizonte

LUANA MENEGHETTI E **FELIPE ERLICH**

ANDREW SPEAR/GETTY IMAGES

Tudo o que acontece nos Estados Unidos é acompanhado com olhos atentos pelo resto do planeta, principalmente quando o assunto diz respeito à economia. E quando os sinais emitidos pela maior potência mundial são conflitantes e imprevisíveis desencadeia-se um sentimento de perplexidade e apreensão. É o que vem acontecendo nos últimos meses, quando se registraram dois trimestres consecutivos de queda no produto interno bruto (PIB), o que segundo os cânones econômicos caracteriza a entrada de um país em uma recessão técnica. No entanto, o cruzamento de indicadores relevantes mostra que a situação não é tão simples de definir. Apesar das quedas de atividade deste ano, o nível de emprego, o consumo e a inflação permanecem aquecidos no país, e surpreendendo os analistas a cada anúncio mensal.

É algo completamente diferente do que aconteceu em crises abruptas, como as causadas pela Covid, em 2020, ou pelo derretimento do mercado imobiliário em 2008. Tão atípico que a entidade responsável por declarar que o país entrou em crise, o Departamento Nacional de Pesquisa Econômica (NBER, na sigla em inglês), uma organização privada sem fins lucrativos formada em 1920, ainda não o fez — e não há prazo para que o faça. “Se de fato entrarmos em uma recessão, será muito estranha, porque uma das principais razões pelas quais nos preocupamos com elas é o desemprego. Agora temos justamente o oposto”, disse a VEJA Penny Goldberg, economista-chefe do Banco Mundial entre 2018 e 2020. “É muito difícil pensar sobre esses problemas usando as ferramentas usuais que temos. Em recessões, as pessoas estão desesperadas para trabalhar e, agora, os empregadores estão implorando às pessoas para irem trabalhar.” Em julho, o país teve a menor taxa de desemprego em 53 anos, de 3,5%, registrando apenas 5,6 milhões de desempregados. Mesmo com a leve alta, a 3,7%, em agosto, o país tem um recorde de 1,9 vaga disponível para cada desempregado.

Apesar disso, para a empresa de pesquisas Ned Davis Research, a probabilidade de recessão é quase certa, de 98%. E os rendimentos dos títulos do Tesouro de longo prazo subiram para o maior patamar desde 2010, um forte sinal da aproximação de um cenário de crise. Por esses parâmetros, o próximo ano deve trazer o que os economistas estão chamando de *growth recession*, recessão de crescimento, um fenômeno paradoxal e que tem o potencial de se transformar em um grande desafio para o

ESTRANHO DESAFIO O presidente Joe Biden: o país precisa controlar a inflação, mesmo com pleno emprego

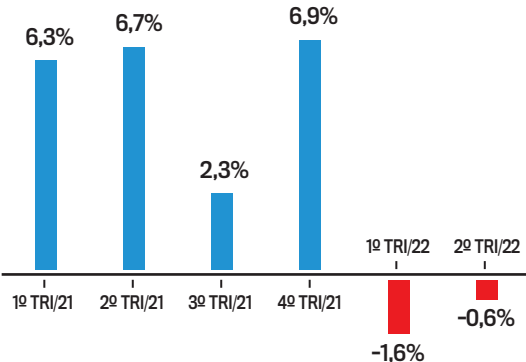
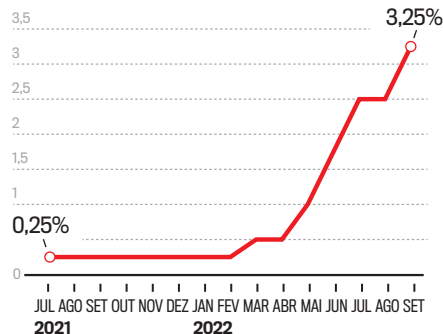
presidente Joe Biden e para o Federal Reserve, o banco central americano. Trata-se de um período prolongado de crescimento baixo e de aumento gradual do desemprego, uma espécie de estagnação. Como definiu uma economista da consultoria KPMG que participou da última edição do tradicional seminário anual do Fed em Jackson Hole, em Wyoming, seria tal qual uma "tortura de gotejamento de água na cabeça".

Boa notícia em qualquer parte do mundo, o aquecimento da economia preocupa os americanos, pois traz a perspectiva de maior inflação, que já acumula alta anual de 8,3% e deve exigir do Fed uma postura mais agressiva de aumentos dos juros. O país vive uma inércia da subida dos preços que tem resistido até mesmo à redução do preço do petróleo no mercado internacional. "O Fed trabalha com a expectativa de que a manutenção de um crescimento lento seja suficiente para a inflação cair. Mas isso é apenas uma esperança, ninguém sabe

FRANK AUGSTEIN/AP/IMAGEPLUS

NOVO BALANÇO Casa de câmbio em Londres: no mundo atual, o dólar, o euro e a libra esterlina valem quase o mesmo

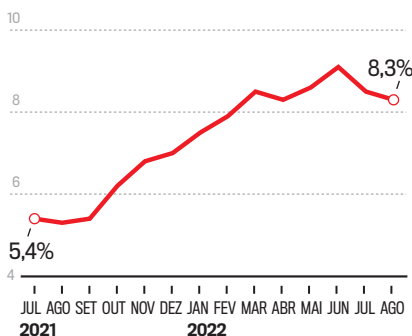
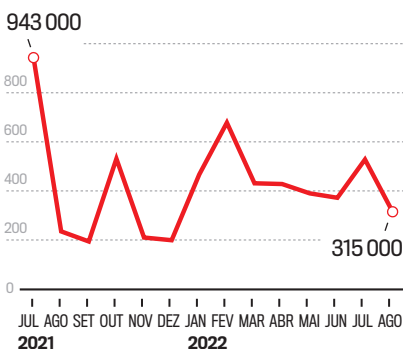
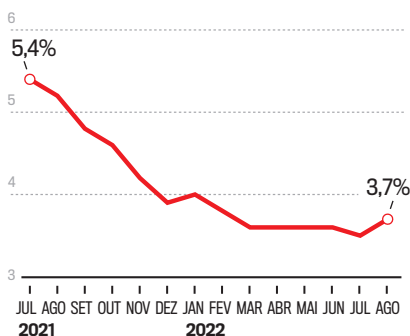
quanto a economia precisará desacelerar para controlar a inflação”, afirma Maurice Obstfeld, ex-assessor econômico da Casa Branca e ex-conselheiro econômico do Fundo Monetário Internacional (FMI).

A grande preocupação está na linha tênue entre o que pode ser definido como desaceleração e a recessão. Desacelerar sem gerar contração na economia é altamente desejável, mas pouco provável. “Um tigre contido não é o mesmo que um tigre solto nas ruas, mas também não é um tigre de papel”, escreveu o economista Solomon Fabricant, quando cunhou o termo recessão de crescimento, em 1972. No início do ano, o Fed esperava que a taxa de juros a 3% seria o bastante para colocar a inflação dentro da meta de 2% ao ano, mas isso não aconteceu. Na última reunião do órgão, neste mês, ele reforçou o compromisso de combater a inflação e “fazer o que for preciso” para alcançar a meta, abandonando o discurso de um pouso suave da economia. O posicionamento aumenta as projeções para elevações agressivas, entre 4,25% a 4,50% até o fim do ano, en-

CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES

CONSUMO RESISTENTE Loja de eletrônicos em Maryland: mercado interno aquecido continua a estimular inflação

quanto também crescem as estimativas de que chegará a 5%, em 2023.

Essas expectativas, por si, já causam nervosismo mundo afora. Os principais índices de bolsa registraram nos últimos dias mínimas históricas de 2020, do auge da pandemia. A forte pressão fez com que 400 ações monitoradas no índice S&P 500 despencassem na segunda-feira 26, com o índice acumulando mais de 100 dias no vermelho em 2022, um dos períodos mais longos de queda desde 2008. A aversão ao risco tem levado ainda a uma valorização global do dólar, mesmo com aumentos dos juros acontecendo em diversos outros países, que também vivem sob a ameaça do descontrole inflacionário. O euro e a libra esterlina estão em baixas históricas frente à moeda americana, com as três valendo praticamente o mesmo.

No Brasil, na última semana, o dólar voltou a superar a marca dos 5,40 reais, a mais alta cotação em dois meses, antes de cair um pouco. "Vocês, do Brasil, deveriam se preocupar com o Fed. Por exemplo, quando ele aumenta muito a taxa de juros, isso é ruim para a balança de pagamentos *(o entra e sai de dinheiro de um país)* brasileira, porque o dinheiro começa a se mover", disse a VEJA em um evento ocorrido em São Paulo o canadense David Card, vencedor do Prêmio Nobel de Economia de 2021. É comum os investimentos deixarem países em desenvolvimento em momento de alta dos juros nos Estados Unidos, um prognóstico que sinaliza a possibilidade de meses difíceis pela frente para os brasileiros. O fato é que as idiossincrasias do atual momento americano tem servido para os economistas se debruçarem sobre um fenômeno inusual e observarem os mecanismos que regulam os processos de aquecimento e desaquecimento da economia em plena ação. Trata-se de um aprendizado importante, mas que gera uma profunda apreensão seja nos países ricos ou naqueles nem tanto. ■

A DIREITA SOBE

A vitória da neofascista Giorgia Meloni na Itália e de neonazistas na Suécia comprova que o ultraconservadorismo, antes uma entidade periférica e nanica, ganhou voz ativa na política europeia

CAIO SAAD

Palco principal dos horrores da II Guerra, a Europa durante décadas praticamente aboliu o nazismo e o fascismo do rol dos assuntos palatáveis, limitando sua menção, no máximo, à condenação de atos do passado. A onda conservadora que se espalha pelo planeta, no entanto, está mudando esse estado de coisas. O ponto mais alto da transformação até agora se deu na Itália, terceira maior economia da União Europeia: com 26% dos votos, mais do que qualquer outro, o partido Irmãos da Itália, originário do movimento neofascista, venceu as eleições para o Parlamento e alavancou sua líder, a veemente e magnética Giorgia Meloni, para o cargo de primeira-ministra — nas palavras dela, a "redenção" daqueles que "passaram décadas baixando a cabeça". Pouco antes, outro líder da extrema direita, o sueco Jimmie Akesson, havia alçado sua legenda ao posto de segunda maior do país, conquistando lugar na nova coalizão de governo e ajudando a comprovar o que muitos relutavam até então em enxergar: que o ultraconservadorismo voltou a ter voz ativa na Europa.

Os primeiros passos ideológicos de Meloni, 45 anos, se deram no âmbito do Movimento Social Italiano (MSI), criado no pós-guerra para preservar os ideais fascistas e dissolvido nos anos 1990. Ela cresceu e apareceu entoando lemas de nacionalismo extremado e insurgindo-se contra o euro e a União Europeia. Em nome de "Deus, pátria e família", o moto de Benito Mussolini e de seu partido, discursa com convicção contra o aborto e ameaça reverter o direito ao casamento gay. Mas o grosso de sua ultraconservadora artilharia — como, de resto, a de toda a extrema direita europeia — volta-se para os imigrantes. Meloni defende a ideia de que se instale um "bloqueio naval" no Mediterrâneo para impedir que botes de desesperados atraquem nos portos italianos e dissemina a ilusória teoria de uma conspiração em marcha para fazer dos brancos cristãos uma minoria na Europa.

JONAS EKSTROMER/TT NEWS AGENCY/AFP

DESVIO Akesson: neonazista no poder no berço da social-democracia

Trilhando a conhecida rota "paz e amor" pré-eleições, nos últimos tempos, Meloni suavizou o tom, pediu moderação aos apoiadores nos comícios e tentou sair da trincheira radical. "Partiu dos italianos a clara indicação de que a centro-direita deve guiar a Itália", proclamou no discurso de vitória. Nessa versão "Meloninha", ela reduziu as críticas à UE, admitiu que Mussolini e o fascismo prejudicaram a Itália e postou-se firmemente do lado da Ucrânia contra a invasão russa, esse um ponto de discórdia com seus parceiros de coalizão, Matteo Salvini, da Liga, e Silvio Berlusconi, da Força Itália, ambos admiradores de Putin — Berlusconi acaba de afirmar que a Rússia atacou para colocar "pessoas decentes" no governo de Kiev. A nova coalizão de extrema direita italiana ainda demora a assumir o governo (provavelmente no fim de outubro ou começo de novembro), mas já é amplamente vista como um perigo para a unidade e a democracia na UE.

A Suécia, berço da social-democracia e seus ideais de igualdade e bem-estar, parece ecoar a virada italiana, ao derrapar para a extrema direita: "É hora de o povo nos dar a chance de fazer a Suécia grande novamente", bradou, sorridente e aplaudidíssimo, Akesson, líder do Partido dos Democratas Suecos (que de de-

ANDREAS SOLARO/AFP

CABEÇA ERGUIDA
Meloni: neofascismo amenizado na campanha, mas visto como um perigo

ANDREJ ISAKOVIC/AFP

MODELO Orbán sendo condecorado por Vucic na Sérvia: o pregador de uma celebrada “democracia iliberal”

mocrata não tem nada, ancorado em discurso neonazista), emulando o bordão de Donald Trump, o guru da direita radical. A legenda levou pouco mais de 20% dos votos — uma espécie de patamar mágico do ultraconservadorismo europeu —, e a primeira-ministra Magdalena Andersson, há menos de um ano no cargo, renunciou, abrindo caminho para uma aliança de direita chefiada por Ulf Kristersson, do direitista Partido Moderado.

A campanha do Democratas Suecos se concentrou em três temas: a inflação de 9% (a maior desde 1991), a alta da criminalidade e, pairando acima desses dois problemas, a sempre demonizada imigração “desenfreada”. Com um histórico de acolhimento de refugiados políticos, a Suécia recebeu mais imigrantes per capita do que qualquer outro país europeu na crise migratória de 2015, sendo a maioria deles de países muçulmanos. Segundo analistas, os sociais-democratas, há oito anos no poder, fizeram pouco para assimilar os imigrantes, abrindo espaço para a direita atribuir a eles a disparada na criminalidade. “A questão da lei e da ordem se tornou peça central nesta eleição”, explica Anamaria Dutceac Segesten, professora de relações internacionais na Universidade de Lund, na Suécia.

FRANCISCO SECO/AP/IMAGEPLUS

BANDEIRA Refugiados no Mediterrâneo: culpados por todos os males

O triunfo da extrema direita no ninho da social-democracia europeia ecoou pelo continente. "Em todos os pontos da Europa as pessoas querem retomar o controle de suas vidas", celebrou a musa da direita francesa Marine Le Pen, que neste ano disputou a Presidência com Emmanuel Macron e perdeu, mas elegeu a terceira maior bancada da Assembleia Nacional. Partidos desse espectro já integraram coalizões governistas na Finlândia e na Áustria e estão na corrida na Espanha, Holanda e Alemanha. "Mesmo que seu apoio parlamentar ocorra fora do governo, eles acumulam um poder de veto significativo", diz Göran von Sydow, diretor do Instituto Sueco para Estudos de Políticas Europeias.

Le Pen foi das primeiras a cumprimentar Meloni. "O povo da Itália decidiu tomar as rédeas de seu destino, elegendo um governo patriótico e nacionalista", elogiou. Também choveram parabéns do ultraconservador Mateusz Morawiecki, primeiro-ministro da Polônia, e do húngaro Viktor Orbán, prócer da "democracia iliberal" no qual Meloni se espelhava antes da amolecida ideológica das últimas semanas. Recentemente condecorado por seu parceiro nacionalista Aleksandar Vucic, presidente da Sérvia, Orbán, no poder há quatro mandatos, lidera um governo autoritário com tamanha lista de desmandos que a União Europeia declarou recentemente não poder mais considerar a Hungria uma democracia plena. Com os reforços agora de Meloni e Akesson, a linha de frente do conservadorismo se instala, com armas e bagagens, no tabuleiro político europeu, com planos de se espalhar cada vez mais. ■

APESAR DOS ERROS, HÁ EVOLUÇÃO

Da Inglaterra à Itália, experiências de direita que vale seguir

"UM CONSERVADOR é um homem com duas pernas perfeitamente boas que, no entanto, nunca aprendeu a andar para a frente", definiu sibilinamente Franklin Roosevelt, quatro vezes eleito presidente dos Estados Unidos e santo mais venerado no altar do Partido Democrata americano. Detalhe: ele perdeu aos 39 anos o uso das pernas, por uma doença devastadora que pode ter sido paralisia infantil ou a pouco conhecida à época síndrome de Guillain-Barré. Duas mulheres conservadoras, embora de correntes muito diferentes, estão desafiando neste momento a definição de Roosevelt: querem andar para a frente — mesmo que deixem um rasto de choque e espanto à sua passagem. Uma delas é Liz Truss, a nova primeira-ministra britânica. Ela sempre foi considerada pela elite conservadora como segundo time e até ridicularizada por querer imitar as roupas de Margaret Thatcher. Agora, está sendo execrada pelo pacote de medidas econômicas que simplesmente implodiu o consenso reinante sobre economia. O tsunami de cortes de impostos, desburocratização e incentivos à competitividade que o ministro da Economia de Liz Truss, Kwasi Kwarteng, anunciou levou um comentarista a escrever que precisou "se beliscar para ter certeza de que não estava sonhando, que não havia sido transportado para uma terra distante onde as pessoas realmente acreditam nos princípios econômicos de Milton Friedman e Hayek".

É uma experiência arriscadíssima num momento de inflação alta, crise energética, desvalorização da moeda e aumento dos gastos públicos. Para os simpatizantes, é a sirene da polícia que anuncia a chegada da salvação nos minutos finais do filme. Os adversários, inclusive à direita, acham que Liz Truss, ao querer ser mais Thatcher do que Thatcher, sem a férrea disciplina fiscal da Dama idem, assinou não só a própria sentença de morte como a de todo o Partido Conservador. O que seria uma master class de liberalismo econômico de repente pendeu para uma catástrofe em câmera acelerada. Liz Truss teve as ideias certas no momento errado ou as erradas no pior momento possível?

> "Liz Truss e Meloni terão de mostrar se vieram para construir ou, involuntariamente, derrubar a casa"

O que acontecerá na Itália com um governo liderado por Giorgia Meloni também responderá a perguntas importantes. Poderá ela se redimir das origens neofascistas, a praga que assombra a extrema direita europeia? Existe lugar num país da Europa Ocidental para uma direita nacionalista *à la* Trump? Propiciará uma política econômica estatista mais parecida com as ideias de Marine Le Pen e irreconhecível para os que pensam como a quase libertária Liz Truss?

Numa coisa ela já evoluiu: saltou do bonde das simpatias da direita populista por Vladimir Putin, aclamado como um defensor de princípios tradicionais e cristãos. Foi um dos maiores erros dessa corrente política nos últimos tempos. Putin é o homem que condecorou militares que estupraram, torturaram e assassinaram civis. A Ucrânia, ao contrário, encarna valores venerados pela direita: liberdade, independência, patriotismo, bravura — e paixão por armas bem grandes. Giorgia Meloni sempre cita Roger Scruton, a face refinada do conservadorismo contemporâneo, e sua síntese do que ele significa: "As coisas boas são facilmente destruídas, mas não facilmente criadas".

Ela e Liz Truss terão de mostrar se vieram para construir ou, involuntariamente, derrubar a casa. ■

SAGA PANTANEIRA

Tal qual Bella Campos, a Muda de *Pantanal,* abocanhada – de leve – por um jacaré quando nadava em um rio, a colega de elenco **JULIA DALAVIA,** 24, a Guta, relata que também teve seu encontro de primeiro grau com alguma criatura aquática em um intervalo das gravações. “Não vi, mas provavelmente foi um jacaré, pelo tamanho da cicatriz que ficou no meu bumbum”, conta. Na reta final da novela de enorme sucesso, Julia colhe os louros do posicionamento firme e liberado da sua personagem, que esnobou os peões chucros e caiu nas graças do público. “Eu sou feminista de diferentes maneiras. Tenho dias de gritar, explicar. Em outros, não tenho saco para falar nada”, revela, toda segura de si.

INSTAGRAM @JULIADALAVIA

VOLTA POR CIMA

A vida anda dando gargalhadas para **JOHNNY DEPP,** 59 anos, o ator caído em desgraça em dois rumorosos processos – um no Reino Unido, outro nos Estados Unidos – por abusar da ex-mulher Amber Heard e redimido por uma sentença para lá de camarada. Primeiro, ele apresentou-se tocando guitarra em um show e atraiu plateias lotadas. Depois, embolsou um contrato para viver o rei Luís XV em filme da diretora francesa Maïwenn. Agora, está de namorada nova: a advogada britânica Joelle Rich, 37 anos, que o defendeu no tribunal em Londres – uma ação, aliás, que ele perdeu. Rich tem dois filhos e está se divorciando. “A química entre eles é fenomenal”, revela um dos inevitáveis amigos. Depois, sendo Depp quem é, nunca é demais ter um advogado por perto.

SHAWN THEW/AFP

INSTAGRAM @SOPHIECHARLOTTE1

VOZ ATIVA

Convocada a interpretar uma das vozes mais marcantes da música brasileira, **SOPHIE CHARLOTTE,** 33 anos, não titubeou: mergulhou nas aulas de canto e dispensou dublagem para viver Gal Costa no filme *Meu Nome É Gal*. "Esse papel é a coisa mais impressionante da minha carreira até aqui, o maior barato. Encontrei a Gal diversas vezes e ela dividiu comigo referências de seu canto tão potente", encanta-se Sophie, que filmou no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Bahia. Em uma das cenas mais emblemáticas, ela interrompe uma conversa de Caetano Veloso e Gilberto Gil, largados no sofá de uma boate, com o empresário Guilherme Araújo. O ano é 1967 e eles discutem inovações no figurino. Sophie/Gal baixa o copo de uísque e comenta: "Eu adoro o Chacrinha. Conhecem?". Ali começou a surgir a tropicália.

BEM OU MAL, FALEM DE MIM

Bem antes da estreia, o filme *Não Se Preocupe, Querida* já dava o que falar. Começou pela diretora **OLIVIA WILDE,** 38 anos, remover do elenco o galã Shia LaBeouf – que na mesma hora esclareceu que ele é que tinha pedido as contas. Seguiu com Wilde sendo interrompida, em pleno palco onde apresentava o trailer, pela entrega dos papéis de um processo que seu ex-marido Jason Sudeikis (da série *Ted Lasso)* move pela guarda dos filhos. Aprofundou com um romance dela com o substituto de LaBeouf, Harry Styles, 28 anos, e com resmungos de favoritismo. E degringolou de vez com a atriz Florence Pugh, 26 anos e a bela da vez em Hollywood, se recusando, sem explicações, a comparecer às pré-estreias. Lançado nos cinemas, as críticas foram mornas, mas a falação funcionou: foi campeão de bilheteria no primeiro fim de semana de exibição. ■

KEVIN MAZUR/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

SEDUÇÃO PERVERSA

Conhecida pelo elevado nível acadêmico, a Universidade de Viçosa investiga denúncias de alunas que dizem ter sido alvo de abusos e até estupros cometidos por um respeitado professor

DUDA MONTEIRO DE BARROS E **SOFIA CERQUEIRA**

Situada na Zona da Mata mineira, a Universidade Federal de Viçosa é um polo de excelência que desfruta alto prestígio, reunindo pesos-pesados da academia e produzindo pesquisas de elevado alcance. Entre suas mais concorridas graduações está a do curso de letras, citada pela notável qualidade. Neste momento, porém, é um motivo bem menos nobre que conduz a faculdade ao centro das atenções. Pois naqueles centenários corredores se desenrola, ainda na surdina, uma nada edificante trama que enreda um proeminente professor da instituição.

Dono de currículo abrilhantado por passagens por universidades europeias e pelo domínio de sete idiomas, Edson Ferreira Martins, 43 anos, pós-doutor em estudos clássicos com especialidade em Machado de Assis, é acusado por alunas e ex-alunas de um leque de crimes que abrange abuso de poder, violência física, assédio moral e sexual e estupro — um escândalo silencioso que virou, em 2019, alvo de uma sindicância interna e se desdobrou em um processo administrativo disciplinar.

Ainda em andamento, a investigação da universidade sobre o professor já colheu depoimentos considerados tão contundentes que os responsáveis decidiram enviá-la ao Ministério Público Federal de Minas Gerais, onde corre sob sigilo de Justiça. VEJA teve

ZÔ GUIMARÃES

“Edson me deu de tudo para beber – vinho, cerveja, vodca. Fiquei sem capacidade de discernir, vulnerável, e ele me estuprou. Ele me atormentou até meu último dia em Viçosa. Entrei em depressão e perdi 7 quilos. Dez anos depois, ainda faço terapia.”

N.L., 28 anos

FACEBOOK @EDSONMARTINS

O ACUSADO
Martins: enredado em um escândalo sexual que já chegou ao Ministério Público

MODUS OPERANDI

Trechos do relatório conduzido por uma comissão da Federal de Viçosa revelam como o professor Edson Martins abordou várias de suas alunas

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Viçosa
Av. P. H. Rolfs, s/nº, UFV, 36570-900 - Viçosa MG

Segundo a denúncia, os relatos anexados constataram um padrão de comportamento delitivo do investigado que envolveria ações como promessas de projeto de pesquisa, reuniões informais com alunas na sua própria residência (um sítio na divisa das cidades de Viçosa e Teixeiras), convite para bares ou festas e relacionamento sexual e afetivo com as alunas, especialmente aquelas que se encontram no início do curso.

Ao contato inicial, o investigado partia para convites que, não raramente, envolviam uso de bebidas alcoólicas ou drogas, bem como a ida ao seu sítio, na zona rural de Teixeiras-MG, onde ocorriam os relacionamentos (ACCA -fl.109; YCLA -fl.111; MGG-fl.115; MSS – fl.117; BLVRP – fl. 119; – RPTMO – fl. 121; - ADLR – fl. 128; MOC – fl.219/221).

acesso a um espantoso conteúdo de 870 páginas, no qual onze jovens relatam com riqueza de detalhes os abusos dos quais afirmam ser vítimas, umas recentemente, outras até uma década atrás. A reportagem conversou com oito delas, na condição de anonimato. Elas têm medo, quando não pavor, de se expor. O conjunto das histórias ajuda a traçar um *modus operandi* de Martins, que, segundo suas alunas, se valia do poder do cargo e da admiração que inspirava para seduzir moças mais novas que ele, "preferencialmente as calouras", oferecendo vagas em projetos de pesquisa e puxando papo nas redes. Às vezes, partia direto para o flerte.

No início, de acordo com o documento de Viçosa, ele se apresentava encantador, o "professor da galera". Na cidade, de 80 000 habitantes, sua fama de galanteador extrapolava os muros do câmpus — era comum ser visto por lá ao lado de estudantes. As que decidiram cutucar suas feridas e

“Estávamos conversando, eu discordei da opinião dele e, do nada, ele explodiu, aos gritos. Enquanto eu chorava e tremia, Edson veio para cima de mim para fazer sexo. Não reagi por medo. Me senti suja e humilhada por muito tempo.”

Z.M., 30 anos

BRUNA BRANDÃO/NITRO

falar dão uma dimensão de como o elo com Martins foi se tornando, com o tempo, doentio e abusivo.

Aos 28 anos, N.L. conta que ficou tão traumatizada com o relacionamento de um ano que deixou família e emprego para recomeçar a vida em outra cidade. Já no primeiro encontro, a mágica desfez-se quando o professor estimulou sua aluna, então com 18 anos, a beber de tudo — cerveja, vinho, vodca. Sem nenhuma capacidade de discernimento, N. só lembra de um corpo sobre ela, num ato sexual que lhe deixou memória amarga. “Bem depois percebi que aquilo foi um estupro. Eu estava completamente vulnerável e ele se aproveitou”, dispara ela, que também o acusa de ter sumido com seu celular em uma viagem, deixando-a incomunicável. Na ocasião, em meio a uma discussão, teria sido arremessada duas vezes ao chão. O pesadelo de N. ocorreu em 2013, mas até hoje ela faz tratamento para lidar com as sequelas psicológicas.

Entre as denúncias mais graves que recaem sobre o autor de inúmeros livros e de um documentário sobre o universo machadiano, aparece no processo tocado pela universidade mais um caso de estupro. Em descrição parecida com a das demais jovens, Z.M., agora com 30 anos, lembra que o docente começou a cortejá-la em 2017, num momento em que ela deixou entrever suas fragilidades. Estavam em pleno calor do princípio de relacionamento, e o professor se mostrava especialmente atencioso. Z. foi então à sua casa, um sítio afastado da cidade, e a conversa fluía. Até que, em certo ponto, ela discordou dele, que, transtornado, pôs-se a gritar.

Amedrontada, Z. se refugiou em um quarto. “Fiquei encolhida, chorando e tremendo na cama. Aí ele entrou, me pegou de costas e, mesmo sem eu reagir, fez sexo comigo”, revolve as lembranças. “Meu desespero era tan-

BRUNA BRANDÃO/NITRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

TRAMA INCÔMODA Universidade de Viçosa: apuração conduzida no câmpus

“Ele me chamava para cafés, bares e me oferecia carona. Já sabia de sua reputação e nunca cedi às investidas. Com o tempo, o Edson começou a me prejudicar academicamente. Acabei abandonando a universidade, que me pareceu omissa diante de tantos abusos.”

F.O., 29 anos

to que tive receio de dizer não.” Após o episódio, só conseguiu se aproximar de outro homem quatro anos mais tarde. Especialistas consultados por VEJA são categóricos em definir ambos os episódios como estupro. “São casos clássicos de estupro de vulnerável, quando a vítima não tem capacidade para consentir”, enfatiza Flávia Pinto, presidente da OAB Mulher.

As jovens demoraram tanto a remexer esse dolorido caldo de emoções porque se sentiam solitárias e achavam que, diante do prestigiado mestre, seriam desacreditadas. Daí terem se fechado em silêncio. Mas uma foi se aproximando da outra, entenderam ser parte de um grupo e acionaram uma advogada. Nem todas cederam a suas “investidas sexuais”, mas foram atingidas em muitas camadas, inclusive por rejeitá-lo — motivo para algumas serem humilhadas em classe e removidas de projetos acadêmicos, conforme registraram em depoimentos. O incentivo ao uso de drogas variadas também foi mencionado, como no relato de C.W., 23 anos, que escutou de Martins em uma festa que “estava doido de LSD”. Em um encontro posterior, ele detalhou suas experiências sexuais sob efeito de entorpecentes e lhe ofereceu um ácido, que ela recusou. “Decidi largar o trabalho em que ele me orientava e perdi o gosto pelo curso”, desabafa. “Muitas dessas meninas me procuravam para não fazer aula com Martins, justificando terem se relacionado com ele ou por sua fama mesmo”, diz Joziane Assis, coordenadora da faculdade de letras de 2020 a 2022.

Durante o processo, o professor chegou a ser afastado por sessenta dias. Mas, com a pandemia, vieram as aulas on-line, e ele retomou o posto, onde permanece. Em setembro de 2021, já atropelado pela avalanche de acusações, recebeu uma promoção e escalou um nível na hierarquia docente. “É revoltante ver a omissão da instituição frente a tantos abusos”, indigna-se F.O., 29 anos, uma das que o acusam. Como é padrão nesses casos, Martins, conhecido como habilidoso usuário do português — nunca deixa registrada uma mensagem em celular que o desabone completamente —, faz uso de artifícios, ainda segundo os relatos, para sempre inverter o enredo. Ele repete nos corredores universitários que as alunas é que não aceitam o fim da relação e, por isso, o envolvem na teia de acusações. “Pessoas assim se aproveitam da posição de poder para manipular e sabem o momento de atacar”, avalia a psicóloga Mariana Luz, diretora do Me Too Brasil.

Representante das alunas, a advogada Lise Póvoa encaminhará nos próximos dias uma notícia-crime contra Martins aos ministérios públicos estadual e federal em Minas. Já a universidade informa que está analisando as evidências e, em breve, baterá o martelo sobre seu destino. Na defesa de Martins, Marinês Alchieri garante que “há provas robustas de que a vítima é ele” e diz que está preparando “ações criminais contra as falsas denúncias e pelas reparações de danos decorrentes”. Enquanto isso, o professor, segundo relatam colegas do departamento de letras, segue cultivando o hábito de seduzir suas alunas. ■

DE OLHO NA LUPA

Os produtos alimentícios trarão na embalagem, a partir da próxima semana, alertas sobre o excesso de sódio, açúcar e gordura. Ficará fácil fazer escolhas saudáveis **PAULA FELIX**

SAULO DIAS/PHOTO PRESS/FOLHAPRESS

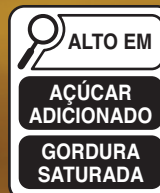
É COMUM, hoje, comprar um produto no supermercado e olhar o prazo de validade — contudo, as minúsculas informações nutricionais presentes nas embalagens acabam sendo deixadas de lado pelos consumidores. Assim, sem saber direito o que está escolhendo, muita gente leva para casa itens carregados de sódio, açúcar e gordura saturada, nutrientes ligados ao desenvolvimento de doenças crônicas, como obesidade, diabetes e problemas cardiovasculares. Em 9 de outubro, entra em vigor uma medida que pode ajudar na seleção de alimentos mais saudáveis, o que, espera-se, contribua para deter a ascensão dessas enfermidades. Nessa data, começarão a aparecer nas prateleiras os primeiros produtos com o novo modelo de rotulagem que traz uma lupa chamando a atenção para o alto teor dos três nutrientes *(veja abaixo).* A ação faz parte de um movimento mundial por maior transparência sobre os dados nutricionais de alimentos industrializados.

As discussões sobre o assunto começaram em 2010. No Brasil, o debate foi iniciado um pouco mais tarde, há oito anos, e culminou em uma consulta pública, em 2018, coordenada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Foram recebidas 82 000 contribuições. A indústria participou de todo o processo. “Defendemos a ideia de que a alimentação seja cada vez mais saudável”, diz João Dornellas, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos. Dois anos depois, foi publicada a resolução determinando as mudanças. Além da obrigatoriedade de colocar alertas na

INFORMAÇÃO CLARA

O painel na frente da embalagem mostrará quando o alimento tiver concentração acima da recomendada dos seguintes nutrientes

EXCESSO POR TIPOS DE ALIMENTO	SÓLIDOS E SEMISSÓLIDOS	LÍQUIDOS
Açúcar	15 g ou mais por 100 g	7,5 g ou mais por 100 ml
Gordura saturada	6 g ou mais por 100 g	3 g ou mais por 100 ml
Sódio	600 mg ou mais por 100 g	300 mg ou mais por 100 ml

VARIEDADE Muito produto, pouca informação: o cenário está prestes a mudar em benefício do consumidor

frente das embalagens quando houver sódio, gordura saturada ou açúcar adicionado em excesso, foi decidida a padronização da tabela nutricional, na parte de trás, para que ficasse mais legível: ela terá letras pretas e fundo branco.

Chegar ao padrão agora adotado aqui e em outros países foi uma longa travessia. Uma das primeiras experiências aconteceu na Austrália, em 2014. Uma escala de 0,5 a 5 estrelas passou a figurar nas embalagens, sendo logo chamadas de “estrelas da saúde”. Choveram críticas. Primeiro porque a adesão da indústria era voluntária e a avaliação era feita sobre a composição geral do produto, de modo que a presença de um nutriente benéfico, como fibras, poderia salvar um ultraprocessado da baixa pontuação.

A proposta mais robusta e que logo atraiu o interesse de pesquisadores do tema despontou no Chile, em 2016: uma lei determinou a adoção do selo em formato de octógono com a expressão direta “alto em” para apontar índices excedentes de gorduras saturadas, calorias, sódio e açú-

ROTULAGEM TRASEIRA

1 INFORMAÇÃO NUTRICIONAL

Porções por embalagem: número de porções 3
Porção: _____ g ou ml (medida caseira)

	100 g	000 g	%VD*
Valor energético (kcal)			
Carboidratos totais (g)			
2 Açúcares totais (g)			
Açúcares adicionados (g)			
Proteínas (g)			
Gorduras totais (g)			
Gorduras saturadas (g)			
Gorduras trans (g)			
Fibra alimentar (g)			
Sódio (mg)			

* Percentual de valores diários fornecidos pela porção.

1 Terá letras pretas e fundo branco

2 Deverá informar açúcares totais e adicionados, valor energético e nutrientes por 100 g ou 100 ml

3 O número de porções por embalagem precisa estar mencionado

Fonte: *Anvisa*

RISCO ESCONDIDO

Alguns alimentos que podem conter nutrientes que, em excesso, são prejudiciais

AÇÚCAR ADICIONADO

Iogurtes com sabor

Chá industrializado

GORDURA SATURADA

Manteiga

Requeijão

SÓDIO

Pães, como as bisnaguinhas

Suco em caixa

Fontes: *Associação Brasileira de Nutrição (Asbran) e Ministério da Saúde*

RENATO S. CERQUEIRA/FUTURA PRESS

car. No documento de apresentação, divulgado na época pelo Ministério da Saúde chileno, o país era apontado como o principal consumidor de bebidas açucaradas per capita por dia no mundo e a rotulagem tinha o objetivo de interromper a escalada da obesidade e de outras doenças associadas, como o diabetes. Os resultados apareceram rápido. Um estudo publicado no ano passado comparou o período antes da norma, no ano de 2015, até o fim do primeiro ano da medida em vigor, em 2017, com base nas compras de 2 300 famílias. Houve queda de 24% na aquisição de produtos calóricos; de 37% em relação àqueles com alta concentração de sódio; e de 27% dos que possuíam grande quantidade de açúcar adicionado.

Antes da mesmo da divulgação de estudos sobre a experiência chilena, países latino-americanos começaram a aprimorar e implementar suas propostas. "Há uma onda regional. Argentina, Uruguai, Peru e Colômbia estão discutindo como aprimorar os meios de informação ao consumidor", diz Ana Paula Bortoletto, pesquisadora do Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde da Universidade de São Paulo. O fenômeno tem sido estudado de perto por pesquisadores da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, que mantêm um mapa atualizado das medidas implementadas em diferentes partes do mundo. A adoção da rotulagem frontal no Brasil, também monitorada pelo grupo americano, é considerada um primeiro passo, mas ainda com desafios a ser enfrentados. Professora de nutrição da universidade, Lindsey Smith Taillie considera que designers semelhantes a placas de "pare" ou os que recomendam a redução de consumo de determinados nutrientes são mais eficazes do que as lupas. Além disso, a pesquisadora defende a adoção de ações para restringir as propagandas duvidosas. "Se as pessoas ainda são bombardeadas com marketing enganoso, é difícil fazer escolhas saudáveis", disse a VEJA.

Decerto, a decisão por produtos mais adequados exige a aplicação de medidas conjuntas, de rótulos legíveis e compreensíveis a educação alimentar dentro de casa. Está no simples ato de escolher o melhor produto boa parte da essência de uma saúde melhor ou pior no futuro — além do empenho em atividades físicas. De acordo com a OMS, a cada dois segundos morre uma pessoa com menos de 70 anos por uma doença crônica associada a uma

ATIVIDADE Exercícios físicos: instrumento vital, ao lado da boa alimentação, contra a obesidade

dieta ruim. Por isso a insistência para que sejam realizadas as trocas alimentares, capazes de mitigar prejuízos ao bom funcionamento do corpo em menos de uma década. No México, onde a mudança da rotulagem entrou em vigor em 2019, uma estimativa publicada na revista científica *Plos Medicine* mostrou que, em cinco anos, a prevalência de obesidade no país pode cair 15%, o que significa uma queda de 1,3 milhão de casos e economia de 1,8 bilhão de dólares em gastos com a doença. Trata-se de uma diminuição significativa e reveladora de quanto olhar com mais atenção o rótulo do que se compra faz bem. ■

GATO POR LEBRE

O prosaico feijão-de-corda entra na lista de produtos falsificados

VOCÊ JÁ DEVE ter ouvido muito falar em equipamentos eletrônicos falsificados. Estão entre os clássicos da pirataria moderna, da mesma maneira que alguns tênis de marca, roupas de grife e certas bolsas. Mas a imaginação maldosa parece não ter limite. Agora — acredite — estão falsificando o prosaico feijão. O surpreendente esquema foi identificado neste mês. Pessoas levavam toneladas de feijão-fradinho plantado em São Paulo para o Rio de Janeiro, onde o produto era pintado com um corante comestível verde e vendido em feiras como se fosse feijão-de-corda. Os dois tipos de leguminosa têm muito em comum e podem substituir um ao outro em várias receitas. A maior diferença, da perspectiva de quem comete o crime contra a economia popular, é o preço: o feijão-de-corda, cujo quilo alcança 27 reais, é quatro vezes mais caro do que o seu primo.

A falsificação de alimentos pode ser absurda, mas não é inédita. Lembro de situações da panificação em que costumavam "sujar" a farinha refinada de receitas com farelo de trigo para que os produtos ganhassem aspecto de integral, uma prática da qual ainda não nos livramos totalmente. Esse pão integral fajuto, embora estivesse longe de ter pelo menos 4 gramas de fibra por porção de 50 gramas (proporção que já considero aceitável), era vendido por valor equivalente ao do produto mais nutritivo, bem mais alto que o do pão branco refinado. Outros exemplos bem conhecidos da adulteração de alimentos são o "composto de óleo e azeite", que é disponibilizado como se fosse azeite, e a mistura de margarina e manteiga, vendida em embalagem de manteiga comum. Quem cozinha com frequência já aprendeu a redobrar a atenção nesses casos, para não correr o risco de ver a receita desandar.

> "'Mistura láctea' é vendida como leite condensado. 'Bebida láctea', à base de soro, passa por leite"

Com o mesmo objetivo de confundir o consumidor, têm surgido produtos que só se parecem com seus congêneres mais caros. "Mistura láctea" é vendida como leite condensado. "Bebida láctea", feita à base de soro, passa por leite. "Creme sabor requeijão" frequenta a prateleira ao lado do requeijão. Há até um "pó para preparo de bebida sabor café" comercializado como se fosse pó de café. Nada disso é crime, propriamente, uma vez que as especificações estão descritas nas embalagens, mas quem vai dizer que não é tapeação?

Em épocas de inflação alta, falsificadores parecem se sentir estimulados a faturar ilegalmente com a diferença de preços entre produtos de qualidades distintas entre si. Mas não é de hoje, nem só por aqui, que se tenta vender gato por lebre. A expressão, aliás, já era comum nos tempos de Camões, no século XVI, na mesma época em que o feijão-de-corda chegava ao Brasil. Consta que em estalagens baratas de Lisboa e Coimbra era comum servir uma carne pela outra, auferindo-se lucro indevido. O poeta usou a expressão numa comédia em que explorava situações engraçadas com sósias. Lá pelas tantas se refere a donzelas que pensam que "com palavrinhas belas / nos vendem gato por lebre".

Mas não há nada de engraçado no fato de que, em um país líder mundial na produção de alimentos, se recorra a esse tipo de expediente que torna a carestia ainda mais cruel. ■

STEVE GRIBBEN/JOHNS HOPKINS APL/NASA

IMPACTO PROFUNDO

Sucesso de missão da Nasa para modificar a rota de um asteroide dá fôlego ao plano dos cientistas de proteger a Terra contra ameaças vindas do espaço **ANDRÉ SOLLITTO**

CÁLCULOS realizados pela Nasa, a agência espacial americana, estimam em 25 000 o número de asteroides próximos da Terra. Vez ou outra, algum deles cai sobre o planeta. Em 15 de fevereiro de 2013, uma pedra com 18 metros de diâmetro atingiu a cidade de Chelyabinsk, na Rússia. O evento gerou uma onda de choque que feriu 1 200 pessoas e provocou danos materiais de 30 milhões de dólares. Nos próximos anos, é certo que, em menor ou maior grau, novas colisões aconteçam. Um possível impacto está previsto para ocorrer entre 2048 e 2057, quando o asteroide VK184 passar pela órbita terrestre. Felizmente, não há previsão sobre a repetição da tragédia de 66 milhões de anos atrás, quando um meteorito de 10 quilômetros de diâmetro despencou sobre a Península de Yucatán, no México — de uma hora para outra, três quartos de todas as espécies de animais e plantas foram eliminados, incluindo os dinossauros. Diante de tudo isso, uma façanha realizada pela Nasa há alguns dias pode ser considerada, de fato, extraordinária. Graças à inédita operação, agora a humanidade poderá dormir um pouco mais tranquila.

Na segunda-feira 26, uma espaçonave enviada pela agência há dez meses se chocou contra o pequeno asteroide Dimorphos. Com apenas 163

MARK GARLICK/SPL/GETTY IMAGES

EXTINÇÃO Impacto há 66 milhões de anos: os dinossauros foram dizimados

metros, ele faz parte do sistema Didymos, nome de outro corpo celeste bem maior, de 780 metros de diâmetro. Nenhum dos dois oferece perigo. Na verdade, o objetivo dos cientistas era testar a capacidade de acertar um alvo a 11 milhões de quilômetros de distância e provocar uma alteração na órbita original. Transmitido ao vivo no canal da Nasa no YouTube, o impacto foi assistido por milhões de pessoas. O espetáculo grandioso entrou para a história, mas sua real eficácia será conhecida apenas daqui a algum tempo — a data exata não foi definida —, quando a Nasa saberá se a rota do asteroide foi alterada, conforme previsto, em 1%. Apenas isso? Sim, uma pequena mudança de rumo já seria suficiente para provar que é possível, com a tecnologia atual, desviar ameaças em vias de colidir com a Terra.

Na última década, a Nasa vem ampliando os investimentos na exploração de Marte. Ao mesmo tempo, mas sem a mesma visibilidade, criou uma célula para estudar mecanismos capazes de reduzir o risco que a colisão de um asteroide traria para o planeta. Concluí-se que atingir em cheio objetos celestes seria a estratégia mais apropriada, e a análise dos testes feitos há alguns dias trará respostas definitivas para o desafio. Em 2016, a agência espacial divulgou um documento informando que monitorava 244 objetos cósmicos próximos da Terra. No futuro, talvez seja o caso de abalroá-los para afastar a possibilidade de que nos atinjam. As ferramentas de monitoramento estão sendo aprimoradas. Em 2026, a Nasa planeja pôr em órbita o telescópio NEO Surveyor, cujo sistema de câmera infravermelha escaneará o cosmos durante doze anos em busca de objetos que ponham o planeta em risco.

O temor de um impacto mortífero está presente na cultura pop. Em 1998, dois filmes, *Armageddon* e *Impacto Profundo,* abordaram a tentativa dos humanos de impedir que um meteoro acabasse com tudo, algo mais ou menos parecido com o que a Nasa fez agora. No ano passado, *Não Olhe para Cima,* da Netflix, mostrou a história de dois astrônomos que tentam, sem sucesso, convencer as pessoas de que a aproximação de um cometa destruirá a Terra. No final, o planeta é devastado pelo impacto. Graças ao avanço da ciência, porém, tragédias assim ficarão cada vez mais distantes, no avesso do negacionismo. ■

NIKO TAVERNISE/NETFLIX

FICÇÃO Cena de *Não Olhe para Cima:* o planeta destruído por um cometa

CATHERINE STEENKESTE/GETTY IMAGES

BOLA DA VEZ O imparável Vinicius Jr.: destaque do Real Madrid pede passagem na equipe titular

A VEZ DOS NOVATOS

Com a habitual solidez defensiva dos times de Tite e agora um ataque jovem e talentoso, a seleção brasileira entra firme no pelotão de favoritos ao título da Copa do Catar **LUIZ FELIPE CASTRO**

RESTAM menos de dois meses para o início da Copa do Mundo de futebol no Catar e, como de costume, a seleção brasileira iniciará a disputa entre os fortes candidatos ao título — desta vez, com argumentos mais sólidos do que os clichês sobre tradição e peso da camisa dos pentacampeões. A esperança de que o jejum de vinte anos possa chegar ao fim reside não apenas na solidez do time, que terminou as insossas eliminatórias sul-americanas de forma invicta, mas também no surgimento de uma nova leva de atacantes cheios de graça e vitalidade. Vinicius Jr., Antony, Raphinha e Richarlison estrearão no Mundial na condição de esperanças do hexacampeonato.

Enquanto outros favoritos patinam, como a atual campeã França, além de Alemanha, Inglaterra e Portugal, todas eliminadas na primeira fase da Liga das Nações da Uefa, o Brasil segue em viés de alta. O ciclo para o Catar foi encerrado com triunfos de 3 a 0 sobre Gana e 5 a 1 sobre a Tunísia, em amistosos na França. Em seis anos de trabalho, Tite soma 57 vitórias, catorze empates e só cinco derrotas, com 166 gols marcados e 27 sofridos. Ainda que os resultados sempre tenham sido bons, o Brasil não encantava nem mesmo o próprio treinador e muito menos a torcida e a opinião pública. A derrota em casa para a Argentina na final da Copa América, em 2021, foi um duro golpe. A VEJA, Tite admite ter ganhado novo fôlego justamente após a entrada dos jovens atacantes, a quem chama carinhosamente de "perninhas rápidas" por sua agilidade. "A seleção foi se construindo, testando sistemas. Antes faltava uma criação maior", diz Tite. "A vinda dessa nova geração de atletas, principalmente do setor da frente, com grande qualidade técnica individual, trouxe a nossa melhor versão."

A nova formatação faz lembrar o já saudoso Jô Soares e os apelos de seu personagem Zé da Galera, que em 1982 clamava ao técnico Telê Santana (o último a dirigir o Brasil em Copas seguidas antes de Tite) para que escalasse pontas. "Dessa crítica eu não sofro", brinca o comandante. "Me questionam por que não tenho um lateral

ANTONY

Idade: 22 anos

Clube: Manchester United

Outro habilidoso atacante canhoto, o jogador revelado pelo São Paulo foi comprado pelo gigante inglês por ***100 milhões de euros*** *após brilhar no Ajax e no caminho para o ouro olímpico*

MARK LEECH/OFFSIDE/GETTY IMAGES

RAPHINHA

Idade: 25 anos

Clube: Barcelona

Ponta canhoto e driblador, foi quem melhor aproveitou as chances dadas por Tite no último ano. Pelo gaúcho revelado pelo Avaí, o clube catalão pagou ***58 milhões de euros*** *junto ao Leeds United*

MARK LEECH/OFFSIDE/GETTY IMAGES

RICHARLISON

Idade: 25 anos

Clube: Tottenham

Mais experiente entre os novatos da seleção, foi a ***estrela da conquista da Olimpíada de Tóquio*** *e mantém bons números no time de Tite. Irreverente, o Pombo contribui com gols e transpiração em campo*

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

ofensivo como Jorginho ou Cafu. Não é o que eu quero ou não quero. Se eu tenho dois ótimos pontas, para que vou colocar o lateral ali?"

Os jovens estão dando conta do recado e devem ter papel fundamental na Copa. O momento da virada se deu em Caracas, há menos de um ano, em outubro de 2021, quando o Brasil saiu perdendo para a Venezuela, mas virou para 3 a 1 depois da entrada de Raphinha, Antony e Vinicius Jr. O marasmo criativo chegou ao fim e Tite se viu quase obrigado a abandonar o estilo conservador, porém não agiu sozinho. De início, chegou a torcer o nariz quando seu estafe, que inclui o filho e auxiliar Matheus Bachi, insistiu pela convocação de Raphinha, então no Leeds, clube modesto da Inglaterra. A comissão perseverou, o técnico cedeu e não se arrependeu. O prodígio mais badalado, no entanto, é mesmo Vinicius Jr., a carismática estrela do Real Madrid. Dos novatos, é quem menos rendeu, mas suas atuações no gigante espanhol o credenciam a brigar por uma vaga de titular em Doha.

O histórico de glórias brasileiras passa sempre pela presença de sangue novo. O caso mais emblemático é o de Pelé, protagonista do primeiro título, em 1958, aos 17 anos. No penta em 2002, o time titular contava com Kleberson (23 anos), Gilberto Silva (25), Lúcio (24) e Ronaldinho Gaúcho (22). Há, porém, casos de precipitação. Na Rússia, em 2018, Gabriel Jesus, aos 21 anos, recebeu a camisa 9, mas decepcionou, sem nem um mísero golzinho. Mais maduro, pode se redimir. E Neymar? Aos 30 anos, a estrela do time, em ótima fase no PSG, enfim terá responsabilidades divididas. Favoritismo não ganha jogo, mas há razão para otimismo. O desafio de Tite será achar lugar para todos. Mas cabe um alerta: Sérvia e Suíça, dois dos adversários da primeira fase no Catar, são complicados — apenas Camarões parece ser presa fácil. A ver. ■

INSTAGRAM @LAURENWSANCHEZ

A CAVALO Jeff Bezos, da Amazon: com camiseta justa para exibir o físico, o empresário inspira outros executivos

FORÇA PRODUTIVA

Não são apenas as mulheres que enfrentam a ditadura da estética. Agora, homens que comandam grandes empresas precisam apresentar músculos de aço **ANDRÉ SOLLITTO**

EM MEADOS DE 2017, Jeff Bezos, então presidente da Amazon e o terceiro homem mais rico do mundo, foi fotografado com um novo visual. De camisa preta de mangas curtas, colete e óculos escuros, ele exibia bíceps esculpidos na academia e parecia mais um guarda-costas do que o nerd franzino que fundou em 1994 aquele que se tornaria o maior e-commerce do planeta. Na época, muitos se divertiram ao comentar a aparência pouco convencional para um empresário de sua dimensão. Agora, contudo, o "efeito Bezos", como o fenômeno vem sendo chamado, se espalhou pela alta cúpula de algumas das maiores empresas do mundo. É a nova — e inesperada — era dos CEOs "bombados".

Aos 58 anos, Bezos continua sendo o exemplo a ser seguido: posa com camisa justa, faz questão de ser flagrado praticando esportes, andando a cavalo ou de jet ski, e aparece ao lado da namorada, a repórter de TV Lauren Sánchez. Mas não está sozinho: Pavel Durov, fundador do Telegram, praticamente só publica imagens sem camisa, exibindo os músculos. Jason Oppenheim, empresário do ramo imobiliário de luxo e celebridade televisiva, é outro que não perde a oportunidade para mostrar a boa forma, assim como o executivo Strauss Zelnick, da empresa de games Take-Two. Até o discreto Mark Zuckerberg, cria-

FACEBOOK @JASONOPPENHEIM

ALLIE HOLLOWAY

EXIBIDOS Jason Oppenheim, agente imobiliário de luxo, e Strauss Zelnick, da Take-Two: rotina pesada de exercícios

dor do Facebook, incluiu as artes marciais em sua rotina e publica vídeos em que troca golpes com o lutador profissional Khai Wu .

Muitos deles garantem que foi a pandemia — e não a inveja de Bezos e as inevitáveis comparações com os músculos alheios — a responsável pelas mudanças corporais. Em casa e sem poder circular, os executivos do topo hierárquico ficaram boa parte do tempo moldando braços, pernas e ombros. Mas há evidentemente outros aspectos em jogo. Anos atrás, a ditadura estética dizia respeito apenas às mulheres, que não escapavam do escrutínio de uma sociedade essencialmente machista. Agora, contudo, os homens fora de forma também passaram a sofrer com os olhares de reprovação. Isso ficou mais evidente no ambiente corporativo.

Não é de hoje que grandes empresas privilegiam executivos que aparentam boas condições físicas. “É um movimento relacionado ao equilíbrio entre vida pessoal e profissional”, diz Pedro Glock, CEO da consultoria de recrutamento Glock Consulting. “O presidente se torna o exemplo daquilo que quer transmitir a todos sob sua liderança.” Antes, o padrão para os homens repetia quase o mesmo exigido para as mulheres — era preciso ser magro, muito magro, para ser visto com bons olhos nas companhias. Gordurinhas a mais poderiam significar desleixo consigo próprio e, portanto, um mau sinal para quem pretende comandar outras pessoas. O “efeito Bezos”, porém, adicionou músculos a essa equação. Não basta estar em boa forma — é preciso ter músculos de aço. No Brasil, o movimento também é visível. Um de seus precursores foi o empresário Abilio Diniz, que tem bíceps poderosos há bastante tempo e até criou um programa com dicas de práticas esportivas saudáveis para os funcionários de suas equipes.

INSTAGRAM @ZUCK

NO TATAME Zuckerberg: vídeos expõem sua paixão por artes marciais

Nem a honrosa exceção parece escapar à tendência. Fundador da Tesla e homem mais rico do mundo, Elon Musk sempre foi visto como um gordinho feliz. Mas isso está mudando. Em julho, Musk foi fotografado em seu iate em Mikonos, na Grécia, ao lado de Ari Emanuel, CEO da Endeavor, a dona do UFC. Enquanto Musk mostrava a barriga flácida, Emanuel ostentava um abdômen definido. Os internautas foram implacáveis e o dono da Tesla teve de se desculpar publicamente. “Acho que eu devia malhar mais”, postou no Twitter. Desde então passou a jejuar de forma intermitente e foi para a academia, mesmo admitindo “odiar fazer exercícios”. Não há dúvida: no mundo corporativo, os músculos venceram. ■

A RESSURREIÇÃO DO CARVÃO

Líderes no combate ao aquecimento global como a Alemanha recorrem a um dos combustíveis mais sujos que existem para enfrentar a crise energética da Europa **JENNIFER ANN THOMAS**

EM MEIO aos discursos contundentes proferidos durante COP26, a conferência do clima da ONU realizada em Glasgow, na Escócia, em novembro do ano passado, a ex-chanceler alemã Angela Merkel declarou que "não estamos onde deveríamos estar" com relação às iniciativas de combate às mudanças climáticas. Menos de um ano depois, a poucas semanas da COP27, que será realizada em Sharm el-Sheikh, no Egito, seu sucessor, Olaf Scholz, dificilmente teria a chance de dar recados duros a países que torram combustíveis fósseis e contribuem para o aquecimento global. Uma das nações líderes nas iniciativas para reduzir as emissões de carbono, a Alemanha se vê na constrangedora situação de religar suas velhas usinas a carvão, altamente poluentes. A primeira a entrar em funcionamento, chamada Mehrum, está localizada nos arredores de Hanover, havia sido desativada em dezembro e voltou a funcionar no início de agosto. A segunda, a de Heyden, na cidade de Petershagen, foi construída em 1952, voltou a operar no dia 29 do mesmo mês, depois de passar dois anos com suas chaminés fumarentas inativas. Outras 27 instalações semelhantes devem ser religadas nas próximas semanas — e seguir em operação até março de 2024.

Combustível fóssil cujo uso remonta aos primórdios da Revolução Industrial, há mais de 200 anos, o carvão mineral é a mais suja das opções para gerar energia. De acordo com a Agência Internacional de Energia (IEA), o CO_2 emitido pela combustão do carvão foi responsável pelo aumento de 0,3 grau na temperatura média global desde os níveis pré-industriais — no geral, estima-se que o planeta já tenha aquecido 1 grau desde então. Tal cifra torna as pedras negras extraídas das profundezas do solo as principais responsáveis pelo aquecimento da Terra. Nos últimos anos, os países desenvolvidos, principalmente os europeus, conduziram uma série de iniciativas bem-sucedidas para substituir a matéria-prima na geração de energia.

No caso da Alemanha, e de outros países da Europa Central, como a Polônia, a opção recaiu sobre o gás natural importado da Rússia. Isso até o fornecimento entrar em colapso a partir do início da guerra da Ucrânia, deflagrada em fevereiro. O país mais rico da Europa se viu então com o fornecimento de combustível para suas usinas dramaticamente reduzido e chegou às vésperas do inverno sem opções momentâneas, a não ser religar suas velhas marias-fumaça energéticas. Apesar de buscar alternativas no fornecimento de gás em outros países, como ocorreu na semana passada na Arábia Saudita e no Catar, o premiê alemão conta com poucas possibilidades a curto prazo além do carvão.

Os alemães não estão sozinhos nessa encruzilhada. O governo francês confirmou que pode fazer o mesmo com uma usina localizada na região de Lorraine, no nordeste da França, caso seja necessário para atravessar o rigoroso inverno europeu. Situação semelhante pode acontecer na Itália, que, além de tudo, enfrenta uma seca dramática que impactou a geração de energia por hidrelétricas. O efeito da medida é tão severo que o secretário-geral da ONU, António Guterres, já advertiu que, enquanto as principais economias buscam uma estratégia para substituir o gás russo, medidas de curto prazo podem criar uma dependência de longo prazo dos combustíveis fósseis. "O vício em combustíveis fósseis é uma destruição mutuamente assegurada", declarou.

STEFAN ZIESE/AKG-IMAGES/ALBUM/FOTOARENA

A situação energética na Alemanha é tão complexa que até mesmo o

POLUIÇÃO Usina de Heyden, religada na Alemanha: construída em 1952, estava fechada havia dois anos

projeto de desativação das usinas nucleares no país, que já dura mais de uma década, foi paralisado. Logo após o acidente na usina de Fukushima Daiichi, no Japão, em 2011, a então chanceler Angela Merkel reviu seu posicionamento como defensora da energia atômica e aceitou fechar até o fim de 2022 todas as dezessete usinas no país, responsáveis na época por um quarto da eletricidade gerada. Com duas centrais ainda em funcionamento, os planos de desativação foram suspensos no dia 5 de setembro até pelo menos abril de 2023. Segundo o ministro da Economia da Alemanha, Robert Habeck, as duas últimas usinas manterão suas equipes de funcionários e as instalações em esquema de prontidão, mas só produzirão energia em caso de necessidade. Habeck reforçou ainda que o plano de encerrar as atividades das usinas segue mantido para o futuro. Apesar de ser considerada uma fonte limpa, a energia nuclear é extremamente impopular entre os alemães. Na vizinha França, a realidade é bem diferente, com 70% da eletricidade do país proveniente de 56 reatores a pleno vapor.

Dados do Banco Mundial mostram que o setor de energia contribui com 40% das emissões de CO_2, 75% delas relativas a apenas seis grandes economias, entre elas China e Estados Unidos. Para manter as metas do Acordo de Paris, tratado global que prevê a redução da emissões de carbono no planeta assinado em 2016, as emissões de carvão mineral precisam ser completamente zeradas até 2050. A se considerar a nova realidade na Europa, essa corrida que já é repleta de obstáculos deve ficar ainda mais complicada daqui para a frente. ■

BANDAR AL-JALOUD/SAUDI ROYAL PALACE/AFP

CORRIDA Chanceler Olaf Scholz na Arábia: busca por combustíveis mais limpos

MATT WINKELMEYER/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

GAROTO-PROPAGANDA Pitt e o suposto segredo da juventude: ele garante que os produtos são ótimos para sua pele

BELEZA COMPARTILHADA

Brad Pitt lança cosméticos com substâncias extraídas da uva. Reconhecidamente um dos homens mais belos do mundo, o ator atribui a elas parte do seu charme **SIMONE BLANES**

NO FILME *O Curioso Caso de Benjamin Button*, de 2008, o ator Brad Pitt foi obrigado a refletir sobre a passagem do tempo. O protagonista nasce com a aparência de um idoso de 80 anos e, em um movimento contrário à natureza, rejuvenesce com o correr dos anos. O longa foi inspirado em um conto escrito em 1922 por F. Scott Fitzgerald. O autor havia ficado impressionado com a história de um menino indiano que sofria de progeria, condição genética rara caracterizada pelo envelhecimento precoce e acelerado. À época do lançamento, Pitt disse que a experiência de representar uma criança com aspecto alquebrado o levou a pensar na decadência

física e nas repercussões emocionais que o acompanham. Ele admitiu a estranheza com que se viu nas primeiras vezes em que gravou caracterizado como um velhinho, de cabelos ralos, pele manchada e enrugada e as pálpebras flácidas e caídas.

O ator tinha 45 anos quando fez o filme. Hoje, está com 58. Os cabelos começam a ficar grisalhos, as rugas, profundas e as pálpebras, já um pouco caídas, escondem os famosos olhos azuis. Pois é nessa altura da vida que o astro decidiu lançar uma linha de cosméticos. A razão, segundo ele, é oferecer ao mercado mais uma opção para tratar a cútis tenha ela a idade que tiver. “Não quero fugir do envelhecer. É um conceito do qual não podemos escapar, mas gostaria de ver nossa cultura falando sobre isso de maneira natural”, afirmou. “A ideia de antienvelhecimento é ridícula. O que é real é tratar sua pele de maneira saudável.”

Chamada Le Domaine Skincare, a linha tem como base substâncias antioxidantes extraídas da uva. Elas ajudam a proteger as células de moléculas envolvidas no envelhecimento precoce. Os produtos são feitos em parceria com a família Perrin, proprietária do Château de Beaucastel — uma das mais famosas vinícolas do mundo —, com quem Pitt havia trabalhado em seu próprio vinhedo, o Miraval Côtes de Provence, no sul da França. Todos foram desenvolvidos usando as informações levantadas pelo professor de enologia Pierre-Louis Teissedre, da Universidade de Bordeaux, sobre as treze uvas cultivadas pelos Perrin.

Houve, inclusive, a obtenção de duas patentes: a GSM10, uma molécula que une compostos presentes nas sementes de uvas grenache com as sementes e casca das uvas syrah e mourvèdre, e o ProGR3, derivado do antioxidante resveratrol, encontrado nas gavinhas de videira. Os produtos também possuem flavonoides, outro celebrado composto usado contra a expansão das rugas e a ação do tempo. Os efeitos positivos dessa categoria de princípios ativos são reconhecidos pela ciência. “O benefício é promovido tanto na cútis de homens quanto na de mulheres”, diz a dermatologista Paula Rahal, membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia.

A Le Domaine Skincare foi lançada na França, Reino Unido, Itália, Alemanha, Suíça, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Estados Unidos, com preços a partir de 80 dólares e ainda não está disponível para entrega no Brasil. Pitt está otimista quanto ao empreendimento. Até porque, diz o ator, ninguém melhor do que ele para ser o garoto-propaganda. “Se eu não tivesse visto diferença real na minha pele, não teria me envolvido”, diz. Ele está sendo sincero, mas convém acompanhar o lançamento com algum cuidado — afinal, é também uma jogada de marketing do bem. ■

PHILIPPE ROY/AURIMAGES/AFP

ORIGEM Châteauneuf-du-Pape, em Avignon: os vinhedos como base dos produtos

LE DOMAINE

SUSTENTÁVEL Embalagens como manda a modernidade: vidros e rolhas dos produtos são recicláveis

RICKY TOMPKINS

“MODELO NÃO TEM PRAZO DE VALIDADE”

A gaúcha Shirley Mallmann, de 45 anos, venceu um tabu ao voltar às passarelas internacionais na maturidade

QUANDO comecei a trabalhar como modelo, nos anos 1990, eu ouvia constantemente a comparação entre minha carreira e a dos jogadores de futebol. Para ambas as profissões, a aposentadoria aconteceria em torno dos 30 anos. O conselho geral era “Faça seu pé-de-meia enquanto é tempo”. Resolvi contrariar esse senso comum. Recentemente, aos 45, voltei às passarelas da Semana de Moda de Nova York, após um hiato de dez anos. Ainda bem: o mundo mudou e a modelo não tem mais prazo de validade.

Esse afastamento se deu por uma combinação de fatores: fiquei mais velha e priorizei o cuidado dos meus filhos, que hoje têm 20 e 14 anos. Moramos em Long Island, Nova York, e a rotina de uma modelo, que passa semanas fora de casa em viagens, não batia com a de uma mãe de crianças pequenas. Passei a ficar mais seletiva e, logo, recebi menos convites. O mundo é cruel com o processo de amadurecimento das mulheres. Não faz muito tempo, postei uma foto no Instagram e uma pessoa comentou: “Nossa, como você envelheceu”. Senti um aperto no peito. Depois pensei que sim, eu envelheci. E tudo bem. Não dá para parar o tempo e não sou adepta de procedimentos invasivos ou de filtros de redes sociais para fingir uma idade que não tenho.

No auge da minha carreira, aos 23, engravidei do Axil, meu primeiro filho. Eu escondi a gravidez até quando deu. Estava muito feliz, mas, todos ao redor, quando ficaram sabendo, tratavam como se fosse uma tragédia e temiam que minha carreira acabasse ali. Meses depois do parto, porém, eu já estava trabalhando de novo. O mercado da moda já estava mudando naquela época. Nessa minha recente volta às passarelas da Semana de Moda de Nova York, pela grife Tibi, em setembro, notei que essas transformações se aceleraram radicalmente.

Há vinte anos, os bastidores de um desfile evidenciavam em cada canto seu grupinho definido: de um lado, as modelos, altas e magras; em outro canto, os maquiadores; em outro os stylists; e assim por diante. Os estereótipos eram tão marcados que era fácil reconhecer quem era de qual grupo. Dessa vez, quando cheguei ao local, a recepcionista me perguntou o que eu faria ali: “Você é modelo, maquiadora, fotógrafa?”. Eu disse: “Modelo” — e ela me mostrou minha área. Atrás de mim, uma mulher linda, mas fora dos padrões de corpo antes típicos para uma passarela, também era modelo, e desfilou comigo. No camarim, a mudança era visível. A meu lado havia mulheres de corpos, cores e alturas diferentes. Algumas delas mais novas, outras mais velhas do que eu, além da presença de homens e trans. A diversidade estava por todos os lados. Acho que essa mudança aconteceu graças à pressão dos consumidores. Todos querem se ver retratados em revistas, sites, passarelas. Eu aprendi que ser modelo é mais que a beleza exterior, tem a ver com ser um modelo de atitude, de respeito, e essa nova fase da moda reflete isso.

Comecei a trabalhar na adolescência. Aos 19 anos fiz minha primeira viagem internacional para os Estados Unidos, nem falava inglês. Lembro-me de que uma vez precisei passar pelo crivo da Anna Wintour *(a temida editora-chefe da Vogue)*. Quando entrei na sala e ela viu uma mulher loira de olhos azuis, ficou chocada e perguntou: “Você é mesmo brasileira?”. Essa reação eu ouvi por muitos anos. A variedade de tipos físicos de brasileiros era desconhecida lá fora até então. Venho de uma família de origem alemã, em Santa Clara do Sul, uma cidade pequena no interior gaúcho. Lá eu trabalhava como costureira numa fábrica de sapatos antes de ser descoberta. Ao olhar para trás, tenho orgulho de quem eu sou e da minha história — e, por enquanto, não tenho planos de me aposentar. ■

Depoimento dado a Raquel Carneiro

SONY INTERACTIVE ENTERTAINMENT

AVENTURA *Last of Us II:* no enredo pós-apocalíptico, a heroína atira, esfaqueia e se relaciona com mulheres

O JOGO DA DIVERSIDADE

A indústria dos videogames começa enfim a dar atenção à comunidade LGBTQIA+, tanto nos enredos que produz quanto em medidas para combater a intolerância **MATHEUS DECCACHE**

NOS CENÁRIOS de faz de conta cada vez mais reais criados pela indústria dos videogames sobram tiros, porradas e bombas. Os jogos mais populares reproduzem na tela o herói forjado nos filmes de ação de Hollywood, em que o machão de bíceps avantajado luta contra tudo e contra todos para completar sua missão. Os excessos de testosterona frequentemente respingam fora da tela — o ambiente nas multimilionárias desenvolvedoras de games é notoriamente machista e insalubre para quem não é homem, dificuldade que se repete no mundinho dos jogadores. Pressionada pela onda inclusiva e antipreconceitos cada vez mais presente na sociedade, porém, a indústria está mudando e a prova disso é o crescente número de produtos em que os personagens se inserem abertamente na comunidade LGBTQIA+, para alegria de um time de loucos por jogos eletrônicos que, de tão atuante, ganhou até nomenclatura própria: são os *gaymers*.

Um dos exemplos mais recentes da diversão inclusiva é o premiado *The Last of Us II*, da Naughty Dog, em que uma personagem assumidamente lésbica sai em busca de vingança em um universo pós-pandêmico e, em sua jornada, se relaciona com mulheres e questiona os próprios valores. O enredo não trata especificamente de diversidade — a sexualidade da heroína é apenas um dos aspectos de sua personalidade, o que provavelmente ajuda a explicar seu sucesso. De acordo com levantamento do Gayming Mag, site exclusivamente voltado para esse público, cerca de 200 jogos que tratam a homossexualidade e temas afins de maneira aberta foram lançados no último ano, boa parte deles desenvolvida pelas marcas mais conhecidas do mercado. "As desenvolvedoras maiores estão correndo para não ficar defasadas", explica o empresário Arison Uchôa, presidente da associação de jogos virtuais do Ceará.

Quanto mais produtos são lançados, mais visibilidade ganha a comunidade dos *gaymers*, até recentemente pouco relevante para a indústria. A streamer trans Sabrina Pacheco, conhecida nas redes como Sabrinoca,

RIOT GAMES

FANTASIA *League of Legends – Rise with Me:* personagens trans e gays em uma das franquias mais populares

faz sucesso com transmissões em que interage com pessoas assumidamente gays enquanto se aventura nos consoles. A contrapartida negativa é que o preconceito, que sempre existiu, também ficou mais evidente e acirrado. "Existem pessoas que veem as minhas *lives* só para fazer comentários ofensivos e homofóbicos", diz Sabrina. Uma pesquisa realizada no Reino Unido revelou que 40% dos *gaymers* enfrentam situações de homofobia quando estão on-line com outros jogadores.

Coibir comentários homofóbicos é um desafio para as grandes empresas. A Riot Games, dona da franquia *League of Legends*, que reúne milhões de fãs em todo o mundo — e adicionou no ano passado personagens trans e gays a seu universo fantástico, no enredo de *Rise with Me (Leona and Diana)* —, pune desde 2018 os jogadores intolerantes com perda temporária do cadastro. Tanto o novo tema quanto a punição são reações a processos movidos por funcionárias acusando a empresa de ser sexista. A Riot também implantou um comitê para garantir diversidade nos jogos. "Ele tem sido vital na construção de uma comunidade inclusiva, no ambiente interno da empresa e no desenvolvimento de produtos", afirma Diego Martinez, gerente-geral da Riot Games no Brasil. Outros dois gigantes do mercado, a Activision, dona da famosa franquia de guerra *Call of Duty*, e a Ubisoft, envolveram-se recentemente em denúncias de assédio sexual feitas por funcionárias.

INSTAGRAM @SABRINOCA

PRECONCEITO A streamer trans Sabrina: "Pessoas veem minhas *lives* só para fazer comentários ofensivos"

Reconhecer-se na tela é uma conquista para os jogadores que não se encaixam no perfil de macho alfa digital. "Eu não defendo que os jogos tenham histórias gays. Só quero ser representada de maneira fiel e plausível", diz Giovana Bérgamo, 25, que se identifica como lésbica. O próprio herói fortão, quem diria, já começa a rever suas convicções. No *Red Dead Redemption 2,* um típico caubói machista e violento vai suavizando suas atitudes até terminar servindo de modelo de bom moço para um grupo de bandoleiros que se redime e passa a fazer o bem. O jogo, ao que tudo indica, está virando. ■

KYLE GUSTAFSON/ THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES

SINFONIA Orquestra de Washington, nos EUA: todos os artefatos musicais trazem benefícios, de harpas a trompetes

SINTONIA FINA

Tocar um instrumento na juventude preserva habilidades cognitivas até a maturidade. Quanto maior for a destreza musical, melhor é a recompensa para o cérebro **AMAURI SEGALLA**

NO SÉCULO VI a.C., o filósofo grego Pitágoras de Samos passou diante de um ateliê de ferreiros quando percebeu que a batida dos martelos sobre a bigorna evidenciava uma relação matemática entre os sons emitidos e o peso dos objetos. A partir daí, ele formulou a teoria baseada na ideia de que os números são a essência de tudo — inclusive da música. Gênios como o compositor alemão Johann Sebastian Bach comprovaram a notável simetria entre informações numéricas e sonatas e concertos. Desde então, a ciência sabe que a habilidade para criar ou produzir sons únicos está ligada a um tipo de habilidade cerebral superior.

Mais recentemente, a cultura pop reforçou essa perspectiva. O guitarrista do Queen, Brian May, é Ph.D. em astronomia. Frontman da banda Offspring, Dexter Holland tem mestrado em biologia molecular. Agora, uma nova pesquisa descobriu algo ainda mais extraordinário: mesmo pessoas que tocaram instrumentos apenas na infância ou juventude preservaram ao longo da vida as qualidades cognitivas despertadas pela música, transportando-as até a maturidade.

Pesquisadores da Universidade de Edimburgo, na Escócia, chegaram a essa conclusão depois de aplicar uma série de testes mentais em 366 idosos. O interessante é que eles haviam participado de outro experimento no longínquo ano de 1947, quando o governo da Escócia resolveu avaliar “os níveis de inteligência” de seus estudantes.

ALTO E BOM SOM

Os estudos que confirmam os benefícios

PARTICIPANTES

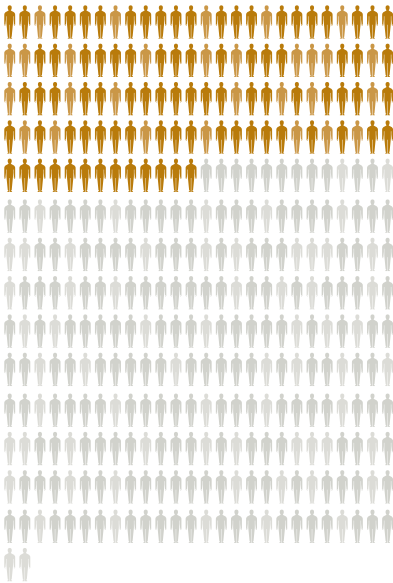
Os pesquisadores da Universidade de Edimburgo, na Escócia, avaliaram a velocidade de raciocínio, consciência espacial e habilidade com números de

366 IDOSOS ESCOCESES

RESULTADOS

Dos 366 participantes,

117 TOCARAM ALGUM INSTRUMENTO NA INFÂNCIA E JUVENTUDE.

Todos os músicos apresentaram melhor capacidade cognitiva do que aqueles sem experiência musical

OUTRAS PESQUISAS

Em 2021, a Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos, compilou 21 estudos feitos nos últimos anos que comprovaram que tocar um instrumento aumenta a memória e os níveis de concentração

E+/GETTY IMAGES

AFINADAS Mente sã: músicos desenvolvem raciocínio matemático

Entre os analisados, 117 tiveram alguma experiência musical na infância. O resultado surpreendeu os cientistas. Ao comparar os dois testes separados por décadas, perceberam que os músicos repetiram, na idade avançada, o bom desempenho obtido no passado distante. Todos os que tocaram instrumentos — qualquer um, de pianos a violinos, de flautas a trompetes — apresentaram maior velocidade de raciocínio, melhor consciência espacial e facilidade para resolver equações matemáticas. Em resumo: os músicos demonstraram agilidade mental acima dos outros. “Concluímos que atividades mentalmente desafiadoras, como tocar um instrumento, estão associadas a melhores habilidades cognitivas”, diz a antropóloga Judith Okely, uma das autoras do estudo.

Ela ressalta outro aspecto louvável da formação musical. Esse tipo de conhecimento persiste por toda a vida, mesmo para aqueles que jamais voltaram a dedilhar um violão novamente. Além disso, as competências cognitivas foram maiores nos idosos que jamais abandonaram o instrumento — portanto, a música traz recompensas adicionais a depender da excelência do indivíduo. Para alguém como o violinista brasileiro Guido Sant’Anna, um gênio precoce de apenas 17 anos que venceu há alguns dias o Prêmio Internacional Fritz Kreisler, um dos mais reputados do mundo, significa que sua destreza com o instrumento certamente deixará como legado habilidades mentais que o acompanharão em toda a sua existência.

Não é de hoje que a ciência se dedica a investigar o poder da música sobre o cérebro humano. Segundo a Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos, ao menos 21 estudos confirmaram nos últimos anos que tocar instrumentos revigora a memória. Um dos trabalhos de maior repercussão foi executado pela Universidade Heinrich Heine, de Düsseldorf, na Alemanha. Os cientistas descobriram que os músicos têm o lobo temporal esquerdo do cérebro maior que o de outros indivíduos. O hemisfério esquerdo, lembre-se, está associado a funções analíticas, e por isso é mais desenvolvido em pessoas que exercem atividades como a matemática e outras ciências exatas. Tocar instrumentos não é apenas uma valorosa expressão artística. Representa também a oportunidade de manter, na idade que for, a mente sempre afiada. ■

MAURO PIMENTEL/AFP

A NOVA VIDA NA ESTRADA

Cansados da rotina andarilha das turnês, artistas como Harry Styles e Coldplay estão mudando a lógica dos shows: eles agora arrastam multidões para longas temporadas em um só local

AMANDA CAPUANO

ACAMPAMENTO Coldplay: sequência de apresentações em locais fixos na América Latina

KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES

POPULAR Styles: dos EUA ao Brasil, shows lotados nos mesmos estádios

Quando Harry Styles cantou no Madison Square Garden, em 21 de setembro, a plateia estava cheia de fãs que peregrinaram até ali para a última apresentação naquela que foi sua casa por um mês: o britânico era atração da arena nova-iorquina desde agosto, em quinze shows com lotação máxima. Há alguns dias, aterrissou no Texas, onde subirá ao palco seis vezes até 3 de outubro — no total, serão 42 apresentações nos Estados Unidos em 2022, concentradas em cinco cidades. O mesmo vai se repetir por aqui: os ingressos para as três noites de dezembro em que estará no Allianz Parque, em São Paulo, esgotaram-se rapidamente (além disso, ele irá ao Rio e a Curitiba). O caso de Styles aponta uma tendência: com poder de arrastar multidões, nomes incensados da música hoje optam por reduzir a marcha da chamada "vida na estrada", fincando raízes temporárias com numerosos shows no mesmo local.

Ao dar um tempo na tradição nômade que sempre marcou as turnês musicais, os grandes artistas atuais promovem uma guinada comportamental curiosa. Hoje mais preocupados com itens como qualidade de vida e sossego, eles passam longe do ideal romântico e errático das antigas turnês de ídolos do rock como Led Zeppelin ou Nirvana, regadas a sexo, drogas e noitadas. O impacto mercadológico do novo modelo não é menos expressivo. Fixar residência, ainda que transitória, é também uma forma de otimizar os custos abissais da logística de produção dos shows em estádios.

É o que fará o Coldplay na América Latina. Depois da passagem marcante pelo Rock in Rio, a banda emendou o festival com a turnê *Music of the Spheres*, que terá uma sequência de seis apresentações no mesmo Allianz

GARETH CATTERMOLE/GETTY IMAGES

CASEIRA Adele: ela quer conciliar vida pessoal e temporada de espetáculos

MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES

DECADÊNCIA Elvis Presley nos anos 70: residência em cassino de Vegas foi indicativo do fim de carreira

Parque a partir de 15 de outubro (mais duas noites no Rio), e outras dez no estádio do River Plate, em Buenos Aires. "Maximizamos o número de shows quando há menos viagens entre cidades. No caso do Coldplay, havia uma demanda gigantesca por ingressos", explica Alexandre Faria, vice-presidente da Live Nation Brasil, realizadora dos shows.

O esquema segue mais ou menos a lógica de uma temporada no teatro: o artista escolhe cidades estratégicas para múltiplas apresentações, atraindo o público dos arredores. Com isso, escapa do desgaste físico de pular de cidade em cidade, e evita custos de deslocamento. É uma fórmula que traz dividendos variados, mas não está ao alcance de qualquer um. Basta olhar para o passado para entender que conclamar o público a essa espécie de "venham a mim" é uma demonstração de força: entre os raros precursores de Styles e Coldplay está Prince, que fez 21 shows esgotados numa arena em Londres em 2007. "É uma coisa cíclica adotada por quem conquista prestígio", analisa o produtor musical João Marcello Bôscoli.

A nova realidade não chega sem certa ironia. Se as famigeradas residências em Las Vegas tornaram-se indicativo de decadência desde que um inchado Elvis Presley reinou por lá, nos anos 1970, Adele agora põe isso em xeque. No auge da carreira, a inglesa anunciou a residência *Weekends with Adele*, com trinta shows no hotel-cassino Caesars Palace entre novembro deste ano e março de 2023. Em 2017, após passar quinze meses na estrada, Adele cogitou nunca mais sair em turnê. "Não é algo que me faz bem. Sou uma pessoa caseira e gosto das coisas simples", escreveu aos fãs. Agora, encontrou na residência uma alternativa para brilhar no palco sem a loucura de uma turnê tradicional, conciliando a carreira com a vida pessoal.

A atitude de Adele é reflexo de uma discussão muito atual: a preocupação com a saúde mental converteu-se em uma questão sensível para os ídolos pop. "Faço turnê desde os 15 anos e, para ser honesto, sempre foi difícil estar longe de amigos e familiares", proclamou o canadense Shawn Mendes ao cancelar em julho a turnê *Wonder*, com apenas sete dos 87 shows realizados. Nesse cenário, o modelo de "temporadas fixas" surge como alternativa para mitigar a estafa que a rotina (ou a falta dela) tem sobre as estrelas. Se o show precisa continuar, que seja no mesmo palco. ■

TWENTIETH CENTURY FOX

PANDORA EM 4K Zoë Saldaña como uma Na'vi: alegoria indígena e ambiental rumo ao terceiro bilhão nas bilheterias

MAGIA INESGOTÁVEL

Após treze anos, *Avatar* retorna de forma triunfal aos cinemas, mostrando que sua mensagem ecológica ficou ainda mais atual em 2022 — e seus efeitos visuais continuam deslumbrantes

DIANTE de um empresário ganancioso e de mercenários mal-encarados, uma cientista lista, inutilmente, razões para que eles desistam de derrubar uma árvore. Todos riem enquanto ela explica que há uma ligação neural subterrânea inigualável entre a enorme planta, do tamanho de um prédio de cinquenta andares, e toda a floresta — conexão que se expande até sua população nativa, os Na'vi. Nem o argumento de que a árvore é o lar desse povo, e onde vivem crianças, é capaz de convencê-los: afinal, os nativos, chamados por eles de "selvagens", não merecem tratamento humano — nem são mais valiosos que os minérios a ser explorados ali. A árvore, então, vem abaixo.

A cena dramática do filme ***Avatar,*** de 2009, que acaba de voltar aos cinemas em cópias restauradas em 4K, alcançou o resultado esperado por seu idealizador, o cineasta James Cameron. "Eu queria que as pessoas no cinema chorassem vendo uma árvore no chão. Um ecossistema envolve ligações afetivas e biológicas", disse o americano em entrevista via Zoom a VEJA, da Nova Zelândia.

Cameron se instalou no país para as filmagens das quatro sequências da saga dos alienígenas azuis — criaturas que servem de alegoria para os povos indígenas, entre eles os do Brasil: na época do lançamento do primeiro filme, o cineasta até ganhou do cacique Raoni um nome em caiapó, Kapremp-ti (que significa homem forte). Os longas chegarão aos cinemas em intervalos bianuais: *Avatar 2: o Caminho das Águas* estreia em dezembro deste ano; e o último capítulo, *Avatar 5,* em 2028. O projeto ambicioso, de mais de 1 bilhão de dólares, fez com que Cameron e os protagonistas, Sam Worthington e Zoë Saldaña, voltassem ao planeta Pandora. O cenário da selva, agora, dará lugar ao oceano — paixão do diretor, que levou os atores a tirar certificado de mergulho para filmar debaixo d'água. *Avatar,* então, retorna aos cinemas com a missão clara de amenizar os treze anos de distância entre ele e o segundo longa — além de instigar fãs e uma nova geração antes da aguardada estreia.

A atualidade do roteiro e a qualidade visual ainda deslumbrante se refletiram em verdinhas (de dinheiro, não de plantas): em três dias, *Avatar* fez 31,6 milhões de dólares em bilheteria. A pretensão é que o filme ultrapasse os 3 bilhões de dólares em ingressos vendidos — ele já é líder do ranking de bilheterias mundial, com 2,88 bilhões arrecadados. "*Avatar,* no fim das contas, é só um entretenimento", diz Cameron. Eis um ativista modesto. ■

Raquel Carneiro

ANATOMIA DE UM MONSTRO

O sucesso da série da Netflix sobre o canibal Jeffrey Dahmer reacende um debate delicado: até que ponto se deve ou não dar visibilidade a assassinos reais na tela? **AMANDA CAPUANO**

NETFLIX

REPULSIVO Evan Peters como Dahmer: ele sentia prazer com seus crimes

UM RAPAZ branco, alto e loiro recebe a visita do pai na prisão. Acompanhado de um advogado, o idoso entrega ao filho duas revistas com o rosto do homem que ajudou a criar estampado nas capas. "Posso levar comigo para ler?", pede o prisioneiro, recebendo um não como resposta. "O que estão falando?", indaga, com uma ponta de prazer. "Que você é o canibal de Milwaukee. E que o querem morto", exalta-se o pai. Parte da minissérie ***Dahmer: um Canibal Americano,*** a cena resume a fascinação do serial killer real com o status de celebridade macabra que ganhou ao assassinar dezessete jovens, entre 1978 e 1991. Produzida pelo corrosivo Ryan Murphy e protagonizada por Evan Peters, famoso por viver psicopatas nas telas, a série reproduz em minúcias na ficção as táticas repulsivas do assassino — incluindo necrofilia, desmembramento das vítimas e até canibalismo.

O sucesso expõe um dilema ético: do topo dos mais assistidos da Netflix, com 196 milhões de horas vistas mundialmente, a produção dá ao serial killer — com ou sem intenção — uma visibilidade perseguida por criminosos como ele, que empilhou crimes como troféus e que se deleitaria com o "reconhecimento" se estivesse vivo (Dahmer morreu na cadeia em 1994). Com o gênero *true crime* em alta, assassinos famosos invadiram os cinemas e o streaming, atraindo o público com um misto perigoso de deslumbre e repugnância. A tendência ganhará reforço em 26 de outubro, com o lançamento na Netflix de *O Enfermeiro da Noite,* em que Eddie Redmayne vive Charles Cullen (esse, ainda vivo), o assassino mais letal dos Estados Uni-

BRIAN DOUGLAS/SUNDANCE INSTITUTE

FOFINHO E PERIGOSO Efron como Ted Bundy: o ator com pinta de galã ajudou a glamorizar o assassino real de mulheres

dos, que confessou quarenta assassinatos, mas pode ter cometido 400.

Não se trata, claro, de condenar toda produção sobre psicopatas reais. Quando feito de modo responsável, o *true crime* ilumina temas importantes, como o racismo que levou a polícia a ignorar os alertas dos vizinhos e sobreviventes antes de pegar Dahmer. Mas é fato que a exploração excessiva transforma criminosos em estrelas. Dahmer é tema de filmes e documentários que esmiúçam seus rituais sangrentos desde os anos 1990, entre eles *Meu Amigo Dahmer* (2017), em que é vivido por Ross Lynch. A Netflix ainda lança, em 7 de outubro, a série documental *Conversando com um Serial Killer: o Canibal de Milwaukee*. “Minha família está revoltada. Está nos traumatizando mais uma vez. De quantos filmes, séries e documentários precisamos?”, questionou Eric Perry, primo de Errol Lindsey, a 11ª vítima de Dahmer. Embora qualquer pessoa sã sinta repulsa com as cenas, a escalação do bonitão Peters confere inevitável aura pop ao personagem.

JOJO WHILDEN/NETFLIX

LETAL Redmayne em *O Enfermeiro da Noite:* o psicopata pode ter matado 400

Lançado em 2019, *Ted Bundy: a Irresistível Face do Mal* teve a mesma sina. Protagonizado por Zac Efron, o filme conta a história do americano que matou mais de trinta mulheres nos anos 1970. Pouco após a estreia, o TikTok foi inundado com vídeos de adolescentes fingindo ser Bundy. A propósito: o diretor Quentin Tarantino ensinou como driblar o risco de glamorizar um assassino famoso no filme *Era Uma Vez... Em Hollywood* (2019): ainda que a seita do notório Charles Manson esteja no centro da trama, ele aparece só de relance, para não ganhar cartaz.

Anos antes, porém, o thriller *Natural Born Killers*, com roteiro do próprio Tarantino e direção de Oliver Stone, foi ligado a uma série de “assassinos copiadores”, que se inspiraram no filme — incluindo os atiradores de Columbine. Chamado de “efeito *copycat*”, o fenômeno descreve a influência da exibição massiva de crimes sobre outros matadores em potencial. A anatomia de um monstro como Jeffrey Dahmer rende audiência — mas deve, antes de tudo, ser vista como um alerta. ■

HBO MAX

DE INIMIGOS A AMANTES Serkan (Kerem Bürsin) e Eda (Hande Erçel): história de amor entre pessoas que se detestam

MELODRAMAS ORIENTAIS

Inspiradas por tramas latinas e com acesso facilitado na era do streaming, as novelas turcas conquistam fãs viciados em histórias rocambolescas — e recatadíssimas **KELLY MIYASHIRO**

A JOVEM Eda (Hande Erçel) ficou órfã cedo, mas aprendeu a ser florista na curta convivência com a mãe — e, mais tarde, projetaria uma carreira como arquiteta e paisagista. Após entrar em uma faculdade com bolsa de estudos, a mocinha até garimpa um emprego na Itália para o dia em que se formasse. Só que o futuro brilhante entra pelo ralo quando a empresa do milionário Serkan (Kerem Bürsin) corta o patrocínio de bolsas estudantis e deixa Eda sem ter como prosseguir no curso. Com ódio, a protagonista de *Será Isso Amor?*, disponível na HBO Max, confronta o ricaço e risca o carro de luxo dele. Termina, contudo, é se apaixonando pelo algoz, ao ceder a um plano maluco do bonitão de armar um falso noivado com ela para provocar ciúme na ex dele. Esse melodrama açucarado e mirabolante tem cara de novelão mexicano — mas é da Turquia, cuja dramaturgia peculiar vem ganhando força mundial com a ajuda do streaming.

Dividida entre os valores islâmicos e seculares, a Turquia se inspirou nos melodramas latinos para produzir as próprias obras do gênero a partir dos anos 1960. Mas, enquanto os folhetins foram se modernizando no resto do mundo de lá para cá, o país se viu pre-

NETFLIX

OUSADIA LIGHT O sucesso *8 em Istambul:* romance temperado com política turca

NETFLIX

NOVOS TEMPOS Protagonistas de *Uma Nova Mulher:* a série tem até nudez

so a um conservadorismo que, até hoje, não permite cenas com beijos mais sôfregos na TV aberta. Os criadores locais compensaram a limitação com um artifício eficaz: carregam as tintas no sofrimento das heroínas, para êxtase de um público que não se importa com (e até prefere) a falta de contato físico entre os personagens.

Uma das profissionais responsáveis pela nova onda, Ayse Üner Kutlu, roteirista de *Será Isso Amor?,* atualmente a trama turca de maior sucesso da HBO Max, atribuiu o sucesso ao alto interesse por histórias de superação. "É muito difícil escrever novela na Turquia, especialmente porque o órgão censor pode encrencar. Não podemos fazer com que os atores e as atrizes se beijem ou façam amor na tela", disse ela a VEJA. "A forma como contamos nosso enredo lembra os contos de fadas. Buscamos oferecer uma experiência emocional intensa."

A fórmula atesta seu valor: hoje, a Turquia se impõe como um dos maiores exportadores mundiais de telenovelas, com os dramalhões locais chegando a cerca de 150 nações. A onda aterrissou aqui em 2015, quando a Band exibiu *Mil e Uma Noites* e *Fatmagul: a Força do Amor.* Embora essa última seja controversa — a protagonista é vítima de estupro coletivo e se apaixona por uma testemunha da violência —, ambas conquistaram bons índices de audiência. Como aponta o especialista em novelas Mauro Alencar, o apelo principal está na forma recatada de retratar figuras femininas. "Essas tramas não hesitam em mostrar a mulher oprimida no centro da narrativa. A mocinha passa por traumas e os supera por meio do amor de um homem violento, que se rende no final", explica. "Ao apostar em romances leves, sem sexo nem beijos, com famílias unidas e respeito pelos mais velhos, as novelas turcas resgatam valores esquecidos", complementa Gabrielle Ferreira, mestre em comunicação e expert em folhetins do país euro-asiático.

Com a ascensão no streaming, as histórias turcas, quem diria, agora arriscam uma liberdade inédita. O sucesso *8 em Istambul,* da Netflix, ousa temperar o folhetim tradicionalista com um retrato sutil dos conflitos provocados por ideologias políticas no país. Já se veem mais carícias na tela, como ocorre em *Um Milagre* (versão turca de *The Good Doctor)* e *A Agência.* Outro hit da Netflix, *Uma Nova Mulher,* tem, inclusive, momentos picantes: a jornada de uma protagonista às voltas com um drama de vida e morte traz cenas de amor e nudez. Um avanço que rompe barreiras e abre margem para produções cada vez mais ocidentalizadas. Essas novelas estão aí para provar: na era do streaming global, vale até folhetim turco. ■

TELEVISÃO

MANHÃS DE SETEMBRO – SEGUNDA TEMPORADA **(disponível no Prime Video)**

A felicidade de Cassandra (Liniker) cabe em poucos metros quadrados. A entregadora de aplicativo e cantora alugou uma quitinete em São Paulo — um respiro após morar de favor com uma amiga. Isso, até um garoto (Gustavo Coelho) bater à sua porta em busca do pai, Clóvis — nome de Cassandra antes da transição de gênero. A surpresa se desdobra na nova fase da inspirada série nacional, agora com Seu Jorge como o pai que se reconecta com a cantora por causa do neto. Sem mergulhar nas mazelas da pobreza e do preconceito, a série opta por retratar de forma cativante os laços inesperados que unem as famílias.

AMAZON STUDIOS

CATIVANTE Gustavo e Liniker: laços inesperados em *Manhãs de Setembro*

TELEVISÃO

OPERAÇÃO CERVEJA

(Estados Unidos, 2022. Disponível na Apple TV+)

Pouco depois de chegar ao Vietnã, em 1967, o americano Chickie Donohue (Zac Efron) passa a noite em uma trincheira com um vizinho de bairro. Logo percebe que nem tudo o que lhe foi contado sobre o conflito era verdade. Apesar de ser um ex-fuzileiro naval, Chickie não foi para a guerra como soldado, mas sim para entregar cervejas a seus amigos, como agradecimento e incentivo. A aventura, absurda e inocente, é adaptada da história real contada no livro de memórias do Donohue real, *The Greatest Beer Run Ever* (sem tradução no Brasil), e dirigida por Peter Farrelly. Pelos olhos de um civil, o espectador adentra os horrores do controverso conflito, enquanto o protagonista questiona suas crenças. Bem-humorado, é um filme sobre guerra, mas também sobre amizade, coragem e desilusão política.

GOLF THANAPORN/APPLE TV+

AVENTUREIRO Zac Efron como Chickie: o ex-soldado que levou cerveja para amigos no Vietnã

LIVRO

O GATO PERDIDO: UMA MEMÓRIA, **de Mary Gaitskill (tradução de Izalco Sardenberg, Todavia, 80 páginas, 49,90 reais e 29,90 reais em e-book)**

Na Itália, a autora americana encontra um gatinho magro, doente e cego de um olho. Ela e o marido se afeiçoam ao bichano, batizado de Gattino, e o levam aos Estados Unidos. Meses depois, Gattino desaparece, e Mary dá início a uma busca voraz — a investigação passa até por médiuns especialistas em pets. A narrativa sagaz entrelaça, num misto de memória e ficção, a relação da autora com o gato e sua experiência pessoal frustrante de um dia ter feito de sua casa lar temporário de crianças vulneráveis. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 59#] GALERA RECORD
2. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [2 | 42#] GALERA RECORD
3. **A HIPÓTESE DO AMOR**
Ali Hazelwood [3 | 12] ARQUEIRO
4. **O HOBBIT**
J.R.R. Tolkien [4 | 32#] HARPERCOLLINS BRASIL
5. **O LADO FEIO DO AMOR**
Colleen Hoover [5 | 15#] GALERA RECORD
6. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
Taylor Jenkins Reid [6 | 75#] PARALELA
7. **NAS PEGADAS DA ALEMOA**
Ilko Minev [7 | 26#] BUZZ
8. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [10 | 199#] VÁRIAS EDITORAS
9. **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [9 | 11#] BERTRAND BRASIL
10. **VERITY**
Colleen Hoover [8 | 25#] GALERA RECORD

NÃO FICÇÃO

1. **O NEGÓCIO DO JAIR**
Juliana Dal Piva [2 | 2] ZAHAR
2. **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [4 | 10#] BESTSELLER
3. **PASSAPORTE 2030**
Guilherme Fiuza [1 | 6#] AVIS RARA
4. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [3 | 125#] ROCCO
5. **MENTES PERIGOSAS**
Ana Beatriz Barbosa Silva [5 | 125#] PRINCIPIUM
6. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [10 | 291#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
7. **MENTES INQUIETAS**
Ana Beatriz Barbosa Silva [6 | 41#] PRINCIPIUM
8. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE**
Tori Telfer [8 | 86#] DARKSIDE
9. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 3**
Laurentino Gomes [9 | 15] GLOBO LIVROS
10. **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [0 | 33#] VOZES

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **O PODER DA CURA**
Reginaldo Manzotti [0 | 11#] PETRA
2. **FOQUE A AÇÃO, COLECIONE RESULTADOS**
André Heller [0 | 1] GENTE
3. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [1 | 176#] CITADEL
4. **A RAIVA NÃO EDUCA. A CALMA EDUCA.**
Maya Eigenmann [2 | 2] ASTRAL CULTURAL
5. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [3 | 386#] SEXTANTE
6. **COCRIADOR DA REALIDADE**
Elainne Ourives [0 | 1] GENTE
7. **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
Paulo Vieira [0 | 79#] GENTE
8. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [5 | 95#] HARPERCOLLINS BRASIL
9. **PAI RICO, PAI POBRE**
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [7 | 96#] ALTA BOOKS
10. **QUEM PENSA ENRIQUECE**
Napoleon Hill [8 | 101#] CITADEL

INFANTOJUVENIL

1. **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
Colleen Hoover [1 | 33#] GALERA RECORD
2. **COLEÇÃO HARRY POTTER**
J.K. Rowling [2 | 128#] ROCCO
3. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [3 | 359#] ROCCO
4. **AMOR & GELATO**
Jenna Evans Welch [4 | 62#] INTRÍNSECA
5. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
Casey McQuiston [6 | 78#] SEGUINTE
6. **CORALINE**
Neil Gaiman [9 | 45#] INTRÍNSECA
7. **O LIVRO DAS VIRTUDES PARA CRIANÇAS**
William Bennett [7 | 8#] NOVA FRONTEIRA
8. **AS AVENTURAS DE MIKE 3: MUDANDO DE CASA**
Gabriel Dearo; Manu Digilio [5 | 3] OUTRO PLANETA
9. **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [8 | 349#] VÁRIAS EDITORAS
10. **TODO ESSE TEMPO**
Mikki Daughtry e Rachael Lippincott [10 | 10#] GLOBO ALT

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Belém**: Leitura, SBS, **Belo Horizonte**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Cultura, Leitura, **Campinas**: Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Cascavel**: A Página, **Caxias do Sul**: Saraiva, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Aeromix, Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, **Manaus**: Leitura, Vozes, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes**: Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Passo Fundo**: Santos, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul**: Disal, **São José**: Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

JOSÉ CASADO

BRASIL DIVIDIDO

O PAÍS está mais dividido, fragmentado nas expectativas sobre as mudanças necessárias no padrão de vida nacional. A tradição de consenso se desvanece na sociedade enclausurada em longo ciclo de baixo crescimento econômico e de aumento contínuo nas desigualdades.

Sete de cada dez brasileiros se tornaram adultos a partir da Constituição de 1988, que completa 34 anos nesta quarta-feira, 5. Não viveram, mas estudaram, leram ou ouviram falar de um Brasil que foi caso de sucesso no mundo na maior parte dos dois séculos de independência.

A paisagem ao redor é eloquente sobre a dimensão do impasse: uma de cada três famílias sobrevive com 497 reais por mês — informa a FGV-Social com base em dados coletados pelo IBGE. Ou seja, a nova pobreza brasileira inclui 62 milhões de pessoas com renda de cerca de 40% do salário mínimo (1 212 reais).

Boa notícia nesta primavera eleitoral é a cristalização da rebeldia contra tentativas de um amálgama institucional do atraso com o tradicionalismo. É notável que o medo do futuro tenha impulsionado o voto, de forma inédita, enquanto parte dos candidatos atravessava a campanha com medo da resenha pública sobre seu passado.

O cenário político conflitivo não deve se dissipar tão cedo. Tende a ser a principal condicionante das decisões no governo e no Congresso a partir do verão. Nutre-se no empobrecimento geral, na insegurança alimentar da maioria, no aumento da violência nas cidades e em áreas onde economia do crime floresce no vácuo do Estado brasileiro.

A Amazônia, por exemplo, concentra 23% dos municípios onde mais se mata. São cidades pequenas, com menos de 100 000 habitantes, dominadas pelo banditismo apoiado em redes de interesses locais, hierarquizadas e conectadas ao mercado financeiro, responsável pelo ciclo da lavagem de dinheiro, a legalização dos lucros do tráfico de drogas, de terras, de madeira, de animais e de minerais — ouro, diamante, cassiterita, urânio e manganês, entre outros.

> **“Está cada vez mais estreita a margem de erro do próximo governo”**

A Amazônia se estende por mais da metade (59%) do mapa nacional e abriga treze de cada 100 brasileiros. No entanto, foi abduzida na disputa presidencial, assim como a saúde, a educação, a segurança pública e a política econômica, temas essenciais à vida em sociedade.

De um lado, acenou-se com mais do mesmo, a persistência no método errático de governo entre a impossibilidade política e a incapacidade administrativa. De outro, exibiu-se um deserto de ideias sobre o futuro, com omissões deliberadas e justificadas até como “tática” de campanha. Disso resultaram situações inusitadas, como o anúncio de retirada de propostas de governo desconhecidas e até sigilo sobre um programa econômico jamais divulgado.

Os brasileiros se destacam pelo ceticismo, mostra a sondagem anual que o grupo Edelman realiza em 28 países há duas décadas. Apenas 35% consideram o governo capaz de coordenar esforços entre instituições para resolver crises.

Entre o caos pandêmico e a retórica golpista, a maioria (59%) passou a ver no governo uma “força desagregadora”. Reflete o tamanho do fiasco da coalizão capitaneada pela extrema direita nas urnas de 2018: jogou pela janela chance ímpar de fazer um governo competente.

A oposição, curiosamente, refugiou-se na dicotomia do “bem” contra o “mal”. Atravessou mais de um ano na liderança das pesquisas estimulando voto contra um governo e não a favor de um projeto para o país, que segue desconhecido. Limitou-se a prometer um futuro de volta ao passado, que julga esplendoroso.

A realidade é dissonante. O divisionismo consolidado na campanha só agrava a cacofonia num sistema de representação política asfixiado pelo corporativismo anárquico, que se move no governo e no Congresso exclusivamente em torno de privilégios no Orçamento público.

Além disso, a eleição termina num panorama de situação econômica externa nada favorável, com sobra de previsões de recessão em 2023 e em meio a uma guerra europeia de sequelas imprevisíveis. Se confirmado o recesso global, naturalmente vai afetar o caixa do país, dependente (cerca de 40%) das vendas de produtos minerais e agropecuários.

Está cada vez mais estreita a margem de erro do próximo governo. Olhando-se ao redor, na América do Sul, pode-se verificar uma tendência à queda rápida nos níveis de aprovação dos presidentes não faz muito tempo (Chile, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Argentina, por exemplo). Única certeza possível sobre o que virá a partir de janeiro é: não vai ser fácil. ■

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

vibe saúde

PRÊMIO DE ENFERMAGEM RAINHA SILVIA DA SUÉCIA

Você que é enfermeiro no estado de São Paulo e atua na rede pública de saúde, inscreva-se já para o Prêmio de Enfermagem Rainha Silvia da Súecia e venha receber o reconhecimento mundial por seus projetos, ações e soluções de impacto social e cuidado humanizado para pessoas idosas e/ou pacientes com demência.

O Prêmio de Enfermagem Rainha Silvia da Suécia acontece pela segunda vez no Brasil e o vencedor é reconhecido com 6 mil euros, o Diploma Rainha Silvia, além de oportunidades de aprendizagem e networking internacional.

Um simples gesto pode mudar muitas vidas, inclusive a sua.

Inscrições abertas até 01/11 pelo site:
www.rainhasilviaenfermagem.com.br

Apoio institucional:

Realização: